

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Bernal Díaz del Castillo:**

**Verdade, Mérito, Representação e Protagonismo na escrita da  
*Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España (1551-1569)***

**Paulo Sérgio de Souza Gomes**

**2025**



**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Bernal Díaz del Castillo:**  
**Verdade, Mérito, Representação e Protagonismo na escrita da *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España (1551-1569)***

PAULO SERGIO DE SOUZA GOMES

*Sob a Orientação do Professor*

Luís Guilherme Assis Kalil

Dissertação submetida como requisito  
para obtenção do título de Mestre no  
Curso de Pós-Graduação em História,  
Área de Concentração em Relações de  
Poder, Linguagens e História  
Intelectual.

Seropédica, RJ

2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G633b

Gomes, Paulo Sergio de Souza, 1993-  
Bernal Díaz del Castillo: verdade, mérito,  
representação e protagonismo na escrita da historia  
verdadera de la conquista de la Nueva España (1551  
1569) / Paulo Sergio de Souza Gomes. - Nova Iguaçu,  
2025.  
109 f.

Orientador: Luís Guilherme Assis Kalil.  
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

1. Bernal Díaz del Castillo. Crônica. Conquista  
Espanhola.. I. Kalil, Luís Guilherme Assis , 1984-,  
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História III.  
Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**TERMO N° 125 / 2025 - PPHR (12.28.01.00.00.49)**

**Nº do Protocolo: 23083.009085/2025-81**

**Seropédica-RJ, 25 de fevereiro de 2025.**

Nome do(a) discente: PAULO SÉRGIO DE SOUZA GOMES

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM : 20 de fevereiro de 2025

Banca Examinadora:

**Dr. ANDERSON ROBERTI DOS REIS, UFMT** Examinador Externo à Instituição

**Dr. THIAGO BASTOS DE SOUZA, UFAM** Examinador Externo à Instituição

**Dr. LUIS GUILHERME ASSIS KALIL, UFRRJ** Presidente

**(Assinado digitalmente em 26/02/2025 16:39 )**

LUIS GUILHERME ASSIS KALIL  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptH/IM (12.28.01.00.00.88)  
Matrícula: 2263727

**(Assinado digitalmente em 25/02/2025 17:57 )**

ANDERSON ROBERTI DOS REIS  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 215.910.908-81

**(Assinado digitalmente em 11/03/2025 12:51 )**

THIAGO BASTOS DE SOUZA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 089.691.236-10

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **125**, ano: **2025**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **25/02/2025** e o código de verificação: **7bdc246891**

## Sumário

Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
Introdução.....	7
<b>CAPÍTULO I A Trajetória de Bernal Díaz – Vida, Obra e Interpretações do seu texto .....</b>	<b>10</b>
1.0 - Biografia do Cronista .....	10
1.1 - Manuscrito e traslado da Crônica .....	15
1.2 - Escrita da crônica e sua estrutura narrativa .....	18
1.3 - Historiografia sobre Bernal Díaz .....	26
1.4 - Um Bernal Díaz Inexistente: Duverger e seu Duplo Cortés .....	36
<b>CAPÍTULO II A Crônica de Bernal: Uma nova forma de narrar a Conquista.....</b>	<b>48</b>
2.0 O texto como ferramenta narrativa de Bernal Díaz .....	48
2.1 O Cronista Cortésão: Uma breve biografia de López de Gómara .....	49
2.2 Bernal e Gómara: Duas formas de narrar a Conquista.....	51
2.3 A Batalha de Cintla.....	55
2.4 História e Verdade: Um debate epistemológico.....	64
<b>CAPÍTULO III Representação de Si e do Outro na Conquista.....</b>	<b>72</b>
3.0 A Representação como ferramenta narrativa em Bernal Díaz.....	72
3.1 O Conceito de Representação para entender o Novo Mundo Em Bernal Díaz.....	72
3.2 O Espelho de Bernal Díaz: A Representação do Outro.....	75
3.2 A Representação do Outro em prol de Si.....	83
<b>CAPÍTULO IV Quem é o verdadeiro protagonista da Conquista?.....</b>	<b>89</b>
4.0 Protagonismo da Conquista em Questão.....	89
4.1 Alteração de Protagonismo feita por Bernal Díaz.....	90
4.2 Criação de um Herói da Conquista .....	94
4.3 A Nova História da Conquista .....	99
4.4 Conquistadores Negros: Uma Narrativa Esquecida.....	100

<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>105</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>107</b>
Referencias Bibliográficas.....	107

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Luis Kalil. Me acompanhou desde a graduação na UFRRJ, sempre com um olhar crítico sobre o texto, propondo novos caminhos e ideias, embarcando nos meus questionamentos e, principalmente, me motivando a continuar a pesquisa.

Aos meus amigos da pós-graduação e grupo de pesquisa: Clara, Hugo, Ana e Andressa. Os debates foram sempre frutíferos e me faziam refletir ainda mais sobre a minha pesquisa.

Aos meus familiares, Elisangela, Luana, Paulo e Vitor. Pelo suporte incondicional, pela base que me fez sonhar e continuar estudando até esse momento.

Por fim, agradeço a minha noiva Priscila. Como minha primeira ouvinte, me aguentou falando sobre Bernal Díaz dia e noite. Por me dar o suporte necessário para acreditar em mim mesmo e no meu trabalho. Sem eles, nada disso teria sido possível.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## **Resumo**

Esta pesquisa busca analisar qual era o objetivo de Bernal Díaz ao escrever sua crônica *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*, publicada pela primeira vez em 1632. Bernal Díaz participou das primeiras campanhas de exploração e Conquista do território ameríndio. Destas, se destaca a campanha liderada por Hernán Cortés, da qual Bernal Díaz se aprofunda. A partir de seu texto, pretendemos analisar forma como Bernal Díaz del Castillo representou o Novo Mundo, seus habitantes e o que considerou como aspectos mais relevantes no processo de Conquista, desde as características de seu texto, até suas motivações e discordâncias. Além disso, pretendemos analisar como seus discursos sobre o mérito da conquista influenciaram sua escrita, e como o autor pretendeu alterar o protagonismo da Conquista para si próprio.

**Palavras-chave:** Bernal Díaz del Castillo. Crônica. Conquista Espanhola.

## **Abstract**

This research aims to analyze the purpose behind Bernal Díaz's writing of his chronicle The True History of the Conquest of New Spain, first published in 1632. Bernal Díaz participated in the initial exploration and conquest campaigns of the Amerindian territory. Among these, the campaign led by Hernán Cortés stands out, and it is the one that Bernal Díaz explores in greater depth. Through his text, we aim to examine how Bernal Díaz del Castillo represented the New World, its inhabitants, and what he considered the most relevant aspects of the conquest process—from the characteristics of his writing to his motivations and disagreements. Furthermore, we intend to analyze how his discourse on the merit of the conquest influenced his writing, and how the author sought to shift the spotlight of the Conquest onto himself.

**Keywords:** Bernal Díaz del Castillo. Chronicle. Spanish Conquest.

## Introdução

[...] Y entre los fuertes Conquistadores mis compañeros, puesto que los hubo muy esforzados, a mí me tenían en la cuenta de ellos, y el más antiguo de todos, y digo otra vez que yo, yo y yo, dígolo tantas veces, que yo soy el más antiguo y lo he servido como muy buen soldado a su majestad, y diré con tristeza de mi corazón, porque me veo pobre y muy viejo y una hija para casar y los hijos varones ya grandes y con barbas y otros por criar, y no puedo ir a Castilla ante su majestad para representarle cosas cumplideras a su real servicio y también para que me haga mercedes, pues se me deben bien debidas.

Bernal Díaz del Castillo, *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*.

Bernal Díaz del Castillo é natural de Medina Del Campo, uma província de Valladolid, na Espanha. Filho do regidor Francisco Díaz del Castillo e María Diéz de Rejón. Não há uma data exata para seu nascimento, mas foi entre 1495 e 1496. Sua participação na Conquista espanhola começou a partir de 1514, ano em que chegou à ilha de Cuba na expedição de Pedrarias Dávila. Bernal Díaz participou de várias campanhas, sendo a principal delas ao lado do Conquistador Hernán Cortés. O autor acompanhou de perto grande parte dos acontecimentos que resultaram na queda de México-Tenochtitlán, entre 1519 e 1521, bem como dos desdobramentos ocorridos na região nos anos seguintes. Após participar de outras expedições, o cronista-soldado se fixou na região da Guatemala. A partir daí começa a escrever um memorial de guerra. Em 1559, conclui a escrita de sua célebre *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*, publicada pela primeira vez em 1632.

Após ser recebida pelo Conselho das Indias, a *Historia Verdadera* foi editada pelo frei Alonso de Remón. Posteriormente, outras duas versões da crônica surgiram, uma na Guatemala e outra na Espanha. Ambas com variações de conteúdos, escolhas de capítulos e alterações feitas por Bernal Díaz, seu filho Francisco Díaz e Alonso de Remón. Em todas as versões, podemos identificar uma narrativa repleta de minúcias e informações dos eventos que beiram a exaustão. Essa riqueza de detalhes é associada pelo autor a um importante motivo: a busca pela verdade. De acordo com Bernal Díaz, parte desse esforço para escrever seu relato está relacionado ao contato que ele teve com a obra *Historia General de las Indias*, de Francisco López de Gómara. Como fica evidente ao longo de sua *Historia Verdadera*, Bernal Díaz discorda de boa parte dos escritos de

Gómara, acusando sua narrativa de fantasiosa ou pouco verossímil. Desse modo, Bernal tenta legitimar a sua obra afirmando que ela, diferente de outras produzidas no período, foi o resultado de uma busca por se ater à verdade, dando créditos aos Conquistadores. Além disso, seu texto foi usado como forma de obtenção de *probanzas de mérito* para ele e seus herdeiros, como Francisco Díaz del Castillo.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a forma como Bernal Díaz del Castillo representou o Novo Mundo, seus habitantes e o que considerou como aspectos mais relevantes no processo de Conquista. Para isso, questionamos: Quais eram os possíveis objetivos de Bernal Díaz ao escrever a sua crônica? Para responder a essa questão, levaremos em consideração uma hipótese: Bernal Díaz, ao escrever a sua crônica, tinha como objetivo reescrever a Conquista, colocando o protagonismo dos feitos dos espanhóis nos Conquistadores e, mais particularmente, em si mesmo. Para isso, analisaremos três aspectos principais presentes em seu relato: as divergências entre a sua narrativa e a de López de Gómara, as representações do Novo Mundo e, principalmente, dos indígenas, e a forma como o autor representa Hernán Cortés..

O primeiro capítulo visa mostrar quem foi Bernal Díaz del Castillo e os debates em torno de seus escritos. Para isso, buscamos analisar documentos e pesquisas sobre sua história, desde o nascimento até os últimos dias de vida na Guatemala; o traslado da crônica e as suas variantes encontradas posteriormente; os aspectos narrativos e estilísticos presentes na obra. Ao abordarmos estas questões, pretendemos incorporar o debate historiográfico sobre a trajetória de Bernal Díaz que recebeu um grande impulso na última década a partir da obra de Christian Duverger intitulada *Cortés e seu Duplo*. O argumento do autor, que recebeu duras críticas desde o lançamento da obra, se baseia nas incongruências da existência de um soldado escritor como Bernal Díaz. Além disso, pretendemos apresentar e dialogar com parte da vasta produção acadêmica, produzida principalmente a partir dos anos 1980, a respeito da obra e da biografia do soldado cronista.

No segundo capítulo, apresentaremos uma análise comparativa entre trechos das obras de Bernal Díaz (*Historia Verdadera de la Conquista da la Nueva España*) e *La Conquista de México* de Francisco López de Gómara. Dedicaremos atenção aos trechos em que o próprio Bernal Díaz estabelece um diálogo com o texto de Gómara. Em particular, examinaremos como cada autor narrou um dos eventos mais importantes do processo de Conquista de México-Tenochtitlán, que recebe destaque em ambas as

crônicas: a batalha de Cintla. Dessa forma, pretendemos observar como o caráter milagroso está muito mais presente na crônica de Gómara do que no texto de Bernal Díaz. Consideramos que esta diferença está diretamente relacionada aos objetivos de cada texto: o relato de Gómara reflete sua formação e o caráter religioso da Conquista, já em Bernal Díaz aparece a humanidade dos Conquistadores e sua força e coragem nas batalhas.

No capítulo três, analisaremos as formas com que Bernal Díaz classifica e qualifica a religião nativa, em contraposição ao cristianismo. Durante toda a sua narrativa, o autor insere uma série de adjetivos ao abordar a religião nativa. Por vezes, a chama de “demoníaca”, ou afirma que os indígenas adoram “*los malditos dioses*”. Essa forma de descrever o outro, especificamente a sua religião, é totalmente apagada quando os nativos “aceitam” a fé cristã. Assim, partiremos da análise desta dicotomia para mostrar como a narrativa de Bernal Díaz constrói o conceito de “bem” e “mal” na Conquista. Para isso, usaremos o conceito de Representação, a partir da obra do historiador francês Roger Chartier, e as reflexões sobre a alteridade e suas representações presentes n’*O Espelho de Heródoto*, François Hartog.

No quarto e último capítulo dedicaremos atenção às diferentes formas como Hernán Cortés é representado na *Historia Verdadera*. Visto que Bernal Díaz acompanha o líder espanhol desde a sua escolha como comandante da terceira expedição que saiu da Ilha de Cuba em 1519 até suas últimas Conquistas em Honduras. Iremos analisar como a narrativa do herói clássico é construída na obra de Bernal Díaz, e como esse aspecto gera tensões entre ações estritamente individuais e as ações coletivas descritas pelo autor, usando como base o livro *Como Moctezuma conoció Cortés*, do historiador Matthew Restall. A partir das premissas da corrente historiográfica conhecida como *New Conquest History*, pretendemos discutir como essa abordagem tem apresentado novas questões, revisitando antigas fontes históricas pertencente ao campo da História da América.

Dessa forma, mostraremos como a Conquista foi um evento plural e complexo, que vai muito além de narrativas unilaterais e personagens centrados nas feitos dos espanhóis. Outros integrantes desse mesmo processo tornam a narrativa histórica do evento muito mais diversificada, principalmente quando são analisadas as histórias não contadas ou esquecidas, como por exemplo a participação de homens negros ao lado dos espanhóis, criando novas questões como quem são os Conquistadores Negros e qual foi a sua participação na Conquista.

## CAPÍTULO I:

### A Trajetória de Bernal Díaz – Vida, Obra e Interpretações do seu texto.

#### 1.0 - Biografia do Cronista

A história de vida de Bernal Díaz del Castillo é, diferente de outros personagens da Conquista Espanhola do século XVI, uma das que mais possui lacunas temporais. Em especial, nos referimos aqui ao período pré-Conquista, no qual o autor ainda não havia embarcado na Espanha, participado dos conflitos contra grupos indígenas e nem começado a pensar sobre a escrita de seu memorial. Do pouco que sabemos, podemos afirmar que Bernal Díaz é natural de Medina Del Campo, uma província de Valladolid, na Espanha. Seu natalício não é dito em seus textos ou documentos, mas alguns autores concordam em afirmar que foi entre 1495 e 1496 (LEÓN-PORTILLA, 1984, p. 5). Sua infância e juventude formam uma grande lacuna temporal, sobre a qual temos poucas informações. Porém, segundo o próprio autor, servir à Coroa Espanhola era uma tradição familiar: “*Y como mis antepasados y mi padre y un mi Hermano siempre fueron servidores de la Corona Real y de los Reyes Católicos, don Fernando y doña Isabel, de muy gloriosa memoria, quise parecer en algo a ellos*” (CASTILLO, 1984, p.12).

As primeiras referências documentais encontradas sobre Bernal Díaz remetem a 1514, quando o autor parte da Espanha na companhia de Pedro Arias de Vila, e chega à cidade de Gracias a Dios<sup>1</sup>, já no continente americano e, pouco tempo depois, se desloca para a Ilha de Cuba. Em busca de seus méritos e conquistas pessoais, Bernal Díaz e outros Conquistadores foram atraídos pela promessa de *encomiendas* por parte do então governador Diego Velázquez, personagem importante em toda a sua narrativa.

Aos 24 anos, o cronista iniciou sua vida como servo da Coroa, buscando construir seu nome e sua honra de bom soldado. A ênfase no aspecto militar, contudo, não o levou a esquecer as *encomiendas*, pois mais a frente será mencionada a sua longa luta para comprovar seus méritos já no final da vida em território guatemalteco.

Boa parte das informações que possuímos a respeito de Bernal Díaz foram apresentadas pelo mesmo em sua crônica. Dessa forma, usaremos a *Historia Verdadera*

---

<sup>1</sup> Ou “Nombre de Dios”, a depender do documento ou versão da fonte.

como fonte para descrever sua vida durante sua permanência na América. Porém, cabe mencionar que Bernal Díaz escreve seu texto no final da vida, muitos anos depois de sua última expedição ao lado de Hernán Cortés. Logo, seu texto deve ser lido como fruto de uma escrita elaborada a posteriori e contextualizada para elencar certos elementos, principalmente seus feitos e os dos outros Conquistadores.

Bernal Díaz embarcou na sua primeira expedição no Novo Mundo em Havana, sob o comando de Francisco Hernández de Córdoba em 1517. Sendo este seu primeiro contato com esses territórios, o espanto e impacto ficam visíveis na narrativa do cronista.

A expedição logo estabelece contato com grupos ameríndios. Tanto Córdoba quanto outros soldados saíram feridos desse primeiro encontro, com o falecimento do capitão ao retornarem à Ilha de Cuba. A segunda expedição, agora liderada por Juan de Grijalva, reencontrou os mesmos nativos da primeira vez, porém conseguiram avançar um pouco mais na costa, passando por Punta de Cotoche e a Ilha de Cozumel (CASTILLO, 1984, p. 88). Diferente da primeira expedição, o encontro com os nativos foi pacífico. A paz foi acordada com a entrega de presentes, ato que iria se repetir em vários outros encontros durante a Conquista: “*Y lo que yo entendí después el tempo andando en aquellas provincias y otras tierras de la Nueva España se usaba enviar presentes cuando se tratan paces, como adelante verán*” (CASTILLO, 1984, p. 91). Logo em seguida, temos um panorama das principais cidades que exercerão papéis fundamentais nas expedições futuras, como Cholula e México-Tenochtitlán, mencionadas pelos nativos, mas ainda desconhecidas pelos espanhóis:

[...] y luego pusieron en el suelo unas esteras, que en esta tierra llaman petate, y encima una manta, y presentaron ciertas joyas de oro, que fueron unas como diademas y ciertas joyas como hechura de ánades, como las de Castilla, y otras joyas como lagartijas, y tres collares de cuentas vaciadizas, y otras cosas de oro de poco valor, que no valían 200 pesos, y más trajeron unas mantas, y camisetas de las que ellos usan, y dijeron que recibamos aquello de buena voluntad, y que no tienen más oro que nos dar; que adelante, hacia donde se pone el sol, hay mucho; y decían: Colúa, colúa, y México, México, y nosotros no sabíamos qué cosa era colúa ni aun México (CASTILLO, 1984, p. 95).

A expedição de Grijalva avançou até San Juan de Ullua e, de lá, retornou para Santiago de Cuba para prestar contas das terras e presentes recebidos. Em 1519, após uma

longa discussão para a escolha de quem seria o capitão da próxima campanha, Hernán Cortés foi escolhido por Diego Velázquez. Em seu relato, Bernal Díaz não esconde sua admiração por Cortés e, assim como outros Conquistadores, concorda e apoia a decisão. Segundo Bernal Díaz:

Pues hecho este concierto, tienen tales modos Duero y el contador con Diego Velázquez y le dicen tan buenas y melosas palabras, loando mucho a Cortés, que es persona en quien cabe el cargo para ser capitán, porque además de ser muy esforzado, sabrá mandar y ser temido, y que le sería muy fiel en todo lo que le encomendase, así en lo de la armada como en lo demás, y además de esto era su ahijado (CASTILLO, 1984, p. 116).

Bernal Díaz afirma que, diferente de todos os outros Conquistadores, ele foi o único que esteve presente nas três primeiras expedições espanholas em território mesoamericano: com Córdoba em 1517, Grijalva em 1518 e Cortés em 1519.<sup>2</sup>

Além das primeiras expedições, Bernal Díaz esteve presente e narrou do seu ponto de vista outros momentos importantes do que foi denominado como Conquista espanhola. Esteve presente, por exemplo, no momento em que Marina<sup>3</sup>, como foi chamada depois de batizada, foi dada de presente aos espanhóis: “*Y luego se bautizaron, y se puso por nombre doña Marina a aquella india y señora que allí nos dieron, y verdaderamente era gran cacica e hija de grandes caciques y señora de vasallos, y bien se le parecía en su persona*” (CASTILLO, 1984, p. 165).

Os primeiros contatos com os ameríndios também fazem parte da narrativa e da vida de Bernal Díaz, estando na linha de frente para acompanhar os primeiros vassalos da coroa de Espanha:

---

<sup>2</sup> “Digo que ningún capitán ni soldado pasó a esta Nueva España tres veces arreo, una tras otra, como yo; por manera que soy el más antiguo descubridor y Conquistador que ha habido ni hay en la Nueva España, puesto que muchos soldados pasaron dos veces a descubrir, la una con Juan de Grijalva, ya por mí memorado, y otra con el valeroso Hernández Cortés; mas no todas tres veces arreo, porque si vino al principio con Francisco Hernández de Córdoba, no vino la segunda con Grijalva, ni la tercera con el esforzado Cortés” (CASTILLO, 2009, p.26).

<sup>3</sup> Marina foi o nome espanhol dado a Malinche, indígena que serviu como tradutora dos espanhóis durante a Conquista. Ao lado de Cortés, Marina se tornou parte fundamental nos diálogos e conversões no decorrer da campanha. Segundo Bernal, Marina veio de uma família nobre indígena, e possuía conhecimento de três idiomas. Seu papel adquiriu diferentes significados após a Conquista. Em algumas tradições, ela é descrita como a Virgem, em outras, é descrita como traidora (HOLMES, 2005, p. 5).

Cómo el emperador nuestro señor, cuyos vasallos somos, tiene a su mandar muchos grandes señores, y que es bien que ellos le den la obediencia, y que en lo que hubieren menester, así favor de nosotros o cualquiera cosa, que se lo hagan saber dondequiero que estuviésemos, que él les vendrá a ayudar. Y todos los caciques le dieron muchas gracias por ello, y allí se otorgaron por vasallos de nuestro gran emperador; y éstos fueron los primeros vasallos que en la Nueva España dieron la obediencia a su majestad (CASTILLO, 1984, p. 165).

Outros episódios, como a morte de Montezuma, a fuga dos espanhóis de México-Tenochtitlán no que ficou conhecido como *Noche Triste*, a reorganização e Conquista de outros territórios, a guerra contra Guatémaz<sup>4</sup>, sobrinho de Montezuma e novo líder mexica, são narrados por Bernal Díaz com o mesmo nível de detalhes exemplificados acima. Assim como diz Luis Gonzalez Obregón, historiador responsável pela compilação de notícias bibliográficas da *Historia Verdadera*: “*Seria largo referir todos y cada uno de los episodios en que se halló durante la Conquista de México. Él mismo los ha consignado en su Historia, y nos bastará decir que fué protagonista en los principales* (OBREGON, 1894, p. 9).

Após as expedições, Bernal Díaz se tornou regidor em *Villa de Espíritu Santo de Coatzilcoalco*, porém foi despojado de suas *encomiendas* e retornou para o México. Em fevereiro de 1539, apresentou um documento à Real Audiência de Nova Espanha, com o objetivo de requerer méritos pelos seus serviços. Bernal Díaz apresentou as promessas de *encomiendas* por seus serviços feitas por Cortés em 1522, que incluíam o povoado de *Tlapa* e de *Chamula*. Porém, ambas as regiões já haviam sido requisitadas por outros Conquistadores (OBREGON, 1894, p. 12).

Após um demorado processo jurídico, foram encontrados documentos enviados a Pedro de Alvarado em 9 de julho de 1540, no qual ordenava que, caso não fosse feita justiça aos serviços de Bernal Díaz, que lhe dessem a graça em *Mincapa*, *Suchetitán* ou *Soconusco*. Essas mercês, contudo, não encerraram as solicitações do ex-soldado. Bernal Díaz foi à Nova Espanha em 1541, pois as terras recebidas em Guatemala não foram suficientes para seu sustento. Alguns anos mais tarde, em 1551, foi à Espanha implorar por justiça, conseguindo após alguns meses a concessão de um corregimento Capitania da Guatemala (OBREGON, 1894, p. 12-13).

---

<sup>4</sup> Em náhuatl clásico: Cuāuhtemōc, náhuatl moderno: Kwāwtemok. Foi o último imperador tlathoani.

Bernal Díaz retornou à Espanha uma segunda vez, porém para fins menos burocráticos. Sua visita foi para debater alguns assuntos como a Guerra Justa e a escravidão dos indígenas durante evento ocorrido em Valladolid no ano de 1550<sup>5</sup>. Essa segunda visita rendeu frutos ao retornar para a América: terras e indígenas equivalentes às que não havia recebido no México anos antes, a mudança de uma *encomienda* de uma de suas filhas da província de *Coatzacoalcos* para Guatemala e uma autorização para que ele e seus serventes pudessem portar armas (LEÓN-PORTILLA, 1984, p. 29).

Segundo a pesquisa de José César Pinto Soria, que analisa principalmente o período em que Bernal Díaz esteve na Guatemala e sua vida como *encomendero* e cronista, o autor se estabeleceu no país e passou o restante dos seus dias na região. Nestas terras, teve um filho, Diego Luis del Castillo, com sua nova companheira, Angelina. Mais tarde, se casou com Teresa Becerra, viúva de Juan Durán e filha de Bartolomé Becerra. O segundo filho é o mais conhecido dentre eles, Francisco, pois foi o responsável pela cópia e revisão da crônica escrita por seu pai. O casamento com Teresa Becerra, segundo José Pinto, foi decisivo. Seu parentesco garantiu destaque na elite local da Guatemala. Bernal Díaz emergiu entre os muitos Conquistadores. Com isso, recebeu certo reconhecimento, ampliando seus direitos a *encomiendas*. Entre 1524 a 1619, o sobrenome Castillo apareceu 21 vezes como recebedor de *probanzas* de mérito (SORIA, 2014, p. 15).

Bernal Díaz passou 43 anos na Guatemala, dos seus 70 anos no continente americano. A relação com a região foi construída a partir das *encomiendas* recebidas. No total, foram cinco povoações com pequenos produtores de cacau, que lhe davam o direito de administrar e explorar essas terras. Segundo Soria, Bernal Díaz foi um *encomendero* rentista do século XVI. A base da economia da família Castillo se deu através da *encomienda* e do que era produzido nestas terras. Além de cacau e outros itens, Bernal Díaz recebia 180 pesos de *Michoacán*, no México. Uma renda considerada boa, porém longe de uma vida de luxo (SORIA, 2014, p. 21).

Entre 1562 e 1574, Bernal Díaz sofreu uma sequência de fracassos financeiros que vão desde uma *encomienda* tomada por Antonio de Balderrama até a criação de uma produção de trigo com sua esposa e filho que não deu certo. As dívidas se acumularam,

---

<sup>5</sup> A data em questão faz referência à Controvérsia ou Junta de Valladolid. O fórum discutiu sobre a legitimidade da Conquista, direitos indígenas, civilização e barbárie, guerra justa, entre outros. Um dos principais nomes foi o Frei Bartolomé de Las Casas, célebre por seus escritos e atuação em defesa dos indígenas e contrário à utilização do princípio da Guerra Justa contra os nativos americanos.

chegando a custar 450 pesos de ouro. Foi nesta situação crítica que Bernal Díaz começou a escrever sua crônica. Ainda se vangloriando dos seus feitos no México, Bernal Díaz empobreceu. Para Soria: “*No vivía en la miseria, pero sí endeudado, con estrechez vergonzante para una sociedad fundada en las apariencias, que a él, con todo su renombre, parece que no le afectaron mucho*” (SORIA, 2014, p. 22).

O ano exato do início da escrita da crônica é diferente para cada autor. Porém, podemos afirmar que ela ocorre após seu segundo regresso da Espanha, em 1551. A data de conclusão da obra, no entanto, é consensual, tendo ocorrido no ano de 1569. Cabe dizer que tal texto foi objeto de disputa e reconhecimento, sendo usado por seus descendentes como forma de requerer novas *probanzas* de mérito em seu nome após a sua morte, que ocorreu no ano de 1584. Bernal Díaz foi enterrado no segundo pilar principal da Catedral da cidade de Santiago, a pedido de Teresa Becerra (OROZCO, 1961, p. 22).

### **1.1 - Manuscrito e traslado da Crônica**

Quando começou a escrever sua crônica, Bernal Díaz encontrava-se na Guatemala exercendo a função de *regidor* e *encomendero*, fruto de suas *probanzas* Conquistadas através das solicitações feitas à Coroa Espanhola. Francisco de la Cueva, governador de Guatemala, confirma que Bernal Díaz neste período escrevia um “memorial de guerra” (MARTÍNEZ, 2018, p. 408).

O primeiro manuscrito, concluído em 1569, foi enviado ao Conselho das Indias apenas seis anos depois. O texto, no entanto, foi retirado do Conselho pelo Fray Alonso de Remón. Dramaturgo e prosista espanhol, Remón fez algumas alterações no conteúdo da *Historia Verdadera*, incluindo e suprimindo partes, gerando assim um texto diferente do original enviado pelo autor para o Conselho. O manuscrito de Remón, como ficou conhecido, possui as inscrições iniciais na capa:

HISTORIA / VERDADERA / DE LA CONQVISTA / DE LA / NVEVA  
ESPAÑA· / Escrita / Por el Capitan Bernal Díaz del Castillo, / Uno de sus  
Conquistadores. / Sacada a luz / Por el P.M. Fr. Alonso Remon, Pre- / dicador  
y Coronista General del Orden / de N. S. de la Merced, Redencion de Cautivos.  
/ A la Catholica Magestad del / Mayor Monarca D. Filipe / IV. /Rey de las  
Españas y / Nuevo Mundo N. S. / Con Privilegio, En Madrid, en la Emprenta  
del Reyno (SERÉS, 2011, p. 3).

A obra possui uma pequena alteração em duas versões da sua capa, uma contendo o ano de 1632 como data da publicação e outra na qual o ano não aparece. Mas fica claro que o texto é uma reprodução do original, pois o primeiro manuscrito ficou perdido por longos anos. Assim, as reproduções e edições posteriores, até 1904, foram todas baseadas no manuscrito de Remón, pois, até então, tratava-se da única versão publicada.

Em 1904, Genaro García revelou possuir um manuscrito anterior ao de Remón. O texto é caracterizado como a versão mais genuína e original da crônica. Sua publicação ocorreu apenas em 1904, após receber uma autorização por parte do governo da Guatemala. O manuscrito de Guatemala, como ficou conhecido, possui 299 folhas, com a inscrição: *BERNAL DIAS / HISTORIA ORIGINAL / DE LA CONQUISTA / DE MEXICO / Y GUATEMALA* (SERÉS, 2011, p. 2).

Uma terceira versão do manuscrito, chamada de manuscrito de Alegría por causa do seu dono José María Alegría, só foi encontrada em 1932, em Murcia, na Espanha. O tomo possui uma dedicatória a Ambrósio del Castillo, neto de Bernal Díaz e filho de Francisco Díaz, o que levou à conclusão de que se tratava do manuscrito revisado e editado por Francisco Díaz. Guillermo Serés afirma que há poucas alterações comparado ao original, como a supressão no capítulo CX (*Cómo los indios de toda la Nueva España tenían muchos sacrificios y torpedades, y se los quitamos y les impusimos en las cosas santas de la fe*) e a correção de alguns erros. Segundo Serés:

“Así pues, el origen de la redacción de A arranca del deseo de la viuda de Bernal de ‘rescatar’, de reconstruir, la copia autógrafo de su marido, porque G estaba lleno de enmiendas. Doña Teresa Becerra otorga en 1584 un poder a su pariente Álvaro de Lugo con este fin; éste, probablemente, no encontró el original autógrafo de la copia supuestamente enviada en 1575 y decidió hacer una tercera copia” (SERÉS, 2011, p. 4).

Consideramos importante ressaltar que a presente pesquisa não irá se ater às variações de cada versão ou analisar como em diferentes capítulos cada publicação teve sua especificidade. Contudo, vale ressaltar que o historiador Guillermo Serés editou uma versão da crônica com o que ele chamou de “Aparato de Variantes”. Um trabalho minucioso que une as três versões do manuscrito e analisa quais foram as alterações, linha

por linha, de cada uma. Para isso, o prólogo do texto contém um léxico necessário para interpretar as notas de rodapé. Usando as letras M para o Manuscrito enviado a Espanha em 1575 e perdido no processo; G para o manuscrito de Guatemala encontrado em 1904 e A para o manuscrito de Alegría, editado por Francisco Díaz (SERÉS, 2011, p. 1-5).

A escrita de uma nova versão por parte de Bernal Díaz pode ser justificada por uma possível intenção de solicitar novas *probanzas* de mérito. Segundo Maria del Carmén Martínez:

La reiteración de su condición de escudero en tres preguntas (II, III y VI).de la probanza del Espíritu Santo resulta llamativa por la ausencia del término en la de México y en la Historia verdadera, en la que encontramos «caballeros», «hidalgos», «ballesteros», «espingarderos», «escopeteros», «rodeleros», «pajes de lança», «soldados», etc., que traducen jerarquía, posiciones sociales y actividades en la hueste. Curiosamente el término se sustituyó por «muy buen caballero» en la información de su hijo Francisco Díaz, pasó a «muy leal vasallo» en la de Pedro del Castillo<sup>12</sup>, y en la memoria colectiva a «muy buen soldado», pues como él mismo recordó «todos me tenían a mí en reputación de buen soldado» (MARTÍNEZ, 2018, p. 418).

As alterações de Francisco Díaz, presentes no manuscrito de Alegría, poderiam ser uma forma de retomar e aumentar certos feitos dos Conquistadores, principalmente de seu pai, para que as *probanzas* de mérito fossem respaldadas pelo que o cronista narrou. Determinados acontecimentos, como a perda de um cavalo durante as batalhas, por exemplo, poderiam ser motivos para um pedido de reembolso por parte da família. Logo, o manuscrito de Alegría se torna não só uma crônica, mas um documento eleito pelos sucessores de Bernal Díaz para suas futuras requisições.

A crônica escrita por Bernal Díaz foi traduzida para diversos idiomas, como inglês, francês, alemão, dinamarquês, húngaro e, em 1997, para o chinês. As publicações e reedições desse texto geraram uma grande variedade de obras com diferentes capas, prólogos, ilustrações, conteúdos etc. No prólogo da edição publicada pela Fernandez Editores, por exemplo, é possível observar que, até a data 1961, foram publicadas 21 versões da crônica desde a edição pioneira de 1632. Algumas edições contendo 2 ou 3 volumes, e outras com 5 reimpressões posteriores ao lançamento. Isso demonstra não só um intenso volume de edições de uma mesma obra, mas o quanto ela faz parte da literatura

e ainda se mantém presente. Das versões usadas nessa pesquisa, 4 no total, a versão de 1969 é uma das mais extensas no quesito conteúdo.

Outra versão que será utilizada nesta pesquisa é a publicada pela editora Fernandez em 1961. A obra conta com um prólogo escrito por três autores: Federico Gómez D Orozco; Guadalupe Pérez San Vicente, e Carlos Sabav Bergamín, Secretário Fundador do Instituto Cultural Hispano-mexicano da Cidade de México. Além disso, o livro é repleto de ilustrações que tomam boa parte da página, feitas por José Bardasano. Para além de ser apenas o texto da crônica, a edição possui: notícias bibliográficas da crônica, uma cronologia da dinastia Mexica, um pequeno texto sobre a vida do autor e, ao final, uma bibliografia fundamental para se estudar a Conquista de México, uma biografia dos personagens indígenas citados na crônica, um léxico de palavras usadas no texto e que caíram em desuso ou possuem significados diferentes, um índice onomástico e toponomástico, um índice geral e um grandioso mapa com a rota usada por Cortés.

As edições mais recentes da *Historia Verdadera* são bem mais simples de serem encontradas e não possuem essa vastidão de informações adicionais. A versão mais atual foi publicada em 2022 pela editora independente E-ArtNow. O texto não possui um prólogo e se atém apenas ao texto da crônica. Assim como outras várias versões, físicas e digitais, o texto de Bernal Díaz se tornou popularmente difundido, mesmo que não possamos dimensionar esse acesso. Do mesmo modo, o fato de ser uma obra editada e reeditada por tantos anos, mostra que a divulgação da escrita de Bernal Díaz o torna um autor diretamente associado aos feitos dos espanhóis no Novo Mundo.

## **1.2 - Escrita da crônica e sua estrutura narrativa**

A narrativa de Bernal Díaz é repleta de detalhes e informações dos eventos que beiram a exaustão. Se seguirmos a ordem dos capítulos criados pelo cronista, podemos facilmente entender sua estrutura. Os títulos são nomeados de acordo com o evento que virá logo em seguida. Por exemplo, Bernal Díaz nomeou o capítulo VIII de *Como llegamos (a). aquella isleta que ahora se llama San Juan de Ulua. Y a qué causa se le puso aquel nombre. Y de lo que allí nos aconteció*. Logo no título, o autor deixa claro o que acontece naquele trecho, e, cronologicamente, situa a ordem dos acontecimentos que elenca como principais de sua memória.

Dito isso, o prólogo escrito por Miguel León-Portilla em julho de 1984 para uma das versões da crônica pensa a narrativa de Bernal Díaz nas seguintes divisões:

A primeira parte da crônica e seus primeiros capítulos são dedicados a uma sucinta biografia de Bernal Díaz e às primeiras expedições, de Córdoba (1517) e Grijalva (1518), das quais o autor esteve presente. É já nesse primeiro momento que Bernal Díaz deixa claro suas divergências com o texto de Francisco López de Gómara, demonstrando desgosto pelo relato do franciscano e divergindo constantemente em relação à forma como alguns eventos são descritos e interpretados. Aspectos estes que serão melhor exemplificados no próximo capítulo (LEÓN-PORTILLA, 1984, p. 50).

A segunda e terceira partes contêm 137 capítulos que abordam a organização da expedição de Cortés, ainda em Cuba, a jornada em territórios ameríndios como o encontro com Tlaxcala, a traição do povo de Cholula, o encontro com Montezuma e, posteriormente, sua morte, a matança no *Templo Mayor*, a *Noche triste* e a fuga dos espanhóis da cidade de México-Tenochtitlan (LEÓN-PORTILLA, 1984, p. 50).

A quarta parte, ainda seguindo a divisão proposta por León-Portilla, dá continuidade aos acontecimentos abordados nas duas partes anteriores, focando principalmente nos preparativos para a retomada da capital, a construção dos bergantins, os conflitos internos sobre a liderança da Conquista, as batalhas finais contra os defensores, culminando com a prisão de Cuauhtémoc (LEÓN-PORTILLA, 1984, p. 51). Os capítulos seguintes focam na reconstrução da cidade e nas expedições lideradas por Gonzalo de Sandoval e Pedro de Alvarado para lidar com territórios que se revoltaram. Bernal Díaz também concentra parte da sua narrativa a mostrar como Cortés estava lidando com as terras Conquistadas, enviando procuradores e escrevendo as cartas para o imperador (suas *Cartas de Relación*), bem como sua expedição para a região de Las Hibueras (LEÓN-PORTILLA, 1984, p. 52).

As quinta e sexta partes abarcam uma variedade de notícias e eventos, como a chegada de novos governadores, os feitos e mortes de alguns Conquistadores, como Pedro de Alvarado, as idas e vindas de Cortés à Espanha até seu falecimento. A última parte deixa claro qual era o objetivo de Bernal Díaz ao escrever sua obra, ao narrar os feitos dos Conquistadores e seus impactos na sociedade, dando forma e merecimento a cada espanhol que passou pela Nova Espanha (LEÓN-PORTILLA, 1984, p. 54).

O trabalho de León-Portilla transforma a leitura da obra de Bernal Díaz. Essas divisões, que constam no epílogo da crônica, dão um norte ao leitor, pois permitem uma melhor compreensão sobre como a obra foi escrita e como pode ser lida em blocos objetivos, o que torna sua compreensão mais fluida.

Ainda em relação aos aspectos estruturais da obra, fazemos referência a uma série de autores que, na década de 1990, se dedicaram a analisar como o texto do cronista havia se tornado tão popular e, ao mesmo tempo, questionar seus aspectos literários. Um aspecto central, já apontado anteriormente, é a afirmação do autor de que escreveu sua obra com o intuito de ser o relato mais “fidedigno” aos fatos ocorridos no período. Esse aspecto pode ser observado já no início da crônica. Logo no primeiro capítulo, Bernal Díaz deixa claro que não possui a retórica e a eloquência necessárias para fazer jus aos feitos heroicos ali descritos. Mas, a sabedoria da boa retórica e a polidez estariam no ato de dizer a verdade. Dessa forma, o autor se insere no hall de cronistas, mas chama a atenção já de início para o seu diferencial: a verdade:

Mas en lo que yo me hallé y vi y entendí y me acordaré, puesto que no vaya con aquel ornato tan encumbrado y estilo delicado que se requiere, yo lo escribiré con ayuda de Dios con recta verdad, allegándome al parecer de los sabios varones, que dicen que la buena retórica y pulidez en lo que escribieren es decir verdad, y no sublimar y decir lisonjas a unos capitanes y abajar a otros, en especial en una relación como ésta que siempre ha de haber memoria de ella (CASTILLO, 1984, p. 34).

Essa ênfase na verdade, que vai desde o título *Historia Verdadeira*, até o debate com outros autores ao longo da obra, mostra como Bernal Díaz estava preocupado em tornar a sua crônica diferente e única. O apego aos fatos, e até o exagero na narração, seriam formas de, segundo o próprio, ser menos fantasioso que outros autores contemporâneos. Essa diferença entre o real e o mítico, história e ficção, aparece nas constantes críticas que Bernal Díaz faz ao cronista López de Gómara, particularmente à sua *História General de las Indias*. Alguns trechos de ambas as crônicas, apesar de narrarem os mesmos eventos, possuem conteúdos totalmente diferentes. O caso mais claro dessa diferença ocorre nas descrições a respeito da Batalha de Cintla, na qual os espanhóis estavam em grande desvantagem numérica contra os indígenas. Na narrativa de Gómara, um soldado desconhecido aparece e faz três investidas a cavalo contra os inimigos e consegue levantar a moral dos espanhóis. Porém, para Bernal Díaz, a narrativa da batalha possui outro tom. Em nenhum momento se vê a desvantagem numérica. Pelo contrário, os espanhóis estão muito bem armados e vencem a batalha sem a necessidade de um auxílio externo.

Essas divergências variam desde eventos com narrativas diferentes, como a citada acima, até críticas diretas feita no texto. Bernal Díaz corrige Gómara em algumas passagens, deixando claro que a sua crônica pretende ser mais fiel ao ocorrido:

Y esto de Cingapacinga fue la primera entrada que hizo Cortés en la Nueva España, y fue harto provecho, y no como dice el cronista Gómara, que matamos y prendimos y asolamos tantos millares de hombres en lo de Cingapacinga, y miren los curiosos que esto leyeren cuánto va de lo uno a lo otro, por muy buen estilo que lo dice en su crónica, pues en todo lo que escribe no pasa como dice (CASTILLO, 1984, p. 215).

Outra forma do autor tentar enfatizar a fidelidade do conteúdo de seu texto ocorre através do uso do pronome “Eu” como fator diferencial à narrativa. O fato de Bernal Díaz afirmar que estava presente em boa parte dos eventos que narra, dá ao texto um formato testemunhal. As narrativas em primeira pessoa e narradas no tempo presente colocam o leitor na pele do capitão, vivenciando batalhas, eventos históricos e decisões importantes tomadas pelos mais diversos personagens da narrativa da Conquista. E esse argumento aparece não só como forma de argumentação da fidelidade do texto, mas para ressaltar sua experiência. Bernal Díaz, segundo a *Historia Verdadera*, esteve presente nas duas campanhas anteriores à liderada por Hernán Cortés, em 1517 com Córdoba e 1518 com Grijalva. Segundo ele:

Y volviendo a mi cuenta, vine la tercera vez con el venturoso y esforzado capitán don Hernando Cortés, que después, el tiempo andando, fue marqués del Valle y tuvo otros dictados. Digo que ningún capitán ni sol dado pasó a esta Nueva España tres veces arreo, una tras otra, como yo; (CASTILLO, 2009, p. 26).

Não à toa, boa parte da sua narrativa usando a experiência como argumento, também aparece como forma de mostrar seus feitos e sua bravura:

Y, demás de esto, ponderen y piénsenlo bien los curiosos lectores, que siendo yo en aquel tiempo de obra de veinte y cuatro años, y en la isla de Cuba el gobernador de ella, que se decía Diego Velázquez, deudo mío, me prometió que me daría indios de los primeros que vacasen, y no quise aguardar a que me los diesen; siempre tuve celo de buen soldado, que era obligado a tener, así

para servir a Dios y a nuestro rey y señor, y procurar de ganar honra, como los nobles varones deben buscar la vida, e ir de bien en mejor (CASTILLO, 1984, p. 64).

Entretanto, Veronica Cortinez interpreta esse “Eu” narrativo não como argumento de fidelidade, mas sim uma tentativa de mostrar que o texto não perdeu seus detalhes e que todos aqueles eventos são lembrados e escritos com precisão pela memória do autor:

Sin embargo, su propósito de ser fiel a lo que vio en ese pasado lejano no es sólo un método historiográfico para asegurar la verdad. Es, por el contrario, indicio de un empeño más profundo: el intento constante de eliminar ese transcurso del tiempo que lo lleva a falsificar su historia (CORTÍNEZ, 1992, p. 60).

A narrativa em primeira pessoa aparece também nos diálogos dos personagens da crônica. No início do texto, quando ainda se discutia quem seria o capitão da armada que iria partir da Ilha de Cuba, Bernal Díaz narra como os nomes dos capitães foram sendo descartados até a chegada de Hernán Cortés para chefiar a campanha em direção a México-Tenochtitlán. O trecho da fonte termina com um diálogo transcrito na íntegra da apresentação de Cortés como capitão da empreitada:

E iba delante de Diego Velázquez un truhán que se decía Cervantes el Loco, haciendo gestos y chocarrerías, y decía: A la gala a la gala de mi amo Diego. ¡Oh. Diego; oh. Diego! ¡Qué capitán has elegido que es de Medellín de Extremadura, capitán de gran ventura, mas temo, Diego, no se te alce con la armada, ¡porque todos le juzgan por muy varón en sus cosas! Y decía otras locuras que todas iban inclinadas a malicia, y porque lo iba diciendo de aquella manera le dio de pescozazos Andrés de Duero, que iba allí junto a Diego Velázquez, y le dijo: Calla, borracho loco, no seas más bellaco, que bien entendido tenemos que esas malicias, so color de gracias, no salen de ti (CORTÍNEZ, 1992, p. 50).

O uso das constantes falas dos personagens presentes é recorrente, tornando o texto mais fluído entre longos parágrafos descritivos. Principalmente quando esses diálogos são importantes para a compreensão dos eventos narrados. Na maioria dos casos,

essas falas são discursos ou recados do próprio Cortés. Quando os espanhóis estão em contato com Montezuma, na primeira vez que chegam a México-Tenochtitlán, o texto de Bernal Díaz transcreve boa parte do que ele afirma ter sido o diálogo entre Cortés e o imperador ameríndio:

¡Oh, señor Malinche<sup>6</sup>, y señores capitanes: cuánto me pesa de la respuesta y mando que nuestros teules han dado a nuestros papas y a mí y a todos mis capitanes, y es que os demos guerra y os matemos y os hagamos ir por la mar adelante; lo que he colegido de ello, y me parece que antes que comiencen la guerra, que luego salgáis de esta ciudad y no quede ninguno de vosotros aquí, y esto, señor Malinche, os digo que hagáis de todas maneras, que os conviene: si no mataros han, y mirad que os va las vidas (CASTILLO, 1984, p. 422).

A partir de citações como as presentes nas últimas páginas, podemos observar que Bernal Díaz faz questão de narrar detalhadamente, seja o que vê ou o que ouve, pois sempre retorna ao argumento de que sua narrativa é verdadeira.

Outro aspecto interessante do texto a ser ressaltado é a capacidade, ou ausência dela, de explicar algum ponto específico da cultura ameríndia usando comparativos. O Velho Mundo é usado como um modelo comparativo. Como, por exemplo, deixar claro que toda vez que a palavra “papa” aparece no texto, deve ser lida como os sacerdotes daquela região:

[...] y eran blancas, y los cabellos muy grandes, llenos de sangre revuelta con ellos, que no se pueden desparcir ni aun peinar si no se cortan; los cuales indios eran sacerdotes de ídolos, que en la Nueva España comúnmente se llaman papas, y así los nombraré de aquí adelante (CORTÍNEZ, 1992, p. 33).

O tipo de texto escrito por Bernal Díaz, mais intimista e personalista, fica muito claro quando o autor dialoga com o leitor através de pequenos parágrafos ou avisos. Destoando da narrativa descritiva ou dos longos diálogos, esses trechos no qual o autor conversa diretamente com o leitor da crônica coloca um elemento a mais de profundidade

---

<sup>6</sup> De acordo com Bernal Díaz, os nativos agregaram o nome de Cortés a Malinche, intérprete do Conquistador. Segundo ele, doña Marina estava sempre com Cortés. A partir de certo ponto da crônica, vemos o uso dos termos *Señor Malinche* ou *Capitán Malinche*, fazendo referência a Cortés.

no texto. Em alguns momentos, essa forma de escrever aparece como um método para chamar a atenção do leitor para determinado fato:

Y tengan atención los curiosos lectores que esto leyeren, que quiero traer aquí a la memoria que cuando entramos al socorro de Pedro de Alvarado, en México, fuimos por todos sobre más de mil trescientos soldados con los de a caballo, que fueron noventa y siete, y ochenta ballesteros, y otros tantos escopeteros, y más de dos mil tlaxcaltecas, y metimos mucha artillería (CASTILLO, 1984, p. 510).

Nesse caso, Bernal Díaz reforça que o leitor deve prestar atenção na disparidade numérica do exército espanhol e dos ameríndios no México. Com isso, coloca mais um elemento no argumento da pequena força espanhola que se aventurou, com a ajuda de Deus, pelos territórios do Novo Mundo e venceu apesar das dificuldades: “*¿qué hombre hubo en el mundo que con tan pocos soldados se atreviese a dar con los navíos al través y meterse en tan recios pueblos y grandes ciudades a darles guerra?*” (CASTILLO, 1984, p. 743)

Um autor que analisa o processo da Conquista sobre novos olhares, buscando mostrar os mitos criados a partir desses eventos é o historiador Matthew Restall. O autor usa os relatos dos Conquistadores para questionar algumas interpretações recorrentes sobre a Conquista que seriam derivadas das *probanzas de mérito*, narrativas que visam adquirir recompensas e mercês. Com base nisso, são criadas narrativas equivocadas sobre o processo de Conquista. Em um dos capítulos, chamado de *O mito dos homens excepcionais*, Restall aponta para os textos que elevam o status dos espanhóis a níveis heroicos. Constantemente são usadas frases como “um punhado de espanhóis”, denotando que um pequeno grupo havia vencido todo um império. Seu uso, sem a devida preocupação, gera reafirmações sobre os fatos, ou seja, tal frase se torna uma verdade histórica (RESTALL, 2006, p. 28).

Como dito anteriormente, a interferência da voz do autor no texto aparece também para justificar certas medidas na escrita. Bernal Díaz usa do próprio texto para conversar ou explicar algumas escolhas ou informar o porquê delas. Nas constantes batalhas que Bernal Díaz enfrenta, ele narra boa parte delas com amplos detalhes. Isso causa um número grande de longos trechos descritivos sobre dias e dias pelos quais os

espanhóis quase não sobreviveram aos ataques. Para justificar, Bernal Díaz explica a necessidade desses parágrafos:

Tornemos a nuestra batalla, que matamos muchos mexicanos y se prendieron cuatro personas principales. Bien tengo entendido que los curiosos lectores se hartarán de ver cada día tantos combates, y no se puede menos hacer, porque noventa y tres días que estuvimos sobre esta tan fuerte y gran ciudad, cada día y de noche teníamos guerra y combates; por esta causa los hemos de recitar muchas veces (CASTILLO, 1984, p. 651).

Narrar as batalhas durante os 93 dias é uma forma de mostrar a proporção dos feitos dos espanhóis. Ao invés de um salto temporal, o autor prefere a repetição e a exaustão das narrativas de batalha presentes no seu texto. Porém, segundo Verónica Cortínez, Bernal Díaz tem uma pretensão além do que foi atingido. As constantes palavras para uma narrativa rica em detalhes e focada na realidade acaba por resultar em trechos desconexos ou sem objetivo claro. Um texto que a todo momento relembra que os feitos narrados são épicos e nunca antes feitos está repleto de fatos não tão memoráveis e muitas vezes triviais (CORTÍNEZ, 1992, p. 63):

A primera vista, parecería que la abundancia de detalles contribuyera a dar crédito a lo que se narra. Cuesta dudar de quien recuerda tal cantidad de datos mínimos, por insignificantes que parezcan. Como se sabe, algunos de los capítulos finales consisten en largas enumeraciones de “batallas y encuentros” (ccxn, 658-662), o en listas de “fuertes soldados” y “capitanes valerosos”, sin olvidar a los caballos (ccv, 625-640; CCVI, 640-644).(CORTÍNEZ, 1992, p. 64)

Para Cortínez, o que é notável e digno é a incapacidade do autor de manter a perspectiva inicial do texto. Sua narrativa tem um objetivo, mas até o final das muitas páginas da crônica, esses objetivos se esvaem e o texto se torna outro. Para além disso, a interferência da voz do autor rompe até mesmo com o tempo verbal dos relatos escritos na crônica. Em algumas passagens, a narrativa é pausada pela voz de um Bernal Díaz mais velho, que forma conclusões a partir do que já aconteceu:

Muchas veces, ahora que soy viejo, me paro a considerar las cosas heroicas que en aquel tiempo pasamos, que me parece las veo presentes, y digo que nuestros hechos que no los hacíamos nosotros, sino que venían todos encaminados por Dios; porque ¿qué hombres (ha).habido en el mundo que osasen entrar cuatrocientos soldados (y aun no llegábamos a ellos), en una fuerte ciudad como es México, que es mayor que Venecia, estando apartados de nuestra Castilla sobre más de mil quinientas leguas, y prender a un tan gran señor y hacer justicia de sus capitanes delante de él? Porque hay mucho que ponderar en ello, y no así secamente como yo lo digo (CORTÍNEZ, 1992, p. 67).

Para Rosa Pellicer, que analisou a obra do cronista afim de observar como Bernal Díaz organizou o seu relato no formato de crônica, essa digressão assíncrona no texto é justificada pela motivação de dar maior veracidade à obra (PELLICER, 1989, p. 88). Outro aspecto literário que a autora aponta é o uso de determinadas ferramentas que conectam ou desconectam o fio narrativo do parágrafo. É possível encontrar no texto termos como “*Pasaré adelante y diré ou Donde lo dejaré y volveré a decir*”. Bernal Díaz conecta ou desconecta sua narrativa de suas digressões. Diferenciando o que é a narrativa principal do restante. Essa ferramenta aparece geralmente quando o autor finaliza um relato, e muda de assunto, na maioria das vezes, repentinamente. Um exemplo disso é uma parte do capítulo dedicado a contar a história de Malinche, especialmente sua relação familiar até a sua relação com Cortés. Essa pausa na narrativa principal da Conquista é fechada com essas ferramentas, voltando para o foco do texto principal. Pellicer aponta que esses métodos não são originais da narrativa de Bernal Díaz, mas empréstimos de livros de cavalaria e novelas medievais, mostrando que muito do que Bernal Díaz escreveu tem influênciia nas suas leituras e nos métodos que a guiavam (PELLICER, 1989, p. 91).

### **1.3 - Historiografia sobre Bernal Díaz**

A narrativa presente na *Historia Verdadera* torna esse texto um grande objeto de estudo através dos tempos. Desde o século XVI, trabalhos que vêm usando o texto de Bernal Díaz como fonte de análises e interpretações colocam a obra do cronista como uma fonte preciosa de informações e questionamentos. Questões estas que, aliada a grandes movimentos da historiografia, referenciam e analisaram a fonte de diferentes perspectivas e olhares. Analisaremos a seguir alguns aspectos dessas análises: textos com

teor biográfico, a crônica como narrativa e seus aspectos literários, as influências da literatura no texto de Bernal Díaz, os impactos do livro *Crónica de la Eternidad* e, por fim, algumas análises mais recentes, principalmente após as comemorações de 500 anos da Conquista do México.

As principais características dos primeiros textos sobre Bernal Díaz estão no foco em preencher as lacunas de informações sobre a vida do autor. Apesar de saber-se muito sobre o cronista, principalmente sobre o período que viveu nas Américas, os anos de sua vida antes da viagem para o Novo Mundo são muito pouco documentados. No início da crônica, temos apenas uma página biográfica escrita pelo próprio Bernal Díaz, que acaba sendo bastante breve. Em 1894, Luiz Gonzalez Obregón escreveu o pequeno livro *El Capitán Bernal Díaz del Castillo, Conquistador y cronista de Nueva España: noticias biográficas y bibliográficas*. Dividido em 4 blocos, o texto foca em analisar a vida do cronista, desde sua família na Espanha até seus últimos dias na Guatemala; seus descendentes, principalmente seus filhos e netos, que utilizaram a crônica como legado da família Castillo; as edições e reedições da crônica, assim como textos diversos que abordam a *Historia Verdadera*; por fim, o autor apresenta sua interpretação sobre a escrita de Bernal Díaz. A seguir, daremos ênfase ao último ponto.

Obregon analisa a obra do cronista como uma fonte inquestionável sobre a Conquista. Para ele, “*¿No es verdad que esto más bien que leerse parece que se oye de boca del viejo soldado?*” (OBREGON, 1894, p. 65). Como um quadro completo, o nível de detalhes presente no texto faz com que o historiador colocasse o relato de Bernal Díaz como uma obra completa, ainda que contivesse alguns erros e problemas. Segundo Obregon:

Nada falta. Narraciones de los sucesos; pormenores minuciosos; retratos de los personajes; anécdotas; dichos célebres; juicios acertados; críticas punzantes, pero justas; descripciones de lugares; relaciones de peligros y fatigas: todo consignado con tal sencillez, con tanta sinceridad, que se resiste uno á desmentirlo cuando se hace necesario (OBREGON, 1894, p. 63)

Obregon entende a crônica como algo para além de uma simples narrativa da Conquista. Seus elementos narrativos constroem uma espécie de quebra-cabeça que, à primeira vista, pode parecer desordenado e errático, mas ao analisá-lo profundamente,

cria-se uma imagem do soldado cronista simples, que escreveu de forma “pura” a respeito da campanha dos Conquistadores espanhóis.

Outro autor que também analisa Bernal Díaz e sua crônica como uma narrativa singular é Agustín Yañez, em seu *Bernal Díaz, poeta épico, y otras apostillas*, de 1945. Yañez afirma que o descobrimento, a Conquista e a colonização da América se configuraram como oportunidades singulares para o surgimento de grande narrativas e relatos. Para o autor, através de um paralelo entre as obras de Colombo, Cortés e outros Conquistadores, seria possível observar o Novo Mundo pelo olhar do europeu. Porém, a singularidade destes eventos só estaria presente na narrativa de Bernal Díaz. Yañez classifica Bernal Díaz como o escritor de uma epopeia pelos seguintes motivos: assunto e personagens extraordinários, ação descritas de forma direta, íntegra, apaixonante e grandiosa, estilo heroico com um sabor de ingenuidade (YAÑEZ, 1945, p. 33). O livro de Bernal Díaz seria o mais puro relato possível de se elencar como poético ou epopeico, pois sua narrativa se encaixaria nos modelos homéricos de relatos, devido a aspectos como a presença do fantástico e do divino em seu texto:

Bernal Díaz ha vivido como debieron vivir los rápsodas de Grecia y de la Edad Media, como viven los auténticos poetas épicos. Bernal Díaz, con el bullente repertorio de su experiencia vital, ha ido de pueblo en pueblo, de amigo en amigo, narrando cuanto vió y vivió; repitiendo igual versión, paulatinamente modificada y enriquecida; así cuarenta años, hasta el momento en que decide escribir lo que tanto había contado; logra de este modo, por añadidura, lo que muchos otros buscaron, en vano, por los caminos de la preceptiva y la imitación: una forma épica adecuada (YAÑEZ, 1945, p.33).

Assim como os gregos escreviam seus mitos, Bernal Díaz viveu na íntegra sua jornada e pôde escrever com a perspectiva de sua experiência vivida. O fato de testemunhar e escrever seus feitos tornaria essa crônica uma epopeia. Porém, Yañez não cita o fato de Bernal Díaz ter escrito sua crônica anos após sua última expedição da Conquista, escrevendo sua crônica já no fim da vida. Essa informação ausente na interpretação do autor, torna o argumento pouco crível, criando uma mitificação do texto de Bernal assim como eram os mitos gregos.

Já em 1989, temos uma autora que se aproxima das concepções anteriores, porém aprofunda sua crítica ao texto de Bernal Díaz. Rosa Pellicer, em seu *La*

*organizacion narrativa de la Historia Verdadera de Bernal Díaz Castillo*, compara os métodos narrativos de Bernal Díaz com escritos gregos. Entretanto, segundo a autora, a crônica possui mais similitudes com novelas medievais ou de cavaleiros, do que com textos greco-romanos. Além disso, a autora analisa como classificar o texto de Bernal Díaz dentro de um gênero literário a partir do debate com outros autores, que geralmente argumentam que o texto de Bernal Díaz é um épico, mito, novela ou crônica. A autora investiga a crônica de Bernal Díaz comparando as “*antiguas historias de los gregos y los troyanos*”, no qual predomina a ausência do maravilhoso e preza-se pela verdade dos fatos. Segundo a autora, a buscar pela verdade histórica através do argumento “visto e vivido” em comparação com autores que escrevem por *relación*, a exemplo de López de Gómara, se aproxima da concepção de história de Heródoto e Tucídides. A garantia da fidelidade da narrativa estava presente na sua proximidade com o evento narrado. O que Bernal Díaz viu e ouviu sobrepõe os outros tipos de narrativas pelo fato de o autor ter a experiência de vida do ocorrido (PELLICER, 1989, p. 84).

Pellicer também tenta aproximar a narrativa de Bernal Díaz a textos e novelas medievais a partir do conceito de *amplificatio*, que foi uma tendência entre autores de novelas do medievo. O modelo se restringe a descrições do que o autor viu e ouviu, reproduzindo na mesma ordem os acontecimentos. Dessa forma, as inserções do autor para dar mais detalhe à narrativa, como a descrição de uma festa, um ritual ou banquete são exemplos desse conceito. Essa amplificação do texto pode ser observada nas diversas digressões que Bernal Díaz faz no texto. Por exemplo, ao inserir a personagem Marina na narrativa, o capítulo seguinte é uma biografia completa da história da personagem, interrompendo o fluxo cronológico da crônica, porém dando mais profundidade à personagem. Para Pellicer: “*El autor se sirve de esta técnica para amplificar el texto; por medio de ella se alarga la narración presentando, por ejemplo, nuevos personajes a los que se asigna uno o varios capítulos*” (PELLICER, 1989, p. 89-90).

Como forma de voltar à narrativa anterior após essas digressões, a autora destaca a utilização que Bernal Díaz faz em alguns finais de parágrafos da fórmula “*dejar...volver*”. Bernal Díaz constantemente interrompe um assunto que não acha pertinente a continuar, e retorna para a sua narrativa usando tais ferramentas. Algo que a autora identifica como um nexo característico da história em prosa e do verso:

Después que llegó a Cuba el capitán Juan de Grijalva, ya por mí memorado, y visto el gobernador Diego Velázquez que eran las tierras ricas, ordenó de enviar una buena armada, muy mayor que las de antes; y para ello tenía ya a punto diez navíos en el puerto de Santiago de donde Diego Velázquez residía; los cuatro de ellos eran en los que volvimos con Juan de Grijalva, porque luego les hizo dar carena, y los otros seis recogieron de toda la isla y los hizo proveer de bastimento, que era pan cazabe y tocinos, porque en aquella sazón no había en la isla de Cuba ganado vacuno ni carneros, porque era nuevamente poblada. Y este bastimento no era más que para hasta llegar a La Habana, porque allí habíamos de hacer todo el matalotaje como lo hicimos. Y dejemos de hablar en esto y diré las diferencias que hubo para elegir capitán (CASTILLO, 1984, p. 85).

Logo, a crônica estaria longe de ser apenas um texto com influências gregas, mas sim um conglomerado de gêneros literários. Para a autora:

La Historia verdadera está llena de digresiones de este tipo y a cada paso encontramos estas fórmulas con muy pocas variaciones, que suelen ir al final de la digresión. Este tipo de entrelazamiento hace que en muchas ocasiones se haga referencia al lector (PELLICER, 1989, p.91).

Segundo nesse mesmo sentido, em 1992, Manuel Durán escreve *Bernal Díaz del Castillo: crónica, historia, mito*. Nele, Bernal Díaz é retratado como um soldado de pouca educação, mas de compreensão do mundo fora do normal para os Conquistadores do período. A narrativa precisa e intensa do cronista é, para o autor, sua peculiaridade. Sua escrita instiga o leitor e o deixa preso aos acontecimentos (DURÁN, 1992, p. 795). Para entender o que é “história” para Bernal Díaz, o autor propõe contrapô-la a outras concepções de história da sua época. A primeira oposição é mais óbvia e utilizada pelo próprio Bernal Díaz: López de Gómara. Em sua *Historia Verdadera*, Gómara seria o representante da história aristocrática, história dos heróis, dos príncipes e criada pela nobreza. Ao analisar a visão de Gómara acerca da Conquista, carregada pelo heroísmo e bravura de Hernán Cortés, Durán a compara com Plutarco, que trabalhou seus heróis com poucas brechas para apontar defeitos e imperfeições. A herança de Plutarco e do Renascimento no texto de Gómara o aproximaria de um autor aristocrático, frente a um autor popular como Bernal Díaz (DURÁN, 1992, p. 796).

Outra comparação feita por Durán se dá com o texto de Colombo, principalmente na descrição do Novo Mundo e da realidade que nunca antes fora vista. Bernal Díaz tem dificuldades em mostrar o novo, fazendo paralelos com a Espanha. Na obra de Bernal Díaz, os templos astecas viram mesquitas, por exemplo. Confrontados com o desconhecido, o vocabulário de Colombo e Bernal Díaz se esvai, levando os autores a se valerem de palavras mais antigas para que os leitores compreendessem o que estaria sendo visto. Porém, Colombo narra o mitológico, o inimaginável, como quando afirma ter visto sereias em Guiné. Nesse aspecto, Colombo se afasta de Bernal quanto à proposta do texto (DURÁN, 1992, p.796-797).

Como outros autores, Durán também identifica semelhanças entre o texto de Bernal Díaz e as novelas de cavalaria medievais, principalmente quando Bernal Díaz cita o *Amadís de Gaula* para descrever o vale da cidade de México-Tenochtitlán:

Y otro día por la mañana llegamos a la calzada ancha y vamos camino de Estapalapa. Y desde que vimos tantas ciudades y villas pobladas en el agua, y en tierra firme otras grandes poblazones, y aquella calzada tan derecha y por nivel. Cómo iba a México, nos quedamos admirados, y decíamos que parecía a las cosas de encantamiento que cuentan en el libro de Amadís, por las grandes torres y cúes y edificios que tenían dentro en el agua, y todos de calicanto, y aun algunos de nuestros soldados decían que si aquello que veían si era entre sueños, y no es de maravillar que yo escriba aquí de esta manera, porque hay mucho que ponderar en ello que no sé cómo lo cuente; ver cosas nunca oídas, ni aun soñadas, como veíamos (CASTILLO, 1984, p. 339).

A narrativa que seguia um ritmo mais rápido é pausada para observar as maravilhas do Novo Mundo:

Las coincidencias entre ambos textos son notables: el lago, la calzada, el edificio que parece salir del agua. Bernal bien pudo recordar este pasaje cuando se escribía su descripción, sobre todo si tenemos en cuenta su excepcional memoria. Más importante todavía es la impresión de "realidad irreal," de aventuras extraordinarias en un mundo lleno de magia, misterio y exotismo, que se desprende del Amadís y de tantas otras novelas de caballerías, que es también la impresión que Bernal quiere comunicarnos en este pasaje sobre el Valle de Mexico (DURÁN, 1992, p. 798).

A partir dessas comparações possíveis, seja com a história de Gómara, com as cartas de Colombo ou com as novelas de cavalaria, Durán afirma que Bernal Díaz seria inclassificável. Um texto histórico, autobiográfico, literário, entre outros, mistura de tudo que torna seu texto como sendo de difícil classificação frente aos gêneros pré-existentes (DURÁN, 1992, p. 802).

A historiadora Verónica Cortínez tem uma vasta experiência em pesquisa sobre Bernal Díaz, possuindo um artigo sobre a comparação da obra de Bernal Díaz com o livro *Terra Nostra* de Carlos Fuentes, intitulado *Yo, Bernal Díaz del Castillo: ¿soldado de a pie o idiota sin letras?* Cortínez considera a obra de Bernal Díaz fundamental para a história da América, principalmente da América Central. Segundo a autora, por motivos patrióticos, há uma obrigatoriedade da leitura da crônica no México e da importância dada ao manuscrito que fica guardado na sede do governo guatemalteco. Como objetivo central do texto, a autora se propõe a mostrar por que essa obra se tornou tão popular nos últimos anos. Isso estaria relacionado ao que a autora chama de mudança na forma como a obra de Bernal Díaz é analisada. Primeiramente, até o século XIX, a obra era lida como uma narrativa mais fidedigna sobre a Conquista. Já no século XX, as análises passaram a focar nos aspectos literários do texto, comparando e buscando classificações e gêneros pelos quais poderia ser categorizada. Assim como outros autores já citados, Cortínez conclui que Bernal Díaz e sua obra dificilmente se encaixam em um gênero, seja ele novela de cavalaria, história, poema, epopeia, autobiografia etc. O texto de Bernal Díaz transcende essas categorias e as reorganiza (CORTÍNEZ, 1992, p. 62).

De acordo com a autora, Bernal Díaz tem uma função para além de cronista. O autor se propõe a recuperar o passado através de sua memória anos depois dos eventos da Conquista Espanhola. Cortínez diz que a proposta inicial do autor seria a de se ater à realidade e contar o que viu e ouviu. Uma história que exige contar a realidade de forma clara e objetiva, porém através de um distanciamento. Essa tarefa se mostra de grande dificuldade quando Bernal Díaz não concatena os assuntos mais importantes a ser narrados. Longe de um memorial de guerra, ou de uma carta de relação, Bernal Díaz não abre mão dos mais extensos detalhes, sendo uma narrativa que, em determinados momentos, exagera no que não é memorável (CORTÍNEZ, 1992, p. 63). Esse exagero se mistura às presenças de dois “*Bernales*” no texto: o passado e o futuro. Enquanto o Bernal Díaz do passado vive a Conquista e narra os feitos dos espanhóis, o Bernal Díaz do futuro acentua, aponta, direciona a leitura e dá ênfase aos aspectos que ele acredita ser mais

importante. Para Cortínez, essa quebra de uma única perspectiva também fere a proposta original do texto. Não há mais um único objetivo. De acordo com a autora:

Gran parte del interés específico de este "memorial" radica, precisamente, en la tensión que existe entre estos diferentes propósitos narrativos. Lo verdaderamente "notable y digno" de la Historia verdadera es la incapacidad del narrador de mantenerse fiel a una sola perspectiva. A pesar suyo, Bernal Díaz comprueba que es necesario ajustar la realidad vivida a las exigencias de la escritura (CORTÍNEZ, 1992, p. 67).

Bernal Díaz enfrentaria um problema que, segundo a autora, é a problemática de todos os tempos. Narrar o passado, capturar um tempo cheio de nostalgia, heroísmo e juventude e escrevê-lo sem que esses aspectos transpareçam no texto. E, de certa forma, a obra de Bernal Díaz e sua valorização recente seriam um exemplo de como narrativas de séculos anteriores ainda refletem os intentos da Modernidade. Para Cortínez, Bernal Díaz se perde na sua proposta principal e começa a narrar suas recordações sem ser capaz de selecionar quais eram relevantes e quais não, justificando a extensão da crônica (CORTÍNEZ, 1992, p. 63).

Em 1994, María Fischer escreve o artigo *Bernal Díaz del Castillo: La memoria y la representación*. Assim como outros autores citados nesse tópico, Fischer parte do princípio de que Bernal Díaz escreve com base no visto e vivido. Sua história estaria embasada no testemunho do soldado que esteve presente nos acontecimentos narrados. Porém, Fischer destaca as ferramentas que, segundo ela, Bernal Díaz usou para esconder sua reconstrução do passado através da memória. Para a autora: “*Bernal Díaz tiene que convencernos ele que su memoria es privilegiada para instituirse así en testigo ele vista fiel que cuenta una versión de la historia que debe tenerse por verdadera*” (FISCHER, 1994, p. 46).

Uma primeira ferramenta, segundo a autora, seria o nível exagerado de detalhamento dos fatos. Como descrever quantos metros tinham um determinado local, ou dizer como estava vestido cada um dos Conquistadores naquele momento. Detalhes sem importância para a narrativa, mas com a função de figurar o real, criar uma ilusão de realidade com tantos detalhes que a narrativa soa como inquestionável. Como quando Bernal Díaz narra que no meio de batalha de Tabasco, Cortés perde um dos pés da sandália:

[...] y cargaron sobre nosotros tantos indios, que, con las lanzas a manteniente y otros a flecharnos, hacían que no tomásemos tierra tan presto como quisiéramos, e también porque en aquella lama estaba Cortés peleando y se le quedó un alpargate en el cieno, que no lo pudo sacar, y descalzo el un pie salió a tierra; y luego le sacaron el alpargate y se lo calzó (CASTILLO, 1984, p. 149).

Outra ferramenta é a concatenação de fatos sucessivos na narrativa. A união de acontecimentos seguidos um após outro, batalha após batalha, de forma que o texto seja cronologicamente sem interrupção também é uma ferramenta que a autora aponta como estratégia de verossimilhança. Segundo Fischer, essa sucessão linear produz uma naturalidade na narrativa que cada vez mais parece a verdade (FISCHER, 1994, p. 48).

A autora também debate a originalidade do texto de Bernal Díaz, ao afirmar que, na verdade, além de Bernal Díaz herdar muito das novelas de cavalaria, ele usa como base textos como *Generaciones y Semblanzas* de Pérez de Guzmán e *Claros varones de Castilla* de Fernando del Pulgar. Ambos são obras que compilam descrições de personagens importantes. De acordo com a comparação feita por Fischer:

Veamos un ejemplo. El rey don Juan II de Castilla, según Pérez de Guzmán "fue alto de cuerpo, e de grandes miembros, de buen talle e de grant fuerça, de buen gesto, blanco e ruuio, los onbros altos, el rostro gran" (*Generaciones y Semblanzas*, 22). El conde don Rodrigo ele Villandrando, según Fernando del Pulgar, fue "ome de buen cuerpo, bien compuesto en sus miembros y ele muy rezia fuerça. Las facciones del rostro tenía fermosas y la catadura feroce" (*Claros varones de Castilla*, 33) (FISCHER, 1994, p. 49).

Quando Bernal Díaz se propõe a descrever um personagem em sua narrativa, a estrutura se repete:

El capitán Gonzalo de Sandoval fue muy esforzado, y sería cuando acá pasó de hasta veinte y dos años; fue alguacil mayor de la Nueva-España, y fue gobernador della, juntamente con el tesorero Alonso de Estrada, obra de once meses; su estatura muy bien proporcionada y de razonable cuerpo y membrudo; el pecho alto y ancho, y asimismo tenía la espalda, y de las piernas algo estevado y muy buen jinete; el rostro tiraba algo a robusto, y la barba y el

cabello que se usaba algo crespo y acastañado, y la voz no la tenía muy clara, sino algo espantosa, y ceceaba tanto cuanto; (CASTILLO, 1984, p. 1022).

Para a autora, a memória de Bernal Díaz não é espontânea, mas funciona a base de uma retórica. Bernal Díaz diz que as descrições de seus companheiros ficaram gravadas na sua memória, mas para a autora os retratos que Bernal Díaz tem dos espanhóis partiram de uma mesma matriz retórica:

Me interesa recalcar que lo anterior es el efecto de una armazón retórica. Al recordar a cada uno de los principales soldados y capitanes de la Nueva España en el Capítulo CCVI referido con anterioridad, el cronista elige rememorarlos repitiendo, con variaciones mínimas, un modelo retórico a su disposición, mostrando como la prística memoria del cronista, está marcada por modelos literarios y retóricos (FISCHER, 1994, p. 51).

Não só a originalidade do texto é colocada em questão, mas a sua construção contínua e direta também é objeto de estudo. No texto escrito em 2002 por Herón Pérez Martínez, *La Redacción de la Historia Verdadera de Bernal*, o autor defende que o texto foi escrito por várias mãos e a partir de métodos diferentes. O autor argumenta que o texto teria dois objetivos: primeiro, ser uma *probanza de mérito* pelo feito dos Conquistadores, de caráter administrativo. Segundo, desmentir a narrativa de Gómara, impulsionada pela leitura da obra (MARTÍNEZ, 2002, p. 45).

Para Martinez, a ideia inicial de Bernal Díaz sempre fora escrever um memorial de guerra. Uma narrativa mais crua, sem muitas descrições e diálogos. Não à toa, aponta o autor, a palavra "memorial" se repete no texto. Porém, há uma transição desse texto que o autor chama de administrativo, para um texto literário. Para Martínez:

Bernal asume su escritura, sucesivamente, como una probanza de méritos, memorial de guerras, relación, crónica y, finalmente, historia. De esta manera, pasada la etapa en que la considera una modesta escritura administrativa, la eleva a los niveles de la textualidad literaria y, así, va dando a su obra, indistintamente, los nombres de "relación", "crónica" e "historia" (MARTÍNEZ, 2002, p. 49).

Para o autor, essa transição faz com que o texto de Bernal Díaz seja ao mesmo tempo uma *relación*, uma crônica, uma história e um texto administrativo, pois característica de todos esses elementos são encontradas no decorrer do documento (MARTÍNEZ, 2002, p. 55). O segundo mote da escrita de Bernal Díaz, que o faz transmudar entre os elementos narrativos, é o contato com o texto de Gómara. Sua defesa pela verdade histórica faz com que Bernal Díaz se aprofunde mais nos detalhes do seu texto, buscando uma veracidade frente ao texto de outro cronista. Ao longo da *Historia Verdadera*, são vários os casos em que Bernal Díaz deixa claro que foram os Conquistadores espanhóis, e não só Cortés, os responsáveis pela Conquista. Em especial, os capítulos finais da crônica, no qual Bernal Díaz enumera os feitos dos espanhóis. Um exemplo é o título do capítulo CIX: *De las cosas que aquí van declaradas cerca de los méritos que tenemos los verdaderos Conquistadores, las cuales serán apacibles de oírlas* (MARTÍNEZ, 2002, p. 60-61).

Neste ponto, entramos nas publicações mais recentes sobre a obra. Estudos lançados principalmente após 2012 apresentam um mesmo objetivo: debater as afirmações feitas por Cristian Duverger e seu livro *Cortés e seu Duplo*.

#### **1.4 - Um Bernal Díaz inexistente: Duverger e seu Duplo Cortés**

Quando Cristian Duverger escreveu seu livro, a historiografia sobre a Conquista já havia dado largos passos em torno da autoria das principais fontes coloniais sobre o continente americano. López de Gómara, Andrés de Tapia, Bernardino de Sahagún, Toribio de Motolinía entre outros, são alguns nomes de autores de famosas crônicas do período. Vimos até o momento uma extensa historiografia sobre a vida e a obra de Bernal Díaz. Mas, para Duverger, trata-se de um personagem fictício criado por Hernán Cortés para que este publicasse sua crônica sob um pseudônimo.

Antes de apresentar os argumentos do autor, no entanto, é preciso entender quem é o autor e como ele formulou seu questionamento. Christian Duverger é antropólogo e historiador francês, especialista em civilizações mesoamericanas. É professor e diretor dos estudos na *Escuela de Estudios Superiores en Ciencias Sociales*. Também foi colaborador no Instituto Nacional de Antropologia e História, e professor na *Universidad Nacional Autónoma de México* e na *Universidad de Guadalajara*. Ao longo de sua carreira acadêmica, possui extensos trabalhos sobre as sociedades mesoamericanas, a Conquista Espanhola e a presença dos espanhóis na América. Em 1979, foi publicado seu

livro *La Fleur létale*, que analisou os cultos religiosos e os sacrifícios dos astecas como parte do entendimento para o mundo mesoamericano. Em 1987, *La conversion de Indiens de Nouvelle Espagne* discutiu a introdução do cristianismo na Nova Espanha através dos missionários franciscanos. Em 1999, publicou *La Mesó-Amerique* e, no ano seguinte, *El primer Mestizaje*, no qual concluiu que, a partir de uma análise das grandes estruturas, a Mesoamérica nasce a partir da união dos povos sedentários e nômades, conhecidos como nahuas. Para o autor, a chegada dos espanhóis fez parte da formação desse grande percurso. Em 2003, o livro *Cortés* foi publicado. Nele, o personagem é apresentado como um agente Conquistador que, no entanto, preservou o mundo asteca e o transformou através da mestiçagem (GIACOMOLLI, 2020, p.536).

Segundo o próprio autor, em uma entrevista realizada em 2014, seu papel foi o de questionar o que ele chamou de “familiaridade” com grandes autores como Bernal Díaz ou Cortés (GIACOMOLLI, 2020, p.537). Esse questionamento o fez escrever o livro *Cortés e seu Duplo*, em 2012. Nele, Duverger argumenta que a *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España* não foi escrita pelo soldado Bernal Díaz del Castillo, mas sim pelo Conquistador Hernán Cortés. Através de uma extensa pesquisa, o autor apresenta as lacunas de informações sobre a vida do soldado cronista, fatores que impossibilitariam a autoria (educação, letramento e acesso à literatura) e, por fim, a partir de uma série de motivações, conclui que o melhor nome para ser autor da crônica seria o do próprio Cortés.

Duverger divide sua obra em dois grandes blocos. No primeiro, chamado *Los Contornos del Enigma*, ele analisa documentos sobre da vida de Bernal Díaz antes e depois da Conquista, as divergências com Gómara e uma série de motivos pelos quais o cronista não seria o verdadeiro autor da obra. O segundo bloco, *La Resolución del Misterio*, apresenta os fatores pelos quais acredita que Cortés é o autor da obra, analisando sua vida como escritor de suas célebres cartas, a criação do autor anônimo, sua relação com Gómara e o translado do manuscrito original. Analisaremos nesse tópico especificamente os argumentos que apontam para a inexistência de um Bernal Díaz escritor. Posteriormente, analisaremos como Cortés surge como a resolução desse mistério.

O ponto de partida para a análise feita por Duverger sobre Bernal Díaz são seus dados biográficos. O que chama a atenção de historiador francês é a dificuldade em se encontrar essas informações. Sabe-se, através do próprio prólogo da crônica, que Bernal

Díaz nasceu em Medina Del Campo, mas nada além disso. Sua idade também é outra fonte de questionamento. Como mostramos páginas atrás, o ano de nascimento de Bernal Díaz varia entre 1495 e 1496, não sendo possível datar com exatidão (DUVERGER, 2012, p.51). Para Duverger, a ausência dessas informações será importante para mostrar como Bernal Díaz seria um autor inventado por Cortés.

As confusões com as datas permanecem quando relacionadas ao seu desembarque em Cuba. Bernal Díaz chega à ilha em 1514, juntamente com outros futuros Conquistadores. Testemunhos indicam que Bernal Díaz conheceu o Conquistador Pedro de Alvarado apenas em 1522. Para Duverger, seria impossível os dois personagens terem se conhecido tão tarde, habitando a ilha por tanto tempo. Logo, a data de chegada de Bernal Díaz estaria incorreta. Para contribuir com esse argumento, o historiador questiona a participação de Bernal nas três primeiras expedições. Usando as declarações de Bernal Díaz e Cortés, Duverger chega à conclusão de que apenas a expedição de Hernández de Córdoba e, propriamente, a expedição de Cortés, tiveram a participação de Bernal Díaz. Esse fato justificaria o atraso no encontro com Pedro de Alvarado (DUVERGER, 2012, p. 54).

Outro fator que faz Duverger questionar a existência de Bernal Díaz é a sua constante ausência em documentos, principalmente em listas produzidas no período. Uma das quais Bernal Díaz não é encontrado é a de nomes para a fundação da Villa Rica de la Vera Cruz. Duverger indaga como um personagem tão presente como Bernal Díaz, e tão próximo de outros Conquistadores, como Pedro de Alvarado, Gonzalo de Sandoval e Andrés de Tapia, não teria seu nome registrado em atas como esta. A análise do pesquisador em documentos oficiais torna sua hipótese ainda mais plausível. Um Conquistador tão importante como Bernal Díaz, segundo o autor, deveria ter sua participação na Conquista muito mais evidente.

Na sua busca pelo verdadeiro autor da crônica, Duverger cria três parâmetros para eliminar a possibilidade da autoria de Bernal Díaz. O primeiro deles é chamado de *La Impossible Cultura*. Nesse tópico, o autor questiona o nível de cultura literária do cronista. A *Historia Verdadera* possui um grande número de referências a outras obras. Segundo o historiador, o autor teve acesso a um vasto número de livros para escrever a sua crônica. Entretanto, Duverger não acredita que Bernal Díaz tivesse essa cultura tão vasta como demonstrada no decorrer da narrativa. Em uma das passagens, Bernal Díaz narra a captura de Cuauhtémoc e a queda de México-Tenochtitlan. Para isso, o cronista

compara a queda desta cidade com a destruição de Jerusalém feita por Tito em 70 d.C. Segundo Duverger:

Ahora bien, conviene buscar ese relato de la destrucción de Jerusalén en la Guerra de los judíos escrita por Flavio Josefo, escritor judeo-griego del primer siglo de nuestra era. Los textos de Flavio Josefo fueron escritos inicialmente en arameo y luego traducidos por él mismo al griego. ¡Vaya sorpresa el descubrir a nuestro Conquistador guatemalteco capaz de disertar sobre ese historiador como si fuera un autor fetiche de la banda de aventureros que participaban en la Conquista de México! (DUVERGER, 2012, p. 99).

Outro ponto no qual a cultura do autor da obra fica explícita é na famosa descrição de México-Tenochtitlan. O cronista compara a vista da cidade com uma descrição presente em *Amadís de Gaula*, célebre novela de cavalaria. Além desta, há referências a outras obras e personagens históricos, como Augusto, Aníbal, Mitrídates, Alexandre Magno entre outros. Duverger segue questionando como Bernal Díaz teria acesso a tantos livros. Para ele, esse nível de cultura só seria acessível a aristocratas e integrantes do alto clero. O fato é que, segundo o autor, Bernal Díaz não fez parte de nenhum dos dois círculos para ter acesso a esse nível de erudição (DUVERGER, 2012, p. 101-106).

O segundo argumento usado por Duverger é chamado de *La Impossible Memoria*. O que surpreende o historiador neste tópico é como Bernal Díaz possui uma capacidade além das expectativas de lembrar dos acontecimentos ocorridos décadas antes. A exemplo disso, o autor cita uma listagem de 320 nomes com detalhes como estatura, idade, cidade de origem etc. Para Duverger, a escrita da história é um exercício de memória, porém a busca pela autenticidade de Bernal Díaz o faz descrever os acontecimentos com extrema precisão. Através desse nível de detalhamento, podemos acompanhar os mínimos detalhes da Conquista. As batalhas, as armas usadas, atores, alvos, templos e locais. A questão trazida pelo historiador é: Como Bernal Díaz memorizou tantas informações? Como ele soube de tantos detalhes? Em alguns momentos, Bernal Díaz sabe de segredos dos personagens, ou de fatos tão pessoais que surpreendem o leitor. Duverger acredita que Bernal Díaz não é um personagem coadjuvante, mas sim parte de um círculo muito próximo de Cortés. Dessa forma, teria acesso a esse tipo de informações com tantos detalhes (DUVERGER, 2012, p. 109-110).

O último argumento usado por Duverger é o que chamou de *No Soy Letrado*. O ponto principal desse tópico é a análise de documentos nos quais Bernal admite não ser letrado, o que não condiz com o ofício de cronista. O documento em questão é uma carta escrita ao imperador. Nela, Bernal Díaz se queixava do presidente da Audiência de *los Confines*. As reclamações envolviam suspeitas de corrupção, nepotismo, favoritismo e despojo de alguns *encomenderos*. Ao final da carta, Bernal Díaz pede para o imperador não se importar com sua “*mala polezia de las palabras*”, pois não era letrado e por isso não era tão delicado com as palavras (DUVERGER, 2012, p. 112). Duverger questiona o que significa não ser letrado no século XVI. Para ele, significa não saber ler nem escrever. Outro exemplo foi encontrado numa carta escrita por Teresa Bezerra. Nesta, a esposa de Bernal Díaz afirma não saber assinar e, por isso, pediu a uma testemunha que o fizesse. Duverger aponta para o fato dela precisar de outra pessoa, e não o próprio marido cronista para assinar um documento (DUVERGER, 2012, p. 114).

Usando esses três argumentos como base de investigação, o historiador começa a traçar o que ele chamou de *Resolução do Mistério*. Para encontrar o verdadeiro autor da crônica, teria que buscar um personagem diretamente ligado à Conquista. Este autor teria que dispor de uma memória perfeita ou acesso aos arquivos para consultar algumas informações. Deveria ter a habilidade de organizar uma narrativa de forma dramatúrgica. Teria que ser muito próximo a Cortés, para ter acesso a todas as informações, desde o comportamento, diálogos e até pensamentos formulados pelo marquês. Para Duverger, a única pessoa que esteve em todas as expedições, que acompanhou Cortés em suas viagens para a Espanha, que é letrado, teve acesso a Gómara, à cultura e estudos para tal empreendimento literário seria o próprio Hernán Cortés (DUVERGER, 2012, p. 121 - 127).

O principal motivo que Cortés começou a pensar na ideia de um escritor anônimo seria a proibição da impressão, venda e posse das *Cartas de Relación*. Após a publicação de quatro de suas cartas, uma delas chegando a ter 4.000 exemplares, sua quinta carta, em 1526, teve sua edição suspensa. Seria neste momento que, segundo Duverger, Cortés teria criado seu personagem fictício (DUVERGER, 2012, p.150). Apesar da escrita de Gómara ser feita a partir do que Cortés narra, Duverger acredita que a criação de um personagem também serviu para criticar a ideia de uma Conquista ligada a um só herói. A crônica de Bernal Díaz seria uma forma de mostrar uma história social da Conquista, repleta de soldados, nativos, alianças etc. (DUVERGER, 2012, p.172). Para isso, Cortés soube

equilibrar a dose de narrativa presente nas cartas e, ao mesmo tempo, criar um personagem livre e dar mais humanidade aos Conquistadores.

Um dos fatores para a escolha de Bernal Díaz seria o fato dele ser um personagem com um passado vago e repleto de lacunas. Como vimos anteriormente, sabemos apenas sua cidade de nascimento. Bernal Díaz teria sido, segundo Duverger, a escolha perfeita. De acordo com o historiador, Cortés obteve acesso a toda a documentação acerca das expedições ao desembarcar na Nova Espanha em 1514. Assim, teria decidido criar um Conquistador antigo e experiente em batalhas, que estivera presente nas duas campanhas anteriores à sua (DUVERGER, 2012, p.157). Além disso, um escritor idoso justificaria possíveis erros, uma vez que teria escrito a partir das suas memórias. Esse mesmo argumento valeria para as digressões e comentários presentes no decorrer da narrativa, aspectos que conferem à obra um tom mais humanizado e desapegado (DUVERGER, 2012, p.159).

Segundo o historiador, Cortés escreveu suas obras não em busca de reconhecimento, mas da eternidade. Sabia que a crônica não seria publicada em vida, pois já estava destinada a ser uma publicação póstuma. Frente à censura, Cortés criou um pseudônimo e reescreveu a história da Conquista, dando os devidos créditos aos Conquistadores.

O livro de Duverger causou uma série de críticas quanto à sua tese principal. O argumento do autor se apoia em algumas propostas objetivas, usando como base a análise de documentos, listas, cartas e a própria crônica. Mas, de acordo com seus críticos, nem sempre essas afirmações são embasadas em argumentos sólidos. Exemplo disso é a análise do testemunho de Bernal Díaz ocorrido em 1569, na *probanza de mérito* da filha de Pedro de Alvarado. Em uma das perguntas feitas a Bernal Díaz sobre seus feitos durante a Conquista, ele afirma que estava escrevendo uma crônica e *relación*. Duverger afirma que Bernal Díaz possui uma crônica, é depositário dela e não que escreveu uma. Esse apego aos mínimos detalhes reforça que Duverger a todo momento está buscando falhas nos documentos para justificar sua afirmação. Para Bernal Díaz não existir como cronista e autor, o historiador vasculhou os mínimos detalhes da biografia e obra do cronista.

Outro fator interessante do livro de Duverger é a sua escrita. Diferente do que tradicionalmente ocorre em textos acadêmicos de historiadores, a pessoa do autor está visivelmente opinando no decorrer do texto. Ao longo da narrativa, Duverger acrescenta

comentários e chega a conclusões que, constantemente, conduzem o leitor a chegar aos mesmos pontos. Quando questiona o surpreendente volume de informações que Bernal Díaz possui, e como ele teria acesso a essas fontes, principalmente sobre Cortés, a reação de Duverger no texto é visível:

Porque ese diablo de hombre lo sabe todo. Todo, absolutamente todo sobre Cortés. Se creería que tiene espías por todos los lados, que escucha tras las puetas, que abre las cartas del capitán general y lee sus pensamientos (DUVERGER, 2012, p.110).

Uma das críticas foi feita por Guillermo Serés, especialista em filologia e estudioso sobre as versões da crônica de Bernal Díaz. Segundo ele, a grande maioria dos historiadores do assunto discorda dos pontos apresentados por Duverger. Poucos dão credibilidade e nenhum acredita na autoria de Cortés (GUILLÉN, 2005, p.16). O erro de Duverger, segundo o autor, está presente na falta de interdisciplinaridade do seu texto. Serés afirma que o historiador ignorou as áreas da crítica textual, a filologia, história do livro, história da literatura, entre outros. Ao escrever sua hipótese, não consultou outros campos que já haviam avançado nas questões. Causando, por exemplo, erros de datação, informações incorretas, afirmações já debatidas e saberes que possuem um extenso conhecimento científico produzido. O artigo em questão veio após uma resposta do próprio Duverger. O autor do livro escreveu severas críticas no que ele chamou de “Carta aberta à Academia”. Nela, Duverger ressalta que deve prevalecer o senso crítico, e que os historiadores não devem pensar em obter a verdade. Logo, todos os estudiosos são representantes de uma historiografia monolítica e fossilizada (GUILLÉN, 2005, p.17).

Outro historiador que também critica o trabalho de Duverger é Miguel León-León-Portilla. Segundo seu texto publicado na revista *Nexos*, Duverger escreve um livro fantasioso. León-Portilla aponta que o fato de Bernal Díaz ser soldado e sem estudos não o incapacita de ser escritor, pois Miguel de Cervantes também tinha essa condição. A sua memória não era tão surpreendente, já que, segundo o autor, Bernal Díaz começou a escrever suas memórias em 1555. Contra a autoria de Cortés, León-Portilla aponta várias questões: Como Cortés teve tempo para escrever mais sobre suas memórias, quando, nos anos finais da vida, estava preso a problemas com a Coroa Espanhola? Por que Cortés escreveria mais sobre a Conquista, se já havia escrito tudo em suas *Cartas de relación* a Carlos V? Além disso, o próprio Duverger havia escrito um livro sobre Cortés em 2005

e nada disse sobre a escrita da crônica. Além disso, o historiador mexicano apresenta o que seriam alguns erros cometidos por Duverger a respeito de informações sobre Bernal Díaz (LEÓN-PORTILLA, 2013).

A contribuição de Duverger para a historiografia sobre a Conquista da América, contudo, não pode ser negada. As suas investigações, o trabalho com as fontes, dados coletados, a escrita deste e outros livros trazem novas perspectivas para essa temática. Principalmente quando se trata de Hernán Cortés, o trabalho do autor foi muito bem recebido. Porém, a sua busca pela confirmação de sua hipótese no livro analisado torna este texto problemático, uma vez que as informações e sua escrita são usadas para confirmar diretamente seu argumento. Duverger ignora boa parte dos trabalhos sobre a vida de Bernal Díaz já existentes e se apega a detalhes ou datações que respaldariam a inexistência do cronista. Quando, na verdade, sua existência está confirmada há mais de 450 anos. A hipótese, por mais que seja fundada na sua “escola da dúvida”, cria a falsa sensação de que personagens históricos podem não ter existido por ausência de fontes suficientes para isso.

Discordando da hipótese de Duverger sobre a inexistência de Bernal Díaz, existe a pesquisa do historiador José Soria , que escreveu o texto *Bernal Díaz del Castillo en Guatemala*, focando no fim da vida do cronista e nos documentos deixados pelo autor em território guatemalteco. Soria afirma que a escrita da crônica é fruto de uma última batalha que Bernal Díaz enfrentou. Já no fim da vida, o velho capitão teria tentado resgatar com o máximo de exatidão os seus feitos e os dos seus companheiros nas batalhas. Um sinal dessa busca pela exatidão é o número de correções e anexos presentes no Manuscrito de Guatemala, já explicitado anteriormente, com várias pequenas correções ao decorrer do texto, como a cor de um cavalo ou como exatamente cada soldado faleceu. Segundo Soria:

La Conquista, viva en la memoria popular oral, en los cinco viejos soldados sobrevivientes de la tropa Conquistadora de México, los 550 soldados que menciona siempre, debía rescatarse como obra suya. Esta historia, contada y recontada por soldados como él, debía inmortalizarla la escritura, el testimonio veraz. Una hazaña colectiva. En ambos lados, indígenas o españoles, con sus grandezas y flaquezas, su caudal de dolor, derrota y amargura (SORIA, 2012, p. 24).

Soria também concorda que o texto de Bernal Díaz foi reescrito a partir do contato com a publicação de Gómara. O incômodo gerado pelo fato de grande parte do crédito da Conquista ser atribuído apenas a Cortés transparece no texto de Bernal Díaz e o faz reescrever sua obra. Além disso, ele teria pedido ajuda de outros Conquistadores para lembrar dos feitos dos espanhóis em Guatemala, como López de Villanueva (SORIA, 2012, p. 24). Soria faz questão de escrever um pós data para seu artigo, rebateando todas as afirmações de Duverger que, segundo ele, seriam fantasiosas. Soria afirma que Bernal Díaz é o autor da crônica, pois houve testemunhas que obtiveram contato com o texto ou com Bernal Díaz quando ele ainda estava elaborando o texto. O autor também desmente a afirmação de que o Manuscrito de Guatemala teria sido feito na Espanha e só depois levado para a Guatemala. Soria diz que o manuscrito sempre esteve na Guatemala e só saiu de lá no século XVIII (SORIA, 2012, p. 26).

No mesmo propósito de José Soria, Maria Martinez escreveu em 2018 o artigo *Bernal Díaz del Castillo: memoria, invención y olvido*. A autora apresenta e analisa documentos até então inéditos a respeito de Bernal Díaz e utiliza esses documentos para debater e criticar o texto de Duverger, numa tentativa de provar a existência do cronista para além da escrita da sua crônica. Martinez aponta para o nome de Bernal Díaz em dois documentos: em 1519, no testemunho documental que apoiava Cortés como capitão geral da expedição, e em 1524, quando seu nome aparece no regimento da vila de Espírito Santo, local em que ele se estabeleceria mais tarde (MARTÍNEZ, 2018, p. 400). O terceiro caso elencado pela autora é o pleito pela liberdade de uma índia em Tehuantepec. Isabel, índia *bizcochera* fora interrogada no México, quando afirmou ter servido a Castillo e que ele a havia libertado. Ela foi questionada se era Castillo "*el Galán*", apelido confirmado pelo próprio filho Diego Castillo (MARTÍNEZ, 2018, p. 402).

Bernal Díaz também aparece por diversas vezes em vários outros documentos, como *probanzas* de mérito, cartas de dote, cartas a Carlos V, a Bartolomé de Las Casas, testemunhos de posse, escrituras de arrendamento (MARTÍNEZ, 2018, p. 403). Sua existência, de acordo com a autora, estaria mais do que comprovada pelo acervo de documentos encontrados que confirmam sua existência, seja direta ou indiretamente. Segundo a autora:

Teniendo en consideración los documentos que se conservan no se puede decir que la vida de Bernal Díaz esté sumida en el anonimato, lo que no impide

reconocer que todavía hay lagunas y etapas con más sombras que luces. Felizmente, explorar los archivos puede deparar hallazgos novedosos que, después de ser sometidos a un análisis científico, aportan información sustancial sobre su trayectoria y obra (MARTÍNEZ, 2018, p. 424).

Em 2019, completou-se 500 anos da Conquista do México. Data nacionalmente comemorada, com eventos como o encontro dos descendentes de Hernán Cortés com os do imperador Montezuma. A historiografia também esteve presente nessa comemoração. Nos anos subsequentes, saíram vários livros com essa temática. Um deles foi a obra *Hernán Cortés revisado: 500 años de la Conquista española de México (1521-2021)*, lançada em novembro de 2021. Trata-se de uma antologia com o objetivo de apresentar uma visão pós-colonial da Conquista, unindo uma série de estudos acadêmicos sobre novos temas, lacunas historiográficas e grandes debates sobre a temática. O livro foi organizado pelo historiador alemão Feliz Hinz. O segundo livro, lançado em 2022, se chamado *500 años de la Conquista de México: Resistencias y apropiaciones*. Coordenado pela historiadora Valeria Añón, teve como objetivo revisitá leituras clássicas, aproximações renovadoras sobre a Conquista e reflexões em torno de discursos e representações do acontecimento que fez 500 anos.

Ambos os livros contêm textos sobre Bernal Díaz e sua *Historia Verdadera*. Porém, não se aprofundam e nem discutem as possibilidades de estudos sobre a crônica. Na obra de Feliz Hinz, o historiador alemão Bernard Grunberg fica responsável por pensar essa temática, mas ao mesmo tempo, o coloca em contraponto a Hernán Cortés. Em seu *Hernán Cortés y Bernal Díaz del Castillo*, o autor chama a atenção para o trabalho historiográfico com um apego aos nomes de personagens, lugares, eventos, datas e números como fatores essenciais para medir a veracidade do objeto estudado. O autor foca seus estudos na segunda carta de *relación* de Cortés, que elenca os eventos de 1519 a 1520, e os capítulos LIV a CXXXIV da crônica de Bernal Díaz, que coincidem com o mesmo período das cartas. Grunberg compara os dados presentes nos dois textos. Porém, não sobre os conteúdos de cada um e nem seus aspectos e interpretações. O objetivo do autor é o de comparar cada evento, dados numéricos, personagem citados e quantas vezes foram citados, enumeração dos exércitos e reforços, resultando em algo como uma tabela de dados comparativos a ser interpretados.

Já o livro organizado pela historiadora Valeria Añón contém o texto chamado *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España de Bernal Díaz del Castillo*:

*estudio preliminar*, escrito por Susana Zanetti y Celina Manzoni. O breve texto presente no livro se propõe a analisar a obra de Bernal Díaz dentro de um contexto de várias fontes sobre a Conquista, sejam cartas, *relaciones*, memoriais, crônicas e histórias, cada qual com suas características e estilos (ZANETTI; MANZONI, 2022, p. 334). Para as autoras, a crônica se insere num contexto de heterogeneidade presente nas Américas. O texto era escrito em função do Velho Mundo, porém com um referencial totalmente diferente, que era o Novo Mundo. Bernal Díaz se insere nesse contexto como um Conquistador que, tendo participado da Conquista, buscou seus méritos e honras através da escrita de seus feitos:

Los soldados involucrados en la Conquista percibieron seguramente su pertenencia a una generación privilegiada; muchos de ellos desearon consignar su participación en la hazaña imbuidos como estaban por lo demás del valor de la honra alcanzada por las armas en aquella España expansionista y orgullosa de su fe militante y triunfadora; esos soldados dejaron su testimonio escrito y aunque el más famoso es el de Bernal, merece especial atención la Relación de algunas cosas de la Nueva España (1941), cuyo autor desconocido pasó a la historia como “el Conquistador anónimo” (ZANETTI; MANZONI, 2022, p. 338).

Como um estudo preliminar, o texto das autoras consegue cumprir o objetivo, desde uma pequena biografia, contexto e inserção da crônica num hall de outros textos que narram a Conquista, além de analisar como o autor e sua crônica seu peculiares e diferentes dos outros textos, e porque são valorizados. Porém, para um livro de 500 anos de Conquista, como todo o trabalho já feito até 2022 sobre Bernal Díaz, careceu de espaço para debate sobre o tema. O texto é curto e conclui sem aprofundar os possíveis questionamentos.

Ao encerrarmos esse balanço historiográfico, podemos identificar alguns aspectos. O translado e as versões da crônica foram bastante pesquisados, situados em boa parte, nos prólogos de algumas versões da obra. Como exemplo, podemos citar os textos de Guillermo Serés e Miguel León-León-Portilla. Além disso, as viagens dos manuscritos foram registradas nas mais diversas comarcas das instituições espanholas do século XVI.

Os aspectos narrativos da crônica também são de grande interesse dos pesquisadores, principalmente sobre o caráter único de Bernal Díaz. Seu texto foi comparado com obras do período Antigo e Medievo, buscando identificar pontos de contato com literaturas anteriores e contemporâneas ao autor. O texto de Bernal Díaz foi revisitado ao longo dos anos, e nova questões tornam essa fonte histórica um objeto de pesquisa para as novas perspectivas históricas. Como pudemos observar, a revisitação da crônica para novos estudos sempre sustenta novas questões, novos olhares que expandem a narrativa de Bernal Díaz para além da Conquista.

## CAPÍTULO II:

### A Crônica de Bernal: Uma nova forma de narrar a Conquista

#### **2.0 O texto como ferramenta narrativa de Bernal Díaz**

Como pudemos observar no capítulo anterior, a escrita da Conquista por Bernal Díaz foi feita já em seus anos finais de vida. Uma escrita que, apesar de narrar todo o processo em primeira pessoa, foi feita através de uma memória construída. É inegável o quanto o texto agrega ao evento. Todo o percurso, eventos, diálogos e, principalmente ponto de vista do narrador, tornam a Conquista um acontecimento complexo e multicultural.

Outro ponto a se analisar é a dificuldade de encaixar o texto de Bernal Díaz em uma categoria literária. Como pudemos observar, diversos autores tentaram comparar o texto do cronista com outros escritos anteriores, e contemporâneos ao seu. Mas, a grande chave de leitura é analisar a crônica através dos seus objetivos. Primeiro, pois as comparações chegam ao mesmo destino: o texto de Bernal Díaz é único, pois reúne os mais diversos tipos de narrativas sobre si e sobre o Novo Mundo, não sendo possível encaixar esse texto numa categoria específica. Segundo, o ponto que une todo o texto de Bernal Díaz se apresenta quase no final do texto. Seu objetivo principal é contar a Conquista de forma que seus feitos e valores estejam claros o suficiente para requisitar mercês. A construção de um Bernal Díaz jovem e Conquistador, presente em grande parte da narrativa, obedece aos preceitos criados pelo Bernal Díaz velho, que aparece no final da crônica.

A questão então é: Como essa nova Conquista foi criada? Quais métodos Bernal Díaz usou para diferenciar seu texto dos demais? Quais críticas são feitas aos seus contemporâneos e por que essa crítica é tão importante? De certa forma, essas questões foram respondidas em parte no capítulo anterior. Neste, iremos aprofundar essa análise da fonte, para que possa nos responder de uma forma mais clara. Para isso, iremos investigar motivos das discordâncias de Bernal Díaz com López de Gómara. Faremos uma breve biografia de Francisco López de Gómara, para em seguida entender em quais pontos há divergência entre a construção da Conquista feita pelo capelão de Cortés e por quais motivos essa narrativa precisou ser “desmentida” por Bernal Díaz de forma tão enfática. Além disso, a análise dos capítulos finais da crônica revela como a indignação

de Bernal Díaz não está apenas na imagem de Gómara, mas de toda a narrativa da Conquista construída por outros escritores.

## 2.1 O Cronista cortesão: uma breve biografia de López de Gómara

Francisco López de Gómara nasceu em 2 de fevereiro de 1511, na vila de Gómara, província de Soria em Castela. Seus pais tinham certo reconhecimento na cidade, devido às sepulturas estarem localizadas na igreja de *San Juan Bautista*. Destinado à carreira eclesiástica, com pouco mais de 10 anos de idade foi para Soria estudar no colégio de *San Pedro*. Iniciou sua formação no campo das letras como discípulo de Pedro de Rúa. Nesse período, aprendeu não só gramática, mas os fundamentos da historiografia próprios do humanismo. Foi ordenado presbítero, deixando sua cidade natal para viajar a Roma em 1531.

De 1536 a 1539, foi capelão no *Colegio Mayor de San Clemente de los Espanoles*, em Bolonia, com a licença do bispado de Osma, fray García de Loaisa. Oportunidade que aproveitou para avançar seus estudos com o acesso às bibliotecas da cidade. Em 1537, esteve nas cidades de Lisboa e Sevilla, duas grandes regiões relacionadas à exploração ultramarina europeia nas Índias e no Novo Mundo. Ao retornar à Itália, deixou a capelania do Colégio de San Clemente para entrar, por recomendação, no serviço do embaixador espanhol Don Diego Hurtado de Mendoza, em Veneza. Gómara esteve presente na expedição do rei Carlos V na invasão da Argélia, em 1541. Foi durante essa campanha que conheceu Hernán Cortés. Após o desastre militar da expedição, ambos retornaram para Valladolid (CAZÁRES, 2019, p.238).

Gómara se dedicou a escrever sobre os assuntos que convergiam com as preocupações do período: A guerra pelo domínio do Mediterrâneo e a Conquista do Novo Mundo. Juntamente com seu conhecimento e aporte teórico, começou a redigir simultaneamente a *Cronica sobre Omich y Haradin Barbarrojas*, e a história de Cortés. Em 1545, em honra a Pedro Álvarez Osório, publicou *Crónica de los Barbarrojas*, o que lhe rendeu muitos méritos. Como consequência, solicitou patrocínio para escrever outro livro, de interesse do então conde de Astorga, que havia acabado de anunciar o matrimônio de um de seus herdeiros com uma das filhas de Hernán Cortés. Tal retorno aproximou Gómara e Cortés, tornando-o parte da Corte e, futuramente, capelão. Tal convivência possibilitou a aproximação com outros Conquistadores e escritores, como Andrés de Tapia, Juan Ginés de Sepulveda e Francisco Cervantes Salazar. Em 1546, com

Cortés já endividado e enfermo, Gómara decide não o acompanhar no seu retorno para a Nova Espanha. Depois de sua morte, Gómara redige a versão definitiva da biografia de Cortés e dedica seu texto a Martín Cortés, filho do Conquistador (CAZÁRES, 2019, p. 239).

A *Historia General de Las Índias* e a *Historia de la Conquista* fazem parte de um mesmo livro, dividido em duas partes. Sua publicação em 1552 em Zaragoza foi muito bem recebida, sendo acolhida pelos leitores e impressa mais duas vezes na mesma cidade. Porém, sua disseminação foi interrompida a mando do príncipe Felipe em 1553<sup>7</sup>. Posteriormente, o cronista foi a Madrid mostrar a versão final do texto para Martín Cortés e cobrar 500 ducados pela produção e publicação, porém não recebeu o valor. Após isso, viajou para Flandres e permaneceu frequentando a corte à espera de mercês e de uma nomeação para cronista oficial, o que nunca ocorreu. Gómara faleceu em dezembro de 1559 (CAZÁRES, 2019, p.242-243) .

A primeira parte do texto tem um caráter diferente. Como se intitula *História general de las Índias*, a narrativa de Gómara retorna aos primeiros contatos dos europeus com as novas terras até pouco antes da Conquista do México. Assim, de forma topográfica e cronológica, Gómara concatena os acontecimentos precursores das expedições ultramarinas. Não só preocupado com a Conquista política, incluiu dados da história moral dos habitantes e da história natural do local.

O segundo livro é narrado a partir do nascimento de Hernán Cortés até sua morte. Dali se destacam seus feitos e a construção de sua fama. Sua profunda admiração pelo Conquistador transparece em seu texto, com inúmeros elogios e principalmente, o uso das Cartas de Cortés como referência na escrita. Por esse motivo, seu texto chega a ser proibido em 1553 (MIGNOLO, 1982, p.82).

Gómara esteve presente por 10 anos na Itália, convivendo e lendo textos dos renascentistas. Logo, seu texto seguiu uma lógica de concepção cristã, do medievalismo das novelas de cavalaria e do papel da providência na história. Além disso, seu texto passou pela história e biografia dos grandes homens, principalmente na atuação central de Hernán Cortés (LACROIX, 1979, p.12). Segundo a dedicatória ao rei Carlos V feita por Gómara na primeira parte do texto: “*La mayor cosa después de la creación del*

---

<sup>7</sup> Segundo a tese do historiador Thiago Bastos, os textos de López Gómara, foram confiscados em 1553. A exaltação de Hernán Cortés, o providencialismo cristão e a quantidade de edições impressas foram motivo para que a crônica fosse retirada de circulação em 1553 pela cédula real do príncipe Felipe em Valladolid (SOUZA, 2021, p. 226).

*mundo, sacando la encarnación y muerte del que lo crió, es el descubrimiento de Índias; así las llamas Mundo Nuevo”* (GÓMARA, 1922, p. 4).

Gómara tem algumas fontes para escrita da sua crônica: Pedro Mártir de Anglería, Hernán Cortés, Gonzalo Fernández de Oviedo, Andrés de Tapia, entre outros. Além disso, de 1540 a 1547, Gómara foi capelão de Cortés, tempo esse que aproveitou para reunir informações diretamente do Conquistador. Algumas das partes sendo ditadas por Cortés letra por letra (LACROIX, 1979, p.13-14).

Segundo a historiadora María Martínez, Gómara usava alguns métodos de interrogatório para conversar sobre as Índias, não só com Cortés, mas com todos aqueles que viajaram para o Novo Mundo. Dessa forma, sabia algumas informações cartográficas, como a distância dos portos da Europa até Veracruz<sup>8</sup> (MARTÍNEZ, 2010, p. 272).

Seu texto chegou a circular no Novo Mundo, dado o fato que Bernal Díaz teve contato com ele antes mesmo de publicar a sua crônica. As discordâncias entre os dois cronistas postas por Bernal Díaz são muito bem salientadas no texto, e dessa forma, criam-se duas versões de uma mesma Conquista. Iremos analisar os principais pontos desse debate, para que possa ficar claro como, a todo instante, Bernal Díaz esteve empenhado em narrar uma Conquista propriamente sua, na qual o personagem principal é o próprio cronista.

## 2.2 Bernal e Gómara: duas formas de narrar a Conquista

A relação entre providência e as crônicas sobre a Conquista é bastante clara. Muitos relatos europeus deixam explícito em seus prólogos ou nos primeiros parágrafos como a ajuda de Deus foi decisiva para a vitória. Ao decorrer da expansão dos espanhóis na América, observamos os diversos sinais da relação direta entre a Conquista militar e a Conquista espiritual. Especificamente, nossa análise recairá sobre os relatos de Bernal Díaz e López de Gómara. Ambos escreveram sobre os mesmos eventos, porém com divergências quanto à atuação, métodos, acontecimentos e justificativas. Dessa forma, ao analisarmos a Batalha de Cintla, tais objetivos ficam mais elucidados.

---

<sup>8</sup> “Buena muestra de aquella habilidad quedó plasmada a la hora de escribir sobre el sitio de las Indias y remitir al lector a la representación cartográfica que incluía en su obra, 21 demostrando en otras ocasiones su gran capacidad integradora y de relación. Así, en las Guerras de mar, al tratar sobre las navegaciones, hizo mención al tiempo empleado por el Conquistador en la travesía durante su primer regreso a España: “Hernando Cortés, en 36 días de navegación, vino de la Veracruz a Sanlúcar de Barrameda, que son más de 1.800 leguas”” (MARTÍNEZ, 2010, p. 272).

A relação entre a crônica de Bernal Díaz e a religiosidade cristã é intrínseca. Na obra, que, a depender da versão, possui de 600 a 1.000 páginas, a palavra *Dios* se repete 360 vezes. A presença de Deus é ressaltada desde o desembarque do primeiro espanhol, passando pelos contatos iniciais com os nativos do Novo Mundo, as batalhas, Conquistas e o longo processos de expansão. A cristandade espanhola ressoa nas palavras de Bernal Díaz desde os primeiros momentos da Conquista:

Y además de esto, elegimos proveedor a un soldado que se decía Bernardino Iñiguez, natural de Santo Domingo de la Calzada, para que si Dios nos encaminase a tierras ricas y gente que tuviese oro o plata, o perlas, u otras cualesquier riquezas, hubiese entre nosotros persona que guardase el real quinto. Y después de todo esto concertado oído misa, encomendándonos a Dios Nuestro Señor y a la Virgen Santa María Nuestra Señora, su bendita Madre, comenzamos nuestro viaje de la manera que diré (CASTILLO, 1984, p. 65).

A atuação da missa da manhã, ou precedendo uma batalha, é uma ferramenta que sempre aparece na narrativa do cronista. Grande parte dos acontecimentos importantes das expedições é precedido da cerimônia realizada por um religioso que acompanha os Conquistadores. Essa premissa também aparece como respaldo às ações e decisões dos espanhóis. As medidas tomadas foram realizadas segundo a vontade de Deus e essa fé é narrada como a força de vontade que move os Conquistadores espanhóis durante as campanhas. Bernal Díaz faz questão de retomar esse discurso antes ou depois de uma batalha, seja pedindo ajuda ou agradecendo após um momento difícil:

Que ya habíamos entendido la jornada que íbamos y que, mediante Nuestro Señor Jesucristo, habíamos de vencer todos las batallas y reencuentros; y que habíamos de estar tan prestos para ello como convenía, porque en cualquier parte donde fuésemos desbaratados, lo cual Dios no permitiese, no podríamos alzar cabeza, por ser muy pocos, y que no teníamos otro socorro ni ayuda sino el de Dios, porque ya no teníamos navíos para ir a Cuba, salvo nuestro buen pelear y corazones fuertes (CASTILLO, 1984, p. 236).

Outro elemento é o papel de Hernán Cortés para o processo de catequização. Por vezes, Cortés irá entregar uma cruz, pedir que esculpissem ou que fosse registrada de alguma forma os locais onde a fé cristã já havia chegado:

Y mandó a nuestros carpinteros, otras veces por mí nombrados, que hiciesen una cruz u la pusiesen en un pilar que teníamos ya nuevamente hecho y muy bien encalado; y otro día de mañana se dijo misa en el altar, la cual dijo el padre fray Bartolomé de Olmedo, y entonces a la misa se dio orden cómo con el incienso de la tierra se incensasen la santa imagen de Nuestra Señora y a la santa cruz, y también se les mostró a hacer candelas de la cera de la tierra, y se les mandó que con aquellas candelas siempre tuviesen ardiendo delante del altar, porque hasta entonces no sabían aprovecharse de la cera (CASTILLO, 1984, p. 218).

Essa medida vem acompanhada principalmente do ensinamento dos bons costumes cristãos e a ritualística das cerimônias. Fato que Bernal Díaz discorre no final de sua crônica e nós voltaremos mais à frente. Porém, mesmo quando havia resistência à conversão direta, Bernal Díaz afirma que Cortés insistia em mostrar os benefícios da santa fé cristã e porque eles deveriam abandonar sua idolatria:

Y se les dió a entender otras cosas santas y buenas: y que pusiesen una imagen de Nuestra Señora que les dió, y una cruz, y que siempre serían ayudados y tendrían buenas sementeras, y se salvarían sus ánimas. Y se les dijo otras cosas acerca de nuestra santa fe, bien dichas. Y el papa con los caciques respondieron que sus antepasados adoraban en aquellos dioses porque eran buenos, y que no se atrevían ellos a hacer otra cosa, y que se los quitásemos nosotros, y veríamos cuánto mal nos iba de ello, porque nos iríamos a perder en la mar (CASTILLO, 1984, p. 138).

A partir disso, podemos afirmar que não há uma ausência do providencialismo ou de uma Conquista espiritual na narrativa de Bernal Díaz. O conflito mais direto com o texto de ambos não pode ser direcionado para uma crônica religiosa x uma crônica militar. Para expandir o entendimento a respeito de como a religião cristã é apresentada dentro da obra do cronista, usaremos um dos casos mais famosos relacionados às divergências de narrativa sobre a Conquista envolvendo Bernal Díaz e López de Gómara. Bernal Díaz deixa claro no prólogo da obra, presente em algumas versões, que Gómara construiu uma narrativa com informações erradas e, com isso, fez outros historiadores errarem também:

Yo, Bernal Díaz del Castillo, regidor de esta ciudad de Santiago de Guatemala, autor de esta muy verdadera y clara historia, la acabé de sacar a la luz, que es desde el descubrimiento, y todas las Conquistas de la Nueva España, y como se tomó la gran ciudad de México, y otras muchas ciudades, hasta las haber traído de paz y pobladas de españoles muchas villas, las enviamos a dar y entregar, como estamos obligados, a nuestro rey y señor; en la cual historia hallarán cosas muy notables y dignas de saber: y también van declarados los borrones, y escritos viciosos en un libro de Francisco López de Gómara, que no solamente va errado en lo que escribió de la Nueva España, sino también hizo errar a dos famosos historiadores que siguieron su historia, que se dicen Doctor Illescas y el Obispo Paulo Iobio; y a esta causa, digo y afirmo que lo que en este libro se contiene es muy verdadero, que como testigo de vista me hallé en todas las batallas y reencuentros de guerra (CASTILLO, 1984, p. 61).

Explicitada já em seu prólogo, e repetida por diversas vezes no decorrer da crônica, a relação entre Bernal Díaz e Gómara tende a ser de correções e debates, principalmente pelo fato do texto de Gómara ter sido publicado em 1552, anos antes da conclusão da obra de Bernal Díaz. Logo, o cronista de Medina del Campo teve acesso ao texto, e escreve, para corrigir as falhas e erros do Gómara, mas não apenas por isso.

Algumas divergências são de caráter de opinião. No começo do processo da Conquista, durante a expedição de Juan de Grijalva, explicada com mais detalhes anteriormente, López de Gómara narra como esse Conquistador se feriu em batalha e precisou de resgate para retornar à ilha de Cuba. O religioso deixa entendido em seu texto que Diego Velásquez, então governador de Cuba e parente de Grijalva, desconfiava de seu parente e temia que o capitão da expedição não quisesse povoar a região de San Juan de Ullua. Na passagem em questão, Gómara diz:

Llegó Pedro de Alvarado, después de partido Cristóbal de Olid, con la relación del descubrimiento y con muchas cosas de oro y pluma y algodón, que se habían rescatado; con las cuales, y con lo que dijo de palabra, se holgó y maravilló Diego Velázquez con todos los españoles de Cuba; mas temió la vuelta de Grijalva, porque le decían los enfermos que de allá vinieron, cómo no tenía gana de poblar, y que la tierra y gente era mucha y guerrera, y aun porque desconfiaba de la prudencia y ánimo de su pariente (GÓMARA, 1979, p. 18).

A mesma passagem, agora escrita por Bernal Díaz, faz questão de corrigir esse ponto. Bernal Díaz critica diretamente o texto de Gómara, apontando que não foi assim que ocorreu. O fato de Bernal Díaz estar presente durante os eventos é utilizado por ele como aspecto que lhe conferiria certa “autoridade” para a correção:

E viendo todo esto, fue acordado que lo enviásemos a hacer saber al gobernador Diego Velázquez para que nos enviase socorro; porque el Juan de Grijalva muy gran voluntad tenía de poblar con aquellos pocos soldados que con él estábamos, y siempre mostró un grande ánimo de un muy valeroso capitán; y no como lo escribe el cronista Gómara (CASTILLO, 1984, p. 102).

Esse apontamento ao final das passagens em que Bernal Díaz deixa claro quais seriam suas divergências com Gómara se repete em outras partes do texto. Sempre terminando com a expressão “*y no como lo escribe el cronista Gómara*”. Bernal Díaz faz questão de corrigir ponto a ponto as passagens que soam, a seu ver, fantasiosas ou que interferem na imagem que os Conquistadores teriam perante o leitor. A imagem de Juan de Grijalva, antes negativamente narrada por Gómara, recebe correções com a narrativa de Bernal Díaz.

Além da discordâncias citadas acima, outro ponto chave para análise do texto de Bernal Díaz sobre é a famosa batalha de Cintla, conhecida como a primeira grande batalha da expedição de Hernán Cortés. Usaremos o texto de Gómara para observar como a batalha é descrita com um teor que enfatiza os aspectos “milagrosos”. Posteriormente, compararemos com a narrativa de Bernal Díaz, considerada por ele como sendo mais “fidedigna”.

### 2.3 A Batalha de Cintla

Para analisarmos as duas descrições desta importante batalha, precisamos retornar um pouco à narrativa e situá-la dentro da jornada da terceira expedição dos espanhóis. Segundo o texto de Gómara, *Potochán* fica localizada na costa de Yucatán. O acesso a esta região já havia sido encontrado na expedição de Grijalva, que deu nome ao rio. Foi através do “Rio Grijalva” que a expedição de Cortés adentrou na região. Devido ao tamanho do rio, as embarcações maiores foram deixadas e pequenos barcos foram utilizados para desembarcar na costa. O primeiro contato com os *potochanos* foi hostil. Homens armados os aguardavam para batalhar, pois foram informados anteriormente que

os espanhóis estavam chegando ao local. Com a ajuda de Jerónimo de Aguilar<sup>9</sup>, Cortés solicitou que fossem recebidos em paz, pois só queriam comprar algo para comer e beber. Ouvindo a solicitação, os nativos partiram e voltaram pouco tempo depois com provisões. Cortés, no entanto, reclamou, dizendo que eram poucas e precisavam ir até o povoado para buscar mais:

Fueron, tornaron luego y trajeron en cinco o seis barquillos, pan, fruta y ocho gallipavos, y diéron sello todo dado. Cortés les mandó decir que aquella era muy poca provisión para la necesidad grande que traían y para tantas personas como venían en aquellos grandes bajeles, que ellos aún no habían visto, por estar cerrados, y que les rogaba mucho le trajesen harto, o le consintiesen entrar en el pueblo a abastecerse (GÓMARA, 1979, p. 37).

O conflito começa a se armar quando Cortés insiste na decisão de ir até *Potochán*. Assim, cada lado se prepara para a batalha. Cortés desembarca o restante da sua tripulação enquanto os nativos retiram mulheres e crianças do povoado e preparam sua defesa. Cortés age, criando dois grupos compostos por 150 espanhóis. Os grupos eram liderados por Alonso de Ávila e Pedro de Alvarado. A indicação dada aos capitães era que ocupassem uma região estratégica e, caso ouvissem som de guerra, retornassem por outra região, surpreendendo o inimigo. Os ânimos entre Cortés e as expedições indígenas já havia se alterado, pois o marquês queria avançar em terra e os ameríndios não permitiriam (GÓMARA, 1979, p. 38). Gómara deixa claro em seu texto que Cortés fez o que era previsto antes de declarar guerra, usando das ferramentas de guerra justa como o Requerimento<sup>10</sup>:

Quiso Cortés hacer con aquellos bárbaros todo cumplimiento, según razón, y conforme a lo que los reyes de Castilla mandan en sus instrucciones, que es requerir una y dos y muchas veces con la paz a los indios antes de hacerles guerra ni entrar por fuerza en sus tierras y lugares; y así, les tornó a requerir con la paz y buena amistad, prometiéndoles buen tratamiento y libertad, y

---

<sup>9</sup> Pode ser encontrado com a grafia “Geronimo”. Foi um frade franciscano nascido na Espanha e enviado para o Panamá para servir como franciscano, porém sua embarcação naufragou e foi capturado por nativos. Cortés soube desse acontecimento, e o resgata. A partir de então, Aguillar serve como intérprete da expedição.

<sup>10</sup> Um requerimento era um documento lido pelos espanhóis antes das batalhas. Funcionava como um ultimato para os nativos, consolidando a autoridade da Coroa Espanhola, e legitimando as ações dos Conquistadores (SEED, 2001, p.102).

ofreciéndoles la noticia de cosas tan provechosas para sus cuerpos y almas, que se tendrían por bienaventurados después de sabidas, y que si todavía porfiaban en no acogerle ni admitirle, que los apercibía y emplazaba para la tarde antes del Sol puesto, porque pensaba, con ayuda de su Dios, dormir en el pueblo aquella noche, a pesar y daño de los moradores, que rehusaban su buena amistad y conversación y la paz (GÓMARA, 1979, p. 39).

Segundo Gómara, Cortés já havia clamado a Deus, São Pedro e Santiago no primeiro confronto, o que mais tarde daria ainda mais embasamento para o “milagre” da Batalha de Cintla:

Y llamando a Dios y a Santiago y a San Pedro, su abogado, arremetió al lugar con los españoles que allí estaban, que serían obra de doscientos, y en llegando a la cerca que tocaba en agua, y los bergantines en tierra, soltaron los tiros y saltaron al agua hasta el muslo todos, y comenzaron a combatir la cerca y baluartes, y a pelear con los enemigos, que había rato que les tiraban saetas y varas y piedras con hondas y a manos, y que entonces, viendo cabe sí los enemigos, peleaban reciamente de las almenas a lanzadas, y flechando muy a menudo por las saeteras y traviesas del muro, en que hirieron cuasi veinte españoles (GÓMARA, 1979, p. 39).

As companhias de Ávila e Alvarado, anteriormente separadas, retornaram para a batalha ao ouvir o som dos disparos das escopetas espanholas. Após a vitória, Gómara deixa claro que *Potochán* foi a primeira cidade Conquistada por Cortés. Amontoavam-se nas regiões cada vez mais guerreiros vindos de outras regiões e comarcas para batalhar, matar os espanhóis, comê-los como inimigos e salteadores<sup>11</sup> (GÓMARA, 1979, p. 41).

No dia seguinte, Cortés enviou três companhias, lideradas novamente por Pedro de Alvarado, Alonso de Ávila e também por Gonzalo de Sandoval. Os três percorreram caminhos diferentes, com ordens de não entrarem em conflito nem tomarem nada a força dos indígenas. Uma das companhias chegou a uma pequena aldeia com a bandeira hasteada, porém o número de índios era muito maior do que o de espanhóis. A batalha com a pequena companhia se iniciou, os fazendo recuar até uma pequena casa, de onde se defenderam. Segundo Gómara, graças à ação divina, os outros dois capitães chegaram

---

<sup>11</sup> “Salieron, pues, de aquel mal paso, y entraron en otro algo mejor, porque era espacioso y llano y con menos ríos y allí aprovecharon se más de las armas de tiro, que daban siempre en lleno, y de las espadas, que llegaban a pelear cuerpo a cuerpo” (GÓMARA, 1979, p. 44).

à mesma aldeia e distraíram os *tabascanos* até que os 80 espanhóis que estavam cercados conseguissem fugir (GÓMARA, 1979, p. 43).

A batalha de Cintla ocorreu no dia seguinte, quando Cortés organizou sua tropa com o auxílio de 13 cavaleiros e seis armamentos de fogo. O futuro marquês, juntamente com outros 12 cavaleiros, organizou uma emboscada nos arredores, enquanto o restante dos soldados permaneceu no local. O terreno da batalha era plano e cortado ao menos por três rios, dando vantagem tanto aos artilheiros quanto aos soldados que lutariam a pé. A quantidade de inimigos novamente foi um fator que fez com que os espanhóis temessem a derrota:

Pero como eran infinitos los indios, cargaron tanto sobre ellos, que los arremolinaron en tan poco estrecho de tierra, que les fue forzado, para defenderse, pelear vueltas las espaldas unos a otros, y aun así, estaban en muy grande aprieto y peligro, porque ni tenían lugar de tirar su artillería, ni gente de caballo que les apartase los enemigos (GÓMARA, 1979, p. 44).

É neste momento que um cavaleiro, Francisco de Morla, junto a seu cavalo *rucio picado*, avançou sobre a massa indígena. Os espanhóis, pensando se tratar de Cortés, arremeteram sobre os inimigos e mataram alguns deles. Ao menos três vezes o cavaleiro investiu contra os inimigos. O fator amedrontador foi decisivo, pois os índios não conheciam cavalos e achavam que o cavaleiro e seu cavalo eram um só ser:

Pero como eran infinitos los indios, cargaron tanto sobre ellos, que los arremolinaron en tan poco estrecho de tierra, que les fue forzado, para defenderse, pelear vueltas las espaldas unos a otros, y aun así, estaban en muy grande aprieto y peligro, porque ni tenían lugar de tirar su artillería, ni gente de caballo que les apartase los enemigos. Estando pues así caídos y para huir, apareció Francisco Morla en un caballo rucio picado, que arremetió a los indios e hízoles arredrar algún tanto. Entonces los españoles, pensando que era Cortés, y con tener espacio, arremetieron a los enemigos, y mataron algunos de ellos. Con esto el de caballo no pareció más, y con su ausencia volvieron los indios sobre los españoles, y pusieron los en el estrecho que antes. Tornó luego el de caballo, púsose cabe los nuestros, corrió a los enemigos e hízoles dar espacio. Entonces ellos, sintiendo favor de hombre a caballo, van con ímpetu a los indios y matan y hieren muchos de ellos; pero al mejor tiempo los dejó el caballero, y no le pudieron ver. Como los indios no vieron tampoco al

de caballo, de cuyo miedo y espanto huían, pensando que era centauro, revuelven sobre los cristianos con gentil denuedo, y tratanlos peor que antes. Tornó entonces el de caballo tercera vez, e hizo huir a los indios con daño y miedo, y los peones arremetieron asimismo, hiriendo y matando (GÓMARA, 1979, p. 44-45).

Quando Cortés chegou ao local em que o cavaleiro havia investido três vezes, os espanhóis perguntaram se o homem a cavalo era da sua companhia. Cortés negou. A conclusão dos espanhóis foi a de que se tratava do apóstolo Santiago, patrono da Espanha. Segundo Gómara, Cortés estimulou esta interpretação, dizendo que Deus estava com eles e também o glorioso São Pedro, seu defensor.<sup>12</sup>

Após descrever a vitória da batalha de Cintla, Gómara enfatiza que todos os participantes deste conflito viram um cavaleiro desconhecido avançar três vezes contra os indígenas. Segundo o cronista, tratava-se de uma intervenção direta de Santiago na batalha. Para ele, Cortés, no entanto, acreditou que poderia ser São Pedro. Gómara também narra a visão dos indígenas aprisionados sobre o mesmo evento, afirmando que eles reconheceram que, a cada investida do cavaleiro, ficavam cegos e entorpecidos (GÓMARA, 1979, p. 45).

A presença do milagre na narrativa de Gómara é tão natural quanto a descrição da batalha em si. O cavaleiro desconhecido, apesar de acharem ser Francisco de Morla, é atribuído no texto como a manifestação da vontade de Deus nos intentos dos Conquistadores de vencer a batalha. Gómara narra a batalha de Cintla não apenas como o primeiro evento de escala milagrosa, mas também a primeira batalha de grande escala vencida pelo esquadrão de Hernán Cortés.

Ao abordar os mesmos eventos, Bernal Díaz constrói uma narrativa totalmente diferente. Poderíamos focar aqui apenas na batalha, mas as divergências de narrativa começam bem antes e preparam o evento de formas diferentes. O primeiro ponto a ser observado é que Gómara separa a batalha em um capítulo específico (XX *La Batalla de Cintla*), precedido de outros dois que abordam a chegada de Cortés ao rio Grijalva e o avanço dos espanhóis no território. Já Bernal Díaz não dedica um capítulo a essa batalha

---

<sup>12</sup> “A esta sazón llegó Cortés con los otros compañeros a caballo, harto de rodear, y de pasar arroyos y montes, que no había otra cosa por todo aquello. Dijéronle lo que habían visto hacer a uno de caballo, y preguntaron si era de su compañía, y como dijo que no, porque ninguno de ellos había podido venir antes, creyeron que era el apóstol Santiago, patrón de España. Entonces dijo Cortés: “Adelante compañeros, que Dios es con nosotros y el glorioso San Pedro” (GÓMARA, 1979, p. 45).

e nem a nomeia como tal. O capítulo *Cómo nos dieron guerra todos los caciques de Tabasco y sus provincias, y lo que sobre ello sucedió* faz parte de uma sequência de eventos também narrados por Gómara, iniciando com o desembarque no rio Grijalva e seguindo até a batalha. Porém, a batalha não toma destaque na obra do soldado espanhol e, como veremos nas próximas páginas, dependendo da versão da crônica analisada, o questionamento do milagre nem mesmo é citado.

Bernal Díaz inicia esse processo chamando a atenção para o nome dado ao rio de Grijalva, denominado pelos nativos locais como Tabasco. Segundo o autor, os espanhóis não puderam avançar de barco devido ao tamanho do rio, o que os levou a desembarcar em *Punta de los Palmares*. Bernal Díaz diz que havia 12.000 guerreiros indígenas esperando pela chegada dos espanhóis, pois tinham notícias de seu desembarque. A recepção hostil diferenciava este de outros povoados, nos quais a recepção foi pacífica. Com a ajuda de Jerónimo de Aguillar, Cortés rogou por um diálogo pacífico, a partir do argumento de que só queriam água, comida e mostrar como era bom servir a Deus (CASTILLO, 1984, p. 147).

O primeiro embate ocorreu já nas margens do rio de Grijalva, com as contínuas flechas lançadas pelos *tabascanos*. Além disso, seu número e valentia cercavam os espanhóis. Bernal Díaz cita que os espanhóis clamaram a Santiago em batalha, ao mesmo tempo que se defendiam e ouviam os indígenas gritarem para matar seu capitão:

Y cargan sobre nosotros tantos indios, que con las lanzas a manteniente y otros a flecharnos, hacían que no tomásemos tierra tan presto como quisieramos, e también porque en aquella lama estaba Cortés peleando, y se le quedó un alpargate en el cieno, que no le pudo sacar, y descalzo de un pie salió a tierra; y luego le sacaron el alpargate y se calzó. Y entretanto que Cortés estaba en esto, todos nosotros, asó capitanes como soldados, fuimos sobre ellos nombrando a señor Santiago, y les hicimos retroer, y aunque no muy lejos, por amor de las albarradas y cercas que tenían hechas de maderas gruesas, adonde se mamparaban, hasta que las deshicimos y tuvimos lugar, por un portillo, de entrarles y pelear con ellos; y les llevamos por una calle adelante, adonde tenían hechas otras fuerzas, y allí tornaron a reparar y hacer cara, y peleaban muy valientemente y con gran esfuerzo, y dando voces y silbos, y decían: "Al calecheoni, al calacheoni", que en su lengua mandaban que matasen o prendiesen nuestro capitán (CASTILLO, 1984, p. 149).

Aqui entra um detalhe interessante que não está presente na narrativa de Gómara: Melchorejo, um dos índios que havia se unido à expedição de Cortés, foge durante a noite em direção a Tabasco. Mais à frente, saberemos o motivo da sua fuga:

Luego se envió un indio dellos con cuentas verdes para dar a los caciques porque viniesen de paz; e aquel mensajero dijo que el indio Melchorejo, que traíamos con nosotros de la punta de Cotoche, se fue a ellos la noche antes, les aconsejó que nos diesen guerra de día y de noche, que nos vencerían, porque éramos muy pocos; de manera que traímos con nosotros muy mala ayuda y nuestro contrario (CASTILLO, 1984, p. 152-153).

Logo, é a partir da traição de Melchorejo que os ataques começaram a se tornar mais constantes. Cortés começou a montar sua estratégia, dividindo a tropa e enviando grupamentos mais à frente no território para cobrir a presença dos ameríndios. Ao mesmo tempo, Cortés desembarcou os cavalos, que estavam há muitos dias no navio. Diferente de Gómara, Bernal Díaz faz questão de nomear cada um dos cavaleiros. Dessa forma, quando Francisco de Morla aparece na batalha a cavalo, não é um personagem novo. Bernal Díaz o apresenta antes do evento.

Y señaló trece de a caballo, a Cristóbal de Olí, y Pedro de Alvarado, e Alonso Hernández Puertocarrero, e Juan de Escalante, e Francisco de Montejo; e a Alonso de Ávila le dieron un caballo que era de Ortiz el músico y de un Bartolomé García, que ninguno dellos era buen jinete; e Juan Velázquez de León, e Francisco de Morla, y Lares el buen jinete (nómbrole así porque había otro Lares), e Gonzalo Domínguez, extremado hombre de a caballo; Morón el del Bayamo y Pedro González de Trujillo; todos estos caballeros señaló Cortés, y él por capitán (CASTILLO, 1984, p. 154).

Em relação à localidade, Bernal Díaz descreve Cintla como sendo uma terra plana, com grandes savanas e locais onde os cavalos não poderiam passar. Após o desembarque dos cavalos, chegam os esquadrões indígenas: “*Por manera que si aquellos guerreros tenían deseos de nos dar guerra y nos iban a buscar, nosotros los encontramos con el mismo motivo*” (CASTILLO, 1984, p.155).

No detalhismo de Bernal Díaz, sabemos que os inimigos estavam bem aparataados, com vestes de guerra e portando grandes arcos, flechas, lanças, espadas etc.

Segundo o autor, na primeira investida inimiga, 70 espanhóis ficaram feridos (Bernal Díaz lembra que o primeiro soldado morto foi Saldaña). Com a ajuda da artilharia, os esquadrões foram afastados (CASTILLO, 1984, p. 156).

O cronista aponta que havia 300 índios para cada espanhol. Bernal Díaz argumenta que, em todo esse tempo de batalha a pé, nenhum cavaleiro chegou em Cintla, nem mesmo Cortés. Porém, ao ouvirem alguns gritos e trombetas dos indígenas, os cavaleiros chegaram. Usando do terreno plano, conseguiram dar bom avanço contra os esquadrões. Além dessa facilidade, Bernal Díaz diz que os indígenas achavam que homem e cavalo eram um único ser, e isso os afugentava (CASTILLO, 1984, p. 157).

Cortés justifica seu atraso por estar batalhando em outro lugar (CASTILLO, 1984, p.157). Aqui se faz necessário comparar diferentes versões da crônica. Até agora, usamos neste capítulo a versão publicada pela editora Fernández, de 1969. Nela, a narrativa da batalha se encerra com o balanço dos mortos e feridos, sem qualquer menção a divergências com o relato de Gómara ou ao milagre de Santiago durante a batalha de Cintla. Porém, na versão de 1984, da editora Historia 16, editada por Miguel León-Portilla, a narrativa se estende e apresenta mais detalhes sobre a batalha.<sup>13</sup> Seguiremos, nas próximas páginas, a partir dela.

Segundo Bernal Díaz, foi nesse momento que López de Gómara insere o milagre de Santiago ou São Pedro:

Aquí es donde dice Francisco López de Gómara que salió Francisco de Morla en un caballo rucio picado antes que llegase Cortés con los de a caballo, y que eran los santos apóstoles señor Santiago o señor san Pedro. Digo que todas nuestras obras y victorias son por mano de nuestro señor Jesucristo, y que en aquella batalla había para cada uno de nosotros tantos indios, que a puñados de tierra nos cegaran, salvo que la gran misericordia de Dios en todo nos ayudaba (CASTILLO, 1984, p. 158).

Bernal Díaz não nega que possa ter ocorrido um milagre durante a batalha. No entanto, o soldado justifica que, talvez, ele não tenha visto o santo por ser um pecador, indigno de tal visão:

---

<sup>13</sup> O trabalho feito por Miguel León-Portilla foi criar uma versão única de todas as variantes existentes da crônica. O texto apresenta cada alteração presente nas três versões do texto. O que deixa a fonte ainda mais rica.

Y pudiera ser que los que dice el Gómara fueran los gloriosos apóstoles señor Santiago o señor san Pedro, e yo, como pecador, no fuese digno de verles; lo que yo entonces vi y conocí fue a Francisco de Morla en un caballo castaño, que venía juntamente con Cortés, que me parece que ahora que lo estoy escribiendo, se me representa por estos ojos pecadores toda la guerra, según y de la manera que allí pasamos (CASTILLO, 1984, p. 158).

Bernal Díaz apresenta uma justificativa para seu argumento: havia 400 soldados, além de Cortés e outros muitos cavaleiros. Mesmo indigno e pecador, como diz o cronista sobre sua condição, o testemunho dos outros soldados foi tomado e, se houvesse um evento daquela magnitude, uma igreja seria construída ali e se chamaria *Santiago de la Victoria ou San Pedro de la Victoria*:

Y ya que yo, como indigno pecador, no fuera merecedor de ver a cualquiera de aquellos gloriosos apóstoles, allí en nuestra compañía había sobre cuatrocientos soldados, y Cortés y otros muchos caballeros; y platicárase dello y tomárase por testimonio, y se hubiera hecho una iglesia cuando se pobló la villa, y se nombrara la villa de Santiago de la Victoria u de san Pedro de la Victoria, como se nombró Santa María de la Victoria; (CASTILLO, 1984, p. 158).

As palavras do cronista sugerem que o milagre não poderia ter acontecido sem ao menos um deles ter testemunhado:

Y si fuera así como lo dice el Gómara, harto malos cristianos fuéramos, enviándonos nuestro señor Dios sus santos apóstoles, no reconocer la gran merced que nos hacía, y reverenciar cada día aquella iglesia; y pluguiere a Dios que así fuera como el cronista dice, y hasta que leí su crónica, nunca entre Conquistadores que allí se hallaron tal se oyó (CASTILLO, 1984, p. 159).

A aparente descrença de Bernal Díaz em relação à atuação de Santiago na batalha de Cintla se relaciona diretamente com uma das principais intenções do autor: dar os méritos aos feitos dos Conquistadores. Destacar o papel decisivo de Santiago para o desenlace da batalha significaria dar os créditos da Conquista a ações divinas, em detrimento das ações dos espanhóis. Desse fato, o final da crônica de Bernal Díaz, o capítulo CCVII *De las cosas que aquí van declaradas cerca de los méritos que tenemos*

*los verdaderos Conquistadores; las cuales serán apacibles de las oír* seria seria totalmente invalidado, principalmente quando fecha sua crônica apontando os feitos de todos os espanhóis e creditando a cada um o que considera como sendo o real valor de suas ações.

A questão não é retirar o providencialismo cristão da fala de Bernal Díaz, algo que seria impossível, já que a vontade de Deus está estampada do começo ao fim da Conquista narrada pelo cronista. A questão é pensar por que Bernal Díaz questiona o milagre em Gómara a ponto de precisar reescrevê-lo. Dessa questão, retornamos à nossa hipótese inicial: Bernal Díaz escreve uma Nova Conquista, e para que ela seja crível o suficiente, não há espaço para o providencialismo. Ele existe, mas não pode interferir num feito humano. A batalha foi vencida pela bravura e coragem dos homens que estiveram lá, incluso o próprio. Nem Cortés ou Santiago podem assumir essa vitória. Nesse aspecto, a narrativa de Bernal Díaz é construída para ser diferente do que já havia sido escrito no período, e a forma como o cronista o faz é alterar o protagonismo da Conquista e os seus próprios objetivos. Para isso, ele vai usar diversas ferramentas para colocar o seu relato em igualdade com o de Gómara. Analisaremos essas ferramentas em seguida.

#### **2.4 História e Verdade no século XVI: Um debate epistemológico**

Após analisarmos as discordâncias presentes entre as crônicas de López de Gómara e Bernal Díaz, o argumento da pesquisa fica mais evidenciado. Porém, as divergências aqui apresentadas estão fundamentadas em outro aspecto. As noções de História e Verdade como conceitos usados e repetidos por ambos os textos estão baseadas em disposições diferentes. A questão seria então analisar de que forma ambos os autores pensam sobre a História e a escrita dela, e como essa busca por narrar os fatos de forma mais verdadeira possível foi objetivada por cada autor. Para isso, faremos dois exercícios interpretativos. O primeiro é analisar um dicionário do período, mais especificamente, o livro *Tesoro de La Lengua Castellana o Española* escrito por Sebastián de Covarrubias Orozco<sup>14</sup>, de 1611. O método é uma simples pesquisa sobre os termos “História” e

---

<sup>14</sup> Sebastián de Covarrubias (1539-1613) foi um lexicógrafo, escritor e humanista espanhol. Ele é mais conhecido por sua obra *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, publicada em 1611, que é considerada um dos primeiros dicionários monolíngues do espanhol. Covarrubias era um clérigo erudito que trabalhou em várias dioceses espanholas, e seu trabalho reflete um profundo conhecimento da língua, literatura e cultura de seu tempo. Sua obra é uma fonte valiosa para estudiosos da língua espanhola e da história cultural do Renascimento na Espanha.

“Verdade”, para tentarmos entender em que tipo de definição estavam baseados esses preceitos. O segundo exercício é semelhante ao utilizado pela historiadora Maria Emilia Granduque José em seu artigo “Instruções para a Boa escrita da História na Espanha (séculos XVI -XVII)”, na qual ela busca analisar, através dos prólogos das crônicas, como cada autor entendia a escrita da História e seus métodos. Nesse caso, aplicando a mesma análise, observaremos como Bernal Díaz e López de Gómara pensaram seus métodos para fazer o que chamam de História e, quase ao mesmo tempo, entender o que é Verdade histórica para cada um deles.

A escolha do livro de Sebastián de Covarrubias se baseou na importância e do modo como o dicionário apresenta o significado das palavras. O autor não apenas as definiu, mas explorou sua origem e evoluções ao longo do tempo. As explicações detalhadas e com referências culturais e históricas deram ainda mais profundidade para o texto. Covarrubias buscou ser o mais didático nas definições, ajudando na compreensão do idioma e no seu uso mais preciso. Mesmo sendo de 1611, anos após a publicação dos textos de ambos os cronistas, o significado apresentado pelo autor estava de acordo com o pensamento da época e buscava referências anteriores à sua publicação.

A primeira palavra buscada no livro de Covarrubias foi a definição de História. Segundo o dicionário espanhol de 1611:

É uma narração e exposição de acontecimentos passados: e, em rigor, é daquelas coisas que o autor da história viu com seus próprios olhos e dá fé delas, como testemunha ocular, segundo a força da palavra '*spectare*' ou '*cognoscere*'. Mas basta que o historiador tenha bons originais e autores fidedignos daquilo que narra e escreve, e que, por princípio, não minta, nem seja negligente em averiguar a verdade, antes de afirmá-la como tal. Qualquer narração que se conte, embora não seja com este rigor, ainda assim se chama história, como história dos animais, história das plantas, etc. E Plínio intitulou sua grande obra ao imperador Vespasiano, sob o título de História Natural. Livro historiado se diz comumente aquele que tem figuras em desenho ou estampa, que correspondem com a escrita, que historiador, que escreve histórias. (OROZCO, 1611, p. 56, tradução nossa)

A definição de História tem apenas uma colocação, estritamente ligada à narração dos acontecimentos passados, tendo mais de um método pelo qual pode ser feita. Primeiro, o autor da História precisa ver com seus próprios olhos aquilo que ele descreve.

Segundo, bastaria ele possuir boas fontes e autores e ser íntegro para afirmar o fato. A História ou a noção de História do autor se encaixa nos dois cronistas analisados até o momento. Uma História que foi feita através daquilo que o autor viu, torna Bernal Díaz um historiador da Conquista Espanhola. Dessa forma, seu modo de prezar pela Verdade fundamentada no “*yo vi*” é uma das formas de fazer História. Porém, Covarrubias não exclui o segundo método. Ter bons originais e autores fidedignos é exatamente o trabalho que López de Gómara se empenhou a fazer. Com acesso à educação, a bibliotecas, centros comerciais que constantemente traziam novas informações sobre o Novo Mundo e, principalmente, acesso direto a Hernán Cortés, tornam seu texto capaz de ser chamado de História. Em ambos os casos, os acontecimentos passados foram narrados, porém a forma e a argumentação se diferenciam.

Segundo a mesma proposta, a palavra Verdade foi buscada no livro de Covarrubias. Segundo a sua definição, Verdade é:

Lat. veritas, se fosse praticada no mundo, não haveria tantos enganos, nem maldades, não há que enaltecer mais sua excelência, do que o Senhor disse por sua boca: Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Provérbio. A verdade se adelgaça, mas não quebra, disse Cícero em "De inventione", livro 2. A verdade é, por sua natureza imutável, aquilo que é, foi ou será, diz Célio. Ó grande força da verdade, que contra a engenhosidade, astúcia, coragem e todas as insídias humanas, facilmente se defende por si mesma. Este é um lugar comum, e muitos o têm tratado por essa causa, eu não me detenho nisso. Os egípcios para significar a verdade pintavam um Sol, como afirma Pierio Valeriano em seus hieróglifos, e Pitágoras para dizer que os homens não resistem à verdade dizia: contra solem ne loquaris. Mas assim como os olhos dos morcegos e corujas aborrecem o Sol, assim muitos aborrecem a verdade. Veritas odium parit, obsequium amicos. Da verdade se diz: Verdadeiro, verídico, e verdadeiro é, oposto a burla, como diz o refrão. Em burlas, nem em verdades, com teu amo não pares. (OROZCO, 1611, p. 206, tradução nossa)

Diferente da definição mais direta de História, apresentada anteriormente, a concepção de Verdade é mais abstrata e interpretativa, porém podemos retirar algumas noções. Verdade, nesse caso, é imutável. A mesma Verdade de antes, será a de depois. A verdade, levada para a vida, não traria tantos enganos e maldades. A Verdade, para os egípcios era representada pelo Sol, que ilumina. Mas, para outros pensadores, a Verdade

incomoda. “*Contra solem ne loquaris*” significa Não fale contra o sol, como não ir contra a natureza ou contra algo indiscutível. “*Veritas odium parit, obsequium amicos*” significa A Verdade gera ódio, a complacência gera amigos. De mesmo modo, a busca pela Verdade gera discordância, inimizade. A Verdade como algo contrário a falsidade.

Apesar da definição se basear muito em ditados e referências a outros autores, a passagem mostra como a Verdade tinha valor, não só para o escritor do dicionário, mas para outras culturas. A busca pela Verdade se torna um caminho doloroso, que tenta a todo momento se tornar indiscutível e imutável. Dessa forma, como carrega no próprio título da crônica, a *Historia Verdadera* de Bernal Díaz se posiciona como um Sol, que busca iluminar as informações incorretas de outros escritores. As constantes correções e apontamentos dos erros, e a fundamentação da sua narrativa na experiência dele próprio, propuseram uma leitura da Conquista na qual o seu texto é o verdadeiro e, os outros, falsos ou incorretos.

A busca pela Verdade e História de López de Gómara está mais centrada na ideia da narrativa dos fatos através das fontes. Não à toa, Hernán Cortés ocupa esse papel central como principal fonte de pesquisa. As entrevistas e conversas com o Conquistador renderam o espaço necessário para que a Conquista fosse colocada como um feito de um grande homem. Já Bernal Díaz, que busca recontar essa mesma Conquista, usa a História e a Verdade como meio e fim dos seus textos. Para se colocar no papel de protagonista, precisou narrar a História da Conquista Espanhola a seu modo, através de seus métodos. Para buscar essa Verdade imutável, precisou constantemente mostrar como os outros escritores erraram na sua tentativa de narrar os acontecimentos. Contar a História da Conquista une esses textos a partir desse objetivo, mas as diferenças são apresentadas logo no início de cada um deles. De certa forma, essa análise nos mostrou como ambos os textos têm objetivos em comum, mas com métodos diferentes.

A segunda parte desse tópico, conforme apresentado anteriormente, buscou analisar como os próprios autores apresentam sua noção de História e seus métodos, a partir da análise proposta pela historiadora Maria Emilia Granduque José. Em seu artigo “Instruções para a Boa escrita da História na Espanha (séculos XVI -XVII), a historiadora se propôs a pensar como a História era escrita, principalmente no caso das narrativas sobre o Novo Mundo. Para isso, analisou os prólogos e dedicatórias de algumas crônicas para entender quais os critérios usados por estes autores na escrita da História.

O fazer histórico analisado pela autora fica bem evidente nesses trechos iniciais das fontes. São neles que os cronistas explicam suas razões para escrever e quais métodos são utilizados. Dessa forma, eram estabelecidas algumas prescrições para o ofício do historiador neste período. Assim, é possível analisar como era a escrita, a consulta de fontes, testemunhos confiáveis e a transmissão “verdadeira” dos fatos, além de métodos de escrita para um historiador (JOSÉ, 2019, p. 4-5). Antes de analisar os dois autores, no entanto, iremos observar como outros escritores contemporâneos aos cronistas pensavam o que era o fazer histórico e como achavam que a História deveria ser feita para se tornar mais "fidedigna".

No caso de Bartolomé de Las Casas, autor de obras como a *Historia de las Indias* (1559), a História deve se ater à Verdade dos fatos e não se render aos interesses particulares. Para ele, o passado deve ser narrado sem se eximir das grandes ações dos inimigos e nem dos amigos, sendo elas boas ou ruins. Neste caso, a História tem um caráter pedagógico, pois é através das virtudes e erros que se aprende a conduzir a vida. Para Las Casas, a escrita da História deve ser feita de forma clara e inteligível, pois assim teriam mais êxito no seu objetivo que era ensinar os seus leitores (JOSÉ, 2019, p. 6-7).

Diego Fernández de Palencia, autor de *Historia del Peru* (1571), versou sobre o mesmo tema. Para o cronista, a escrita da História e a busca pela Verdade seriam alcançados pelos historiadores que selecionassem as suas fontes e investigassem corretamente, sem receio de desagradar os outros. Para isso, a escrita da História deveria ser feita com frases simples, deixando a cargo do leitor corrigir e emendar eventuais falhas (JOSÉ, 2019, p. 8).

Um exemplo mais próximo da ênfase desse capítulo é o caso do escritor Juan Páez de Castro, cronista oficial de Carlos V e autor de *Memorial de las Cosas Necesarias para Escribir Historia* (1577). Para esse cronista, a História não serve para contar o que se passou, mas apontar o tempo e o lugar dos acontecimentos, explicar suas causas, desfechos e mencionar os erros e acertos. Para isso, seria necessário um conhecimento bastante extenso sobre o que será escrito, selecionando um vasto arquivo de fontes para tal. Além disso, julga necessário saber sobre os aspectos naturais e a geometria, tornando a escrita da História algo que não pode ser feita facilmente. Quanto à escrita, ela deveria ser extensa e fluida, utilizando a eloquência para "elogiar o bem feito e reprovar o mal feito" (JOSÉ, 2019, p. 13).

Podemos observar pela análise da historiadora que não havia um consenso do que é exatamente escrever a História. Cada cronista utilizava um método, a partir dos seus referenciais. Saber o que cada cronista pensava ao narrar o Novo Mundo e os feitos dos espanhóis só leva a mais questionamentos. Porém, podemos analisar como Bernal Díaz e López de Gómara pensaram seus escritos da mesma forma que analisou os outros autores citados acima. Através dos prólogos e dedicatórias de ambos os autores é possível ter uma pequena noção do objetivo e das interpretações sobre o que seria História e Verdade.

Gómara separa seu prólogo em duas partes, uma dedicatória para Martín Cortés, filho de Hernán Cortés, e outra para os leitores. O primeiro prólogo é escrito como uma carta a Martín. No texto, ele dá méritos ao feitos de Cortés e a manutenção das suas posses pelo filho. Gómara dá bastante ênfase aos nomes e como seus feitos perpetuam através do tempo. Para ele, as Conquistas terrenas são de Deus, assim Ele dá e tira. Novamente, o autor afirma que a Conquista do México é um dos grandes eventos do mundo. Não só pela extensão territorial da Conquista, mas por livrar os nativos do casamento com várias mulheres, da sodomia, da crença em seus ídolos, do sacrifício e do canibalismo, acreditando a partir dali num único Deus. Gómara credita todos estes feitos a Hernán Cortés:

Permanezca pues el nombre y memoria de quien conquistó tanta tierra, convirtió tantas personas, derribó tantos dioses, excusó tanto sacrificio y comida de hombres. No encubra el olvido la prisión de Moteczuma, rey poderosísimo; la toma de México, ciudad fortísima, ni su reedificación, que fue grandísima. Esto basta por memorial de la Conquista: no parezca loar mi propia obra si todo lo trato, pues quien la considerare, sentirá más de lo que yo pueda encarecer en una carta. Solamente digo que vuestra señoría, cuya vida y estado nuestro Señor prospere, se puede preciar tanto de los hechos de su padre como de los bienes, pues tan cristiana y honradamente los ganó (GÓMARA, 1979, p. 4).

Logo em seguida, Gómara escreve o prólogo aos leitores e, nesse aspecto, podemos entender como ele escreveu a História da Conquista. O autor escolheu uma linguagem mais simples, com capítulos curtos e sentenças claras e breves. Gómara deixa claro seu apreço pela Verdade, pois, segundo ele, "*He trabajado por decir las cosas como pasan*". Gómara busca ser verdadeiro nos seus relatos e manter os feitos cronologicamente descritos. Assume que pode haver erros e brechas na sua História, pois

buscou a brevidade e a objetividade da narrativa, mesmo sabendo que desagradaria a alguns leitores. Desse modo, Gómara escolheu não se repetir nas entradas e Conquistas, pois algumas são de pouca importância e a maioria delas são a mesma maneira (GÓMARA, 1979, p. 5).

Gómara afirma em seu prólogo que a sua narrativa mais simples e breve se dá a necessidade de uma História mais geral sobre os eventos, sem particularizar determinadas narrativas. O argumento sobre Verdade e História em Gómara se baseiam na sua especialidade e no caráter principal da sua escrita: a imagem de Cortés. Desde a biografia completa, até as consultas com o Conquistador para escrever são parte do que Gómara chama de História. Deixando de lado assim, nomes e participantes da Conquista, além de não se repetir nos eventos.

O prólogo da *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España* traz consigo um caráter muito mais personalista. Para Bernal Díaz, a História e a sua escrita têm um objetivo mais direto: ser clara e verdadeira. Além disso, é no prólogo que Bernal Díaz apontou outro caráter da sua escrita e que reforça a sua visão. Já que a História deve ser verdadeira e clara, não há espaço para erros. Principalmente erros de outros cronistas, no caso, Gómara e outros que seguiram sua História, como Gonzalo de Illescas e Bispo Paulo Iobio, citados nominalmente no prólogo. Como veremos no próximo tópico, Bernal Díaz se valeu do argumento do "yo vi" para confirmar os fatos narrados por ele, como um "*testigo de vista*". Através de suas memórias, a História da Conquista foi narrada, com a fidelidade garantida pela sua presença nos eventos ali descritos. Para fundamentar seu argumento, não só a sua presença, mas os testemunhos de Hernán Cortés e o vice-rei Don Antonio de Mendoza podiam atestar. Na sua busca pela verdadeira História, Bernal Díaz prezou pela integridade do seu texto e pediu que não removessem e nem adicionassem nada(CASTILLO, 1984, p. 61).

A reflexão sobre a narrativa de Bernal Díaz levou a alguns pontos debatidos nesse capítulo que reforçam nossa hipótese inicial. A reescrita da Conquista feita pelo cronista precisou de um esforço narrativo para ser concluída. O primeiro ponto foi não apenas ler o texto de Gómara, mas corrigi-lo. Os pontos de discordância com Gómara revelam muito sobre o tipo de História que Bernal Díaz escreveu. Por exemplo, ao usar o providencialismo cristão, foi usado de forma que não sobrepujasse as ações humanas na Conquista. Não houve uma negação da religiosidade ou do milagre, mas uma dosagem feita pelo cronista.

A Batalha de Cintla e a aparição de Santiago são eventos que marcam o providencialismo cristão da obra de Gómara, mas para Bernal Díaz não há espaço para que o milagre sobreponha as ações dos espanhóis. A batalha foi vencida com a ajuda de Deus, não por Ele. O debate não poderia estar centrado no caráter do providencialismo cristão, mas no uso dos conceitos de História e Verdade.

A partir dos dois exercícios realizados nesse capítulo, entendemos que esses conceitos unem os dois cronistas, mas diferem no método. Um cronista, membro da Corte, possuiu um método mais focado na análise de fontes, sejam elas de bibliotecas ou no contato direto com os Conquistadores. A preocupação de Gómara com a História e a Verdade estava presente na objetividade de narrar grandes eventos com a precisão necessária. Já para Bernal Díaz, História e Verdade possuem um caráter personalista. Seus dizeres e seu apego aos detalhes podem ser relacionados aos interesses e objetivos que pretendia alcançar através de seu relato. Ser repetitivo nas descrições e correções fazem parte do que ele acreditou ser a versão mais verdadeira da Conquista. Dessa forma, Bernal Díaz usa da discordância com o Gómara para criar sua própria versão da Conquista Espanhola, na qual ele próprio é o agente principal.

## CAPÍTULO III:

### Representação de Si e do Outro na Conquista

#### **3.0 A Representação como ferramenta narrativa em Bernal Díaz**

Após analisarmos como o texto do cronista apresentou a sua versão da Conquista, principalmente focando nas suas discordâncias com Gómara, chegamos à conclusão de que o objetivo de Bernal Díaz ao corrigir o relato deste cronista estava alinhado ao seu objetivo primário. Para narrar uma Conquista na qual os soldados espanhóis ocupassem o lugar de destaque, era preciso desmentir a narrativa que foca na imagem de Hernán Cortés. A partir disso, analisamos como o conceito de História e Verdade são usados pelo cronista para concluir essa reconstrução. Porém, não usaremos apenas esses elementos para reforçar a hipótese desta pesquisa. Bernal Díaz escreve para além das correções. Desse modo, no seu intento de narrar a Conquista, foi preciso representar o Novo Mundo e, principalmente, o nativo, o outro.

Esse capítulo tem por objetivo analisar como é definido o conceito de Representação. Para isso, usaremos os textos dos autores Roger Chartier e Denise Jodelet. A partir da colocação sobre o conceito, usaremos o livro do historiador francês François Hartog, *O Espelho de Heródoto: Ensaio Sobre a Representação do Outro*. O propósito é elencar os métodos utilizados pelo cronista para criar essa Conquista na qual participou, de forma a apontar o modo e suas fontes, os acontecimentos necessários, diálogos, tempos verbais, figuras de linguagem e ferramentas narrativas já conhecidas nos relatos de viajantes. A retórica da Alteridade é um dos métodos mais presentes na narrativa de Bernal Díaz. A necessidade de se narrar o Novo Mundo e ser lido tornam a *Historia Verdadera* o texto que trará o mérito novamente à vida de Bernal Díaz. Por último, observaremos nas palavras do cronista, quais eram seus objetivos ao representar o outro de forma tão exótica e, por vezes, negativa. A imagem do outro construída pelo cronista ajudou na sua argumentação sobre como foi árdua a tarefa de Conquistar, militar e espiritualmente, o território ameríndio.

#### **3.1 O Conceito de Representação para entender o Novo Mundo em Bernal Díaz**

O conceito de Representação ou a Teoria da Representação foi trabalhado por Roger Chartier em seu livro *História Cultural: Entre práticas e representações*. Para o autor, o conceito nasce de uma ameaça ao campo das Ciências Humanas, mais especificamente à História por volta de 1960. Tal ameaça, causada pela valorização das Ciências Sociais e seus campos de pesquisa, fizeram com que a história começasse a abandonar grandes blocos explicativos, para buscar novos métodos, campos de investigação, novas fontes e estratégias de análise que originassem novas questões.

Um desses novos campos é a História Cultural, que tem por objetivo analisar como a realidade social é construída e pensada. Para isso, seria necessário construir classificações e delimitações que organizassem o mundo social. Tal organização seria como esquemas intelectuais usados para perceber e captar a realidade. Uma dessas categorias de pensamento é o conceito de representação. Para Chartier, esse conceito, assim como outros que aspiram a universalidade e a generalização, não pode ser tomado como tal. A representação é sempre determinada pelo interesse do grupo que a cria. Não são discursos neutros ou imparciais, pois, diferente de outras percepções, a representação gera uma prática em determinado âmbito no qual é usada. Para Chartier, a representação está presente no campo das concorrências e competições, pois a luta em torno da representação e da prática que ela gera tem potencial para impor um domínio sobre o mundo social (CHARTIER, 1988, p. 17).

Essa atenção aos conflitos em torno da representação do real ou do mundo social acabaria com as divisões entre uma história focada em estruturas, considerada um terreno mais seguro, e a subjetividade das representações, dada como uma história ligada às ilusões do discurso distante do real. Dessa forma, levando em consideração como a representação da realidade afeta diretamente o real, o conceito se torna um método de análise da história cultural do social na qual a compreensão das formas de representação revela também os interesses e posições, além de como se pensa a sociedade ou como gostaria que fosse (CHARTIER, 1988, p. 18-19).

No artigo *Mundo como Representação*, Chartier apresenta como esse conceito surge a partir de seus questionamentos, fontes e recorte temporal:

Toda reflexão metodológica enraíza-se, com efeito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico. O meu organiza-se em torno de três pólos, geralmente separados pelas tradições acadêmicas: de um lado, o estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados

nos seus agenciamentos e estratégias; de outro lado, a história dos livros e, para além, de todos os objetos que contém a comunicação do escrito; por fim, a análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas. Ao longo de trabalhos pessoais ou de levantamentos coletivos, uma questão central subtendeu esta abordagem: compreender como, nas sociedades do Antigo Regime, entre os séculos XVI e XVIII, a circulação multiplicada do escrito impresso modificou as formas de sociabilidade, autorizou novos pensamentos, transformou as relações com o poder. (CHARTIER, 1991, p.178)

De acordo com Ciro Flammarion Cardoso, Chartier foi responsável pela crítica à universalização das categorias advindas da História das Mentalidades ou História Intelectual. Também pensou na contramão da sistematização das formas simbólicas, que viam o mundo de forma unificada igualmente compartilhada (CARDOSO, 2000, p. 13). A representação surge para mediar o coletivo e o individual, tentando abarcar os modos do objetivismo e do subjetivismo. O que o conceito de representação faz é assimilar termos da história social, da história das mentalidades e da história política: representações sociais como formas de percepção, classificação e julgamento; as formas simbólicas, que distinguem como cada grupo percebe suas identidades; e a delegação a um representante da coerência da comunidade representada (SILVA, 2000, p. 83).

A problemática em torno do conceito de Representação aparece no artigo de Dominique dos Santos intitulado *Acerca do conceito de Representação*. Para a autora, o conceito vem sendo usado de forma indiscriminada e sem profundidade, como se o conceito tivesse uma história única e contínua através da História. No campo etimológico, o termo "representar" significa "tornar presente", "apresentar de novo", podendo ser expandido para "atuar como um agente de alguém" ou como a ideia de retratar algo no lugar. Logo, em diferentes idiomas como inglês ou alemão, a palavra pode ser usada em diferentes âmbitos com a mesma grafia e com diferentes significados. Por exemplo, até os séculos XIII e XIV, representar poderia estar inserido no âmbito religioso, como um papa ou cardeal que representa a pessoa de Cristo ou um jurista medieval que usa o termo para personificar a vida coletiva. (SANTOS, 2011, p. 28/29)

Na busca por uma definição ou uma aproximação do que seria uma teoria da representação propriamente dita, acaba-se por ampliar ainda mais o debate e inserir novos

temas e questionamentos. Dominique Santos acredita que isso faz parte das características do conceito. Segundo a autora:

- 1) emerge e se formula em condições históricas; 2) possui limites que devem ser circunscritos; 3) suscita novos conceitos; 4) condensa uma gênese que implicitamente o acompanha requerendo assim, um trabalho de genealogia; 5) pretende ser verdadeira e atuante e 6) tem caráter dinâmico. (SANTOS, 2011, p. 36/37)

Essa dinamicidade acaba por deixar a definição e o uso do conceito ainda mais difícil, já que o debate proposto pela autora avança nos campos epistemológico, filosófico, político e semântico do conceito. Porém, segundo a autora e concordando com outros autores citados até então, a representação não pode ser trabalhada como o oposto de realidade. São fenômenos interdependentes e extremamente complexos de se trabalhar, mas que não devem ser evitados, mas problematizados a todo momento. (SANTOS, 2011, p. 48)

O que nos interessa do conceito como método interpretativo do texto de Bernal Díaz é analisar como o autor, na sua busca pela Verdade e seu mérito, representou o Novo Mundo em seu texto através da linguagem e dos símbolos que estavam disponíveis. A tradução dessa representação nos ajuda a entender quais eram os objetivos do autor ao escrever a sua crônica e, além disso, analisar com quais ferramentas esse autor trabalhou. A escrita do Novo Mundo, como vimos até o momento, foi uma tarefa empreendida por vários autores, como o próprio Gómara. Porém, o que Bernal Díaz utiliza para representar o que viu e ouviu tornam seu texto mais complexo de ser analisado, cabendo diferentes interpretações de uma mesma representação do real para o autor.

### **3.2 O espelho de Bernal Díaz: A narrativa de si e do outro**

François Hartog escreveu em 1999 o livro *O Espelho de Heródoto: Ensaio Sobre a Representação do Outro*, obra que tem sido de grande valia para os pesquisadores que analisam relatos de viajantes, cartas e crônicas. Ao analisar as *Historias* de Heródoto, o historiador francês criou as bases conceituais para a análise de textos que buscaram descrever o outro, independente do tempo histórico. Ao escrever seu livro, em específico a parte do dois, seu objetivo foi descobrir como no ato de escrever e representar o outro, o autor conseguiu reunir as figuras e montar alguns procedimentos através dos quais irá

fabricar o outro. Essa narrativa vai se desenvolver entre o narrador e o destinatário implicitamente presente no próprio texto. Assim sendo, a narrativa de alteridade serve como fundamento base para o autor escrever sobre o outro, através de uma série de métodos que o auxiliam a construir sua argumentação (HARTOG, 1999, p. 228).

As marcas de enunciação presentes no texto de Heródoto não deixam seu texto ser lido como uma narrativa linear. São vários enunciados, que operam nos diferentes níveis da narrativa, processos verticais que atravessam a horizontalidade do texto. Heródoto suscita perguntas como “Quem fala, a quem se fala, como se fala” mostrando a complexidade do texto de viajantes. Aplicado as crônicas, as mesmas perguntas são costumeiramente pensadas. As narrativas dos cronistas possuem muitas dessas marcas de enunciação presentes no texto de Heródoto. De tal modo que, nos próximos parágrafos, iremos analisar alguns dos métodos apontados por Hartog, traçando paralelos diretos com a narrativa de Bernal Díaz (HARTOG, 1999, p. 228).

Para fins de análise, Hartog usa duas vogais para simbolizar os objetivos das descrições: A e B. O objetivo do narrador é descrever A para B. O primeiro método exposto pelo historiador é a inversão. Seu princípio é uma maneira de transcrever a alteridade, tornando-a de fácil apreensão. A inversão é uma ficção que faz “ver” e que faz compreender. É uma das figuras utilizadas pelo narrador para elaborar uma representação do mundo (HARTOG, 1999, p.231). Ou, como o autor diz: “É uma estratégia para contar do mundo em que se conta ao mundo em que se conta” (HARTOG, 1999, p.232).

No caso da inversão, o outro é diferente a ponto de ser o total inverso. Assim, se criam inversos que envolvem etnias, culturas, saberes, comportamentos, entre outros. De certa forma, representar o outro através da inversão é o modo mais fácil de descrever o desconhecido. Pois, é através da inversão que se criam noções como civilizado/selvagem, cristão/pagão, que traçam conexões do mundo do escritor com o mundo daquele que o lê. No caso de Bernal Díaz, o Novo Mundo é representado não só como uma novidade, mas como um exemplo de diferenças tão grandes, que se tornam inversas à vida conhecida na Espanha.

Desde os primeiros contatos com os nativos após sua saída da Ilha de Cuba, Bernal Díaz se espantou com os adoratórios encontrados. Em Yucatán, o autor observou alguns templos com ídolos feitos de barro e os descreveu com “*caras de demonios, y otros como mujeres y otros de otras malas figuras, de manera que al parecer estaban haciendo sodomías los unos indios com los otros*” (CASTILLO, p. 1984, p. 68). As associações das

esculturas com a ideia de demônio se repetem ao longo do texto. Do mesmo modo, Bernal Díaz faz o uso de alguns adjetivos recorrentes para comparar a religião nativa ao mal. Para isso, o autor os repete em todas as passagens em que há o encontro de templos ou de figuras religiosas dos ameríndios. Tais termos revelam sua visão de mundo cristão, tornando mais evidente a representação através da inversão. Ao entrar em algumas casas, são encontrados altares, mas antes de Bernal Díaz descrever que eram seus deuses, faz questão de descrever antes que eram figuras más:

Y mandó el general que surgiésemos. Y echados los bateles en el agua, fue Juan de Grijalva, con muchos de nosotros los soldados, a ver la isleta, porque había humos en ella, y hallamos dos casas hechas de cal y canto, bien labradas, y en cada casa unas gradas, por donde subían a unos como altares, y en aquellos altares tenían unos ídolos de malas figuras, que eran sus dioses (CASTILLO, p. 1984, p. 100).

A expressão “*unos ídolos de malas figuras, que era sus dioses*” é um dos exemplos das muitas palavras repetidas por Bernal Díaz ao descrever qualquer elemento relacionado à religião do outro. Para o cronista, não há dúvidas sobre o aspecto maligno daquela religião.

Para deixar sua narrativa ainda mais rica, Bernal Díaz detalhou partes dos ritos e costumes de cada região,, enfatizando pontos que, na sua visão, estavam em discordância com a sua própria fé. Esse detalhamento começa a aparecer com a nomeação de alguns deuses locais, principalmente aqueles que estão mais presentes durante as batalhas, deixando de ser identificados apenas como “*malas figuras*”<sup>15</sup>. O nome de Huichilobos é mencionado como o deus que recebia os sacrifícios em troca da vitória nas batalhas contra os espanhóis. Huichilobos é o nome espanhol dado para o deus Huitzilopochtli. Este deus é o representante do sol e da guerra e, por isso, é recorrente na narrativa de Bernal Díaz. Segundo o autor, é para esta divindade que Montezuma recorreu para tomar decisões a respeito do embate contra os espanhóis. O templo de Huichilobos em México-Tenochtitlan, chamado de *Templo Mayor*, demonstra a sua importância para os indígenas. Bernal Díaz utiliza tais adjetivos para criar a inversão. A religião do outro

---

<sup>15</sup> “Ahora veinte indios e indias para sacrificar a su dios Huichilobos, porque les dé victoria contra nosotros, porque han dicho que dice Montezuma que los quiere tomar para que sean sus esclavos” (CASTILLO, p. 1984, p. 200).

representa é representada como má, pois a religião cristã é boa. Dessa forma, não há a necessidade de se empenhar mais profundamente na descrição do outro, apenas nos aspectos que escapam a essa inversão. Se o ídolo do outro tem aspecto demoníaco, o tem pois existe um ídolo com aspecto santo.

Outro método identificado por Hartog na obra de Heródoto, e que também aparece no texto de Bernal Díaz é a comparação. Na narrativa de viagem, a comparação estabelece semelhanças entre além e aquém, entre o eu e os outros. Para isso, refere-se ao comparado com termos que o leitor reconheça. A comparação funciona como uma ponte entre o mensageiro e o destinatário. Para isso, convém que o termo usado para classificar o comparado pertença ao saber compartilhado a quem se dirige o texto (HARTOG, 1999, p.240).

As comparações de Bernal Díaz já são reconhecidas por historiadores que o analisaram. Durán (1992) apontou para as comparações do cronista como uma dificuldade de se apresentar o Novo Mundo, assim usando paralelos próximos com o seu conhecimento. Como exemplo, os templos astecas são chamados de Mesquitas na crônica. O desafio de traduzir o desconhecido coloca o cronista na posição de comparar o Novo Mundo com aquilo que o receptor do texto conhece. Logo, a visão de Bernal Díaz de México-Tenochtitlán é diretamente ligada ao encantamento dos livros de cavalaria de Amadís de Gaula.<sup>16</sup> Em outra passagem, Bernal Díaz encontra um grande mercado que comercializava índios e índias escravizadas. Eram tantos para vender que o cronista os compara com o comércio de escravizados negros da Guiné feito pelos portugueses.<sup>17</sup> Entretanto, assim como afirma Hartog, as comparações são limitadas. A não é igual a B. Mas, ainda assim, vale a pena usá-los como uma forma de aproximar, para que o leitor consiga compreender aquele mundo. Como uma figura de narrativa, a comparação é uma ficção que faz com que o destinatário veja como se estivesse lá, mas com outra forma de descrever (HARTOG, 1999, p.242).

---

<sup>16</sup> “Y otro día por la mañana llegamos a la calzada ancha y vamos camino de Estapalapa. Y desde que vimos tantas ciudades y villas pobladas en el agua, y en tierra firme otras grandes poblazones, y aquella calzada tan derecha y por nivel. Cómo iba a México, nos quedamos admirados, y decíamos que parecía a las cosas de encantamiento que cuentan en el libro de Amadís, por las grandes torres y cúes y edificios que tenían dentro en el agua, y todos de calicanto, y aun algunos de nuestros soldados decían que si aquello que veían si era entre sueños, y no es de maravillar que yo escriba aquí de esta manera, porque hay mucho que ponderar en ello que no sé cómo lo cuente; ver cosas nunca oídas, ni aun soñadas, como veíamos” (CASTILLO, 1984, p. 339).

<sup>17</sup> “y otras mercaderías de indios esclavos y esclavas; digo que traían tantos de ellos a vender a aquella gran plaza como traen los portugueses los negros de Guinea, y traían los atados en unas varas largas con colleras a los pescuezos, porque no se les huyesen, y otros dejaban sueltos” (CASTILLO, 1984, p. 359).

O terceiro método apontado por Hartog ao analisar as *Historias* é chamado por ele de *Thôma*. Esse termo significa na narrativa as maravilhas e curiosidades da viagem. Segundo o historiador, a narrativa de viagem não pode deixar de possuir uma curiosidade, pois ela é um dos pontos de diferença entre um mundo e o outro (HARTOG, 1999, p.246). O *thôma* é o fio condutor da digressão, pois quanto mais *thôma*, mais longa essa narrativa se torna. Bernal Díaz utiliza o *thôma* como uma ferramenta de descrição do Novo Mundo. Tudo aquilo que o encanta deve ser descrito. São longos parágrafos descrevendo o indescritível, pois salta aos olhos do cronista, e ele tenta passar esse encanto através do seu texto.

Bernal Díaz descreve o maravilhoso principalmente nas suas visões sobre as cidades indígenas. Após a chegada da companhia em Iztapalapa, o cronista descreve as maravilhas encontradas na cidade próxima a México-Tenochtitlán. A grandiosidade dos palácios, a quantidade e variedade de árvores presentes, a horta, o jardim e suas flores, o tamanho do lago que cercava a cidade, as pedras e pinturas lá encontradas, além da fauna diversa do local.<sup>18</sup> O cronista usa um parágrafo extenso para descrever a variedade de animais encontrados em México-Tenochtitlán, especificamente as aves: desde a sua cor, tamanho, variedade, como eram chamados naquele local, os selvagens e aqueles cuidados pela população<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> “Y después que entramos en aquella ciudad de Estatalapa, de la manera de los palacios donde nos aposentaron, de cuán grandes y bien labrados eran, de cantería muy prima, y la madera de cedros y de otros buenos árboles olorosos, con grandes patios y cuartos, cosas muy de ver, y entoldados con paramentos de algodón. Después de bien visto todo aquello, fuimos a la huerta y jardín, que fue cosa muy admirable verlo y pasearlo, que no me hartaba de mirar la diversidad de árboles y los olores que cada uno tenía, y andenes llenos de rosas y flores, y muchos frutales y rosales de la tierra, y un estanque de agua dulce, y otra cosa de ver: que podían entrar en el vergel grandes canoas desde la laguna por una abertura que tenían hecha, sin saltar en tierra, y todo muy encalado y lucido, de muchas maneras de piedras y pinturas en ellas que había harto que ponderar, y de las aves de muchas diversidades y raleas que entraban en el estanque” (CASTILLO, p. 1984, p. 339-340).

<sup>19</sup> “Dejemos esto y vamos a la casa de aves, y por fuerza he (de) detenerme encontrar cada género, de qué calidad eran. Digo que desde águilas reales y otras águilas más chicas y otras muchas maneras de aves de grandes cuerpos, hasta pajaritos muy chicos, pintados de diversos colores, también, donde hacen aquellos ricos plumajes que labran de plumas verdes, y las aves de estas plumas son el cuerpo de ellas a manera de las picaces que hay en nuestra España; llámanse en esta tierra quezales, y otros pájaros que tienen la pluma de cinco colores, que es verde y colorado y blanco y amarillo y azul; éstos no sé. Cómo se llaman. Pues papagayos de otras diferenciadas colores tenían tantos que no se me acuerda los nombres de ellos; dejemos patos de buena pluma y otros mayores, que les querían parecer, y de todas estas aves les pelaban las plumas en tiempos para que ello era convenible, y tornaban a pelechar y todas las más aves que dicho tengo criaban en aquella casa, y al tiempo del encoclar tenían cargo de echarles sus huevos ciertos indios e indias que miraban por todas las aves y de limpiarles sus nidos y darles de comer, y esto a cada género de aves lo que era su mantenimiento. Y en aquella casa que dicho tengo había un gran estanque de agua dulce y tenía en él otra manera de aves muy altas de zancas y colorado todo el cuerpo y alas y cola; no sé el nombre de ellas, mas en la isla de Cuba les llamaban ipiris a otras como ellas; y también en aquel estanque había otras muchas raleas de aves que siempre estaban en el agua” (CASTILLO, p. 1984, p. 355).

A descrição é outra das ferramentas narrativas presentes nos relatos de viajantes e, na crônica de Bernal Díaz, se torna um dos principais pontos do seu texto. Para María Fischer, as extensas descrições usadas pelo cronista espanhol são formas de esconder a construção do passado através da sua memória. Logo, quanto mais longas são, mais autênticas se pretendem ser (FISCHER, 1994, p. 48). Porém, para Hartog, a descrição é um método de criar alteridade sobre o outro. Há dois tipos de descrição, e Hartog os explica como a apresentação de um quadro: Primeiro, um quadro com legenda: uma descrição que se faz acompanhar de maneira que convém ser lida. O segundo é um quadro com legendas implícitas: não é usada analogia, nem comparação, mas sim a inversão. Há poucas marcas de enunciação, o que aumenta o peso da alteridade da narrativa. Fica a cargo do leitor interpretar os fatos ali descritos (HARTOG, 1999, p.268-269).

Bernal Díaz alterna constantemente esses dois tipos de descrição. Algumas descrições são neutras e diretas: não há comparações, nem inversões nelas. Cabe ao leitor interpretar e compreender. Outras se tornam parciais, identificadas através do uso de comparações, analogias e até adjetivos para classificar o seu relato. Vejamos alguns exemplos.

As principais descrições com pouca ou nenhuma interferência do autor se fixam no cotidiano e naquilo que o autor quer que o leitor veja como ele vê. Logo, os aspectos naturais do Novo Mundo são descritos de forma “neutra”, como visto na apresentação da fauna encontrada em México-Tenochtitlán. Esse formato também se aplica à descrição de personagens. Bernal Díaz se prolonga ao descrever como eram os nativos, como se vestiam, seu rosto e aparência. Como no primeiro encontro com Xicotencatl, chefe do povoado Tlaxcala. O cronista descreve seu corpo, seu rosto, suas vestes, que idade aparentava e como se portava<sup>20</sup>. Essa mesma descrição se repete no encontro com Montezuma, porém de forma bem mais detalhada e extensa. A narrativa se dedica em mostrar quão rico era cada acessório usado por ele, quais calçados usava, as vestimentas, acessórios na cabeça, qual idade aparentava, como era seu corpo, sua cor de pele, cabelos, aspecto de limpeza, quem o acompanhava, quantos eram, quantas mulheres possuía e até aponta que Montezuma não repetia a mesma roupa por mais de 3 dias<sup>21</sup>. Tais descrições

<sup>20</sup> “Era este Xicotenga alto de cuerpo y de grande espalda y bien hecho, y la cara tenía larga y como hoyosa y robusta; y era de hasta treinta y cinco años y en el parecer mostraba en su persona gravedad. Y Cortés le dio las gracias muy cumplidas, con halagos que le mostró, y dijo que los recibía por tales vasallos de nuestro rey y señor y amigos nuestros” (CASTILLO, p. 1984, p. 283).

<sup>21</sup> “Era el gran Montezuma de edad de hasta cuarenta años y de buena estatura y bien proporcionado, y cenceño, y pocas carnes, y el color ni muy moreno, sino propio color y matiz de indio, y traía los cabellos

se encaixam no modelo de Hartog sobre “quadros sem legendas ou com legendas implícitas”: descrições diretas, sem analogias ou comparações. Apenas o autor mostrando aquilo que viu no Novo Mundo. Cabe ao leitor fazer o julgamento daquela informação. São abundantes as descrições desse tipo, principalmente nos momentos em que Bernal Díaz encontra o novo pela primeira vez. As primeiras cidades, primeiros líderes, primeiras batalhas.

Já no segundo caso, um “quadro com legendas”, Bernal Díaz se dedica a pintar um quadro do outro no qual a descrição está completamente marcada por suas opiniões. Neste caso, a margem de interpretação do leitor é muito mais estreita. Um dos principais pontos da narrativa que apresenta esse tipo de descrição são os rituais de sacrifícios humanos realizados pelos ameríndios.

Além das figuras e pequenos adoratórios encontrados pelos espanhóis, Bernal Díaz se ateve ao papel dos sacrifícios durante a narrativa. Seu espanto e recriminação são visíveis tanto na forma que os descreveu como nos diálogos com lideranças feitas por Cortés. Huichilobos tem o papel central nesse aspecto, pois foi em seu templo que encontraram os sinais de sacrifícios e as motivações para tal feito: “*Y según pareció en aquella sazón habían sacrificado a sus ídolos ciertos indios, para que les diesen victoria contra nosotros*” (CASTILLO, p. 1984, p. 70).

Para intensificar a descrição da crueldade dos sacrifícios humanos, Bernal Díaz os narrou com bastante detalhes:

Tenían por costumbre que se sacrificaban las frentes y las orejas, lenguas y labios, los pechos y brazos y molledos, y las piernas y aun sus naturas, y en algunas provincias eran retajados y tenían pedernales de navajas con que se retajaban (CASTILLO, p. 1984, p. 1029).

Ao mesmo tempo, Bernal Díaz também descreveu como os sacrifícios faziam parte da cultura. Além daqueles realizados para uma vitória em batalha, como visto anteriormente, os rituais também tinham uma função política. A concessão anual e

---

no muy largos, sino cuanto le cubrían las orejas, y pocas barbas, prietas y bien puestas y ralas, y el rostro algo largo y alegre, y los ojos de buena manera, y mostraba en su persona, en el mirar, por un cabo amor y cuando era menester gravedad; era muy pulido y limpio, bañábase cada día una vez, a la tarde; tenía muchas mujeres por amigas, hijas de señores, puesto que tenía dos grandes cacicas por sus legítimas mujeres, que cuando usaba con ellas era tan secretamente que no lo alcanzaban a saber sino alguno de los que le servían. Era muy limpio de sodomías: las mantas o ropas que se ponía un día, no se las ponía sino de tres o cuatro días” (CASTILLO, p. 1984, p. 351).

obrigatória de homens e mulheres para México-Tenochtitlán era uma das ferramentas de submissão e controle utilizadas pelo imperador Montezuma (CASTILLO, 1984, p. 199).

Os ritos e, consequentemente, os conflitos entre o sacrifício e a fé cristã se tornam mais enfáticos após o contato com Montezuma. A partir desse momento da narrativa, Bernal Díaz descreve a relação direta entre os ritos realizados no *Templo Mayor* e as decisões do imperador, principalmente os ritos a Huichilobos. Em um dos casos citados, Montezuma pede licença a Cortés para ir ao adoratório, mas Bernal Díaz apontou que sacrifícios já haviam acontecido na noite anterior:

Y llegado a las gradas de lo alto del adoratorio, estaban muchos papas aguardándole para ayudarle a subir de los brazos y ya le tenían sacrificado de la noche antes cuatro indios, y por más que nuestro capitán le decía y se lo retraía el fraile de la Merced, no aprovechaba cosa ninguna, sino que había de matar hombres y muchachos para hacer su sacrificio [...] (CASTILLO, 1984, p. 389).

O sacrifício também desempenha outra função na obra de Bernal Díaz. No decorrer da narrativa, observamos como o autor passou por diversas situações em que sua vida esteve em perigo. Seja após um combate direto com indígenas ou a ameaça de doenças e emboscadas. Porém, Bernal Díaz descreve o sacrifício como o seu maior temor. Não o fato de morrer, mas o medo de ser capturado ainda vivo e morto durante os rituais:

Vi sacrificar y abrir por los pechos los sesenta y dos soldados que llevaron vivos de los de Cortés, y ofrecerles los corazones a los ídolos, y esto que ahora diré parecerá a algunas personas que es por falta de no tener muy gran ánimo para guerrear, y por otra parte, si bien se considera, es por el demasiado atrevimiento y gran ánimo en que aquellos días había de poner mi persona en lo más recio de las batallas, porque en aquella sazón presumía de buen soldado y estaba tenido en aquella reputación, (vista).cosa era que había de hacer como lo que los más osados soldados eran obligados a hacer, y como cada día veía llevar a sacrificar mis compañeros y había visto. Cómo les aserraban por los pechos y sacarles los corazones bullendo, y cortarles pies y brazos, y se los comieron a los sesenta y dos que he dicho, y de antes habían muerto ochocientos cincuenta de los nuestros compañeros, temía yo que un día que otro me habían de hacer lo mismo, porque ya me habían asido dos veces para llevarme a sacrificar y quiso Dios que me escapé de su poder, y acordándose

de aquellas feísimas muertes, y como dice el refrán, que cantarillo que muchas veces va a la fuente, etcétera, y a este efecto siempre desde entonces temí la muerte más que nunca (CASTILLO, p. 1984, p. 693-694).

O trecho foi retirado da segunda entrada dos espanhóis em México-Tenochtitlán, sendo um dos poucos momentos que Bernal Díaz teme pela sua vida e a narra de forma tão temerosa. Segundo ele, soldados eram capturados ainda vivos e obrigados a dançar para Huichilobos antes de serem sacrificados. Nos locais, o autor afirma ter encontrado muito sangue no chão e nas paredes, além dos restos dos espanhóis usados nos rituais (CASTILLO, p. 1984, p. 570).

De certo modo, os aspectos de alteridade e enunciação usados por Bernal Díaz nada mais são do que ferramentas necessárias para se contar. Em busca de uma nova forma de narrar a Conquista, Bernal Díaz usa dos mais variados elementos narrativos, colocando seu texto e seu ponto de visto como “verdadeiros” e inquestionáveis. Desde as inversões e comparações, que aproximam o leitor ao Novo Mundo que ele descreve, até as longas descrições como argumento de legitimação, o cronista tem um propósito ao escrever. O Bernal Díaz velho, escrevendo no fim da vida, precisa que a sua forma de narrar a Conquista seja crível e, principalmente, precisa que seja lida. Para isso, todos os artifícios necessários para tornar seu texto único e incomparável foram usados. Assim, tanto essa nova forma de narrar a Conquista, quanto as suas discordâncias com Gómara fazem mais sentido. O que Bernal Díaz discute não é só a veracidade do seu texto frente a seus contemporâneos, mas uma nova perspectiva de se contar os fatos. Dessa forma, não há protagonismo e nem providencialismo que possam “roubar” o mérito dos feitos dos soldados espanhóis.

### **3.3 A Representação do outro em prol de si**

Segundo o prólogo da versão da crônica editada por Miguel León-Portilla, é nos capítulos finais que Bernal Díaz expressa seu pensamento e seus interesses. Analisaremos os capítulos intitulados *"De las cosas que aquí van declaradas cerca de los méritos que tenemos los verdaderos Conquistadores; las cuales serán apacibles de las oír"*, *"Cómo los indios de toda la Nueva-España tenían muchos sacrificios y torpedades, y se los quitamos, y les impusimos en las cosas santas de buena doctrina"*, *"De otras cosas y provechos que se han seguido de nuestras ilustres Conquistas y trabajos"*. Todos

sintetizam a hipótese levantada nessa pesquisa. São sequências diretas dos capítulos analisados sobre a representação do outro e formam uma unidade narrativa que justifica o modo como Bernal Díaz descreve o outro. Para justificar seus méritos, seus feitos foram engrandecidos em toda a narrativa, principalmente em situações de perigo iminente.

A escrita do autor nesse ponto do texto comporta outro tipo de descrição. Aqui, seus feitos são analisados em retrocesso, ou seja, Bernal Díaz retrata seus dias de glória e seus feitos com termos que engrandecem sua participação na Conquista:

Dejando esta plática aparte de nuestras antiguas noblezas: con heroicos hechos y grandes hazañas que en las guerras hicimos, peleando de día y de noche, sirviendo a nuestro rey y señor, descubriendo estas tierras, y hasta ganar esta Nueva-España y gran ciudad de México y otras muchas provincias a nuestra costa, estando tan apartados de Castilla ni tener otro socorro ninguno, salvo el de nuestro señor Jesucristo, que es el socorro y ayuda verdadera, nos ilustramos mucho más que de antes (CASTILLO, 1984, p. 1027)

O primeiro ponto a ser analisado é a forma como ele descreve as regiões Conquistadas. Não há mais a descrição das regiões como Tlaxcala, Otumba ou México-Tenochtitlán, mas a Conquista do território da Nova Espanha e da grande Cidade do México. Ou seja, seus feitos não são pequenos, pois foram grandes as Conquistas feitas pelos espanhóis. Esse argumento se repete em outras passagens, mas fica bem claro como a narrativa está sendo reconstruída por um Bernal Díaz mais velho. Isso fica ainda mais claro quando analisamos as passagens seguintes, nas quais Bernal Díaz dialoga consigo mesmo sobre o valor dessa conquista.

O autor segue um monólogo extenso sobre como alguns cavaleiros que nunca estiveram em batalha ou participaram de uma guerra receberam vilas, castelos e grandes terras perpétuas. Isso teria ocorrido com o rei Jaime de Aragão, que repartiu suas Conquistas com seus soldados após vencer os mouros, ou na Conquista de Granada, quando foram dados terras e senhorios para os que ajudaram na batalha. Bernal Díaz nesse ponto do texto parece indignado e injustiçado. Os feitos dele e dos espanhóis, descritos pelo autor como grandiosos, não foram recompensados tão dignamente como os outros feitos citados pelo autor. De acordo com o cronista:

Y aunque entre los valerosos soldados, que en estas hojas de atrás pasadas he puesto por memoria hubo muchos esforzados y valerosos compañeros, que me tenían a mí en reputación de razonable soldado, volviendo a mi materia, miren los curiosos lectores con atención esta mi relación, y verán en cuántas batallas y reencuentros de guerra muy peligrosos me he hallado desque vine a descubrir, y dos veces estuve asido y engarrafado de muchos indios mexicanos, con quien en aquella sazón estaba peleando, para me llevar a sacrificar, y Dios me dio esfuerzo que me escapé, como en aquel instante llevaron a otros muchos mis compañeros, sin otros grandes peligros y trabajos, así de hambre y sed, e infinitas fatiga que suelen recrecer a los que semejantes descubrimientos van a hacer en tierras nuevas (CASTILLO, 1984, 1028)

O uso do "*mirem los curiosos lectores con atención esta mi relación*" chama o leitor para enfatizar os feitos do cronista, como se seu argumento fosse indiscutível. Tudo o que ele fez pela Coroa não chega perto do que ele recebeu em troca. Toda a guerra, perigos, situações de quase morte além da morte de muitos soldados só engrandecem ainda mais o fato dele ter sobrevivido para relatar tais feitos. Bernal Díaz novamente recria uma Conquista na qual não há um líder, mas soldados que pereceram e soldados que sobreviveram e, principalmente, aqueles que não receberam o que lhes é devido. Essa discussão ocupa uma parte longa do texto, o que deixa claro a indignação do autor com a Coroa.

No capítulo seguinte, Bernal Díaz intitula de: *Cómo los indios de toda la Nueva-España tenían muchos sacrificios y torpedades, y se los quitamos, y les impusimos en las cosas santas de buena doctrina*, já discutido no tópico sobre representação do outro nessa pesquisa. Bernal Díaz se coloca como elemento de máxima importância no processo de colonização espiritual dos nativos. Após relatar todas as iniquidades, o autor relata que, passados dois anos, começaram a chegar bons religiosos na Nova Espanha, como franciscanos, que apresentaram bons exemplos e a boa doutrina, e depois de quatro anos, dominicanos continuaram o serviço. Mas, o ponto principal aparece logo em seguida:

Mas, si bien se quiere notas, después de Dios, a nosotros los verdaderos Conquistadores que los descubrimos y Conquistamos, y desde el principio les quitamos sus ídolos y les dimos a entender la santa doctrina, se nos debe el premio y galardón de todo ello, primero que a otras personas, aunque sean religiosos; porque cuando el principio es bueno, el medio y el cabo todo es digno de loor; lo cual pueden ver los curiosos lectores de la policía y

cristiandad y justicia que les mostramos en la Nueva-España. (CASTILLO, 1984, 1031)

A parte que reforça novamente o argumento colocado nessa pesquisa aparece bem ao fim deste capítulo. *"porque cuando el principio es bueno, el medio y el cabo todo es digno de loor"*. Ou seja, o bom princípio se refere à forma como os Conquistadores, inclusive ele próprio, cuidaram da catequização e conversão inicial dos nativos. Sem eles, o final desse processo não seria digno de louvor.

A comparação constante com outros feitos da história acontece nos parágrafos seguintes. O engrandecimento dos seus feitos só poderia ser mensurado quando comparado aos feitos de outros grandes reinos. Para isso, a utilização do *"mirem"* como fator de ênfase na leitura, para que o leitor preste bastante atenção nas próximas palavras. Bernal Díaz descreve como, em nenhum escrito do mundo, houve homens que Conquistaram tantos reinos para o seu rei como os espanhóis e, principalmente, ele próprio, o *"más antiguo y he servido como muy buen soldado"* que necessita do mérito que antes não recebeu e que, no fim da vida, com tantas necessidades, precisa ainda mais.

22

A indignação de Bernal Díaz é a força motriz da sua crônica. Ela é reforçada através de um diálogo criado pelo próprio cronista sobre valor e mérito. Segundo o autor, as Conquistas feitas pelos soldados a serviço de Deus e da Coroa deveriam produzir boas e justas rendas, mais do que aqueles que não serviram ao rei e a Deus. Bernal Díaz pergunta onde estão seus castelos e moradas, onde estão os brasões esculpidos com seus feitos heroicos, igual aos cavaleiros da Espanha. Comparando novamente ao passado, Bernal Díaz argumenta que seus feitos não são menores do que os dos antigos, mas sim de memorável fama. Fama essa que é o outro lado do diálogo. Ainda pergunta onde estão os soldados que escaparam das batalhas e onde estão os mortos e seus devidos sepulcros. O ponto alto desse diálogo consigo mesmo aponta para a resposta:

---

<sup>22</sup> "Y si no basta lo bien que ya he dicho y propuesto de nuestras Conquistas, quiero decir que miren las personas sabias y leídas esta mi relación desde el principio hasta el cabo, y verán que en ninguna escritura en el mundo, ni en hechos hazañosos humanos, ha habido hombres que más reinos y señoríos hayan ganados, como nosotros los verdaderos Conquistadores, para nuestro rey y señor, y entre los fuertes Conquistadores mis compañeros, puesto que los hubo muy esforzados, a mí me tenían en la cuenta dellos, y el más antiguo de todos" (CASTILLO, 1984, p. 1038).

A estas cosas se le puede responder con mucha verdad: «Oh excelente e ilustre fama, y entre buenos y virtuosos deseada y loada, y entre maliciosos y personas que han procurado oscurecer nuestros heroicos hechos no querían ver ni oír vuestro ilustre nombre, porque nuestras personas no ensalcéis como conviene»; hágooas, señora, saber que de quinientos cincuenta soldados, que pasamos con Cortés desde la isla de Cuba, no somos vivos en toda la Nueva-España, de todos ellos, hasta este año de 1568 que estoy trasladando esta relación, sino cinco; que todos los demás murieron en las guerras ya por mí dichas, en poder de indios, y fueran sacrificados a los ídolos, y los demás murieron de sus muertes. (CASTILLO, 1984, p.1039)

Dos 550 soldados espanhóis em 1568, apenas cinco estavam vivos. A fama e o mérito do qual a Fama pergunta, Díaz nunca teria chegado para ele, o que tornava a reescrita da Conquista como necessária. Não havia brasões, nem castelos, moradias ou renda. Os sepulcros dos mortos, segundo o cronista, estavam na barriga dos índios que os comeram em sacrifícios (CASTILLO, 1984, p. 1039). Mais uma vez, a representação do sacrifício obedece a uma lógica narrativa. Antes desse extenso diálogo, Bernal Díaz apresenta os riscos pelos quais passaram e como, pela misericórdia de Deus, ele fora um dos 5 sobrevidentes até ali. Mas o peso dado a essas mortes só é possível por toda a narrativa até ali construída. Sem os detalhes, sem as situações de vida ou morte descritas em demasia, nada desse diálogo seria possível. Os perigos do outro, construído nos capítulos anteriores, são parte de um pano de fundo meritocrático.

Bernal Díaz constrói toda essa narrativa para se inserir como elemento fundamental da Conquista. Além disso, suas vitórias deveriam ser muito mais valorizadas do que foram. Dessa forma, representar a Conquista é um dos pontos centrais para a construção dessa reescrita dos eventos. O conceito de Representação, como uma forma de se traduzir o mundo social a partir de imagens, linguagens e símbolos, funciona quando aplicado à crônica de Bernal Díaz. Seus objetivos ao representar o que viu e ouviu cabem as ações que ele pretendia tomar ou que fossem tomadas por outra instância. Logo, a representação do Novo Mundo presente na *Historia Verdadera* visa uma prática: se incluir nos méritos dos Conquistadores.

Observando o texto de Bernal Díaz através da chave de leitura de Hartog, colocamos o texto do cronista como mais próximo à narrativa de viajantes. O uso de métodos como a inversão, a comparação e as descrições estão presentes em ambos os textos observados nos paralelos realizados nesse tópico. A Representação do Novo

Mundo e do outro obedecem a uma intenção de Bernal Díaz. Para se incluir na narrativa e dar ainda mais grandiosidade aos seus feitos, a narrativa da Conquista precisava ser extremamente detalhada e, principalmente, inflada em vários aspectos. A Conquista da grande cidade do México, dos grandes perigos que ele correu, dos poucos sobreviventes, e da pouca recompensa do que recebeu. O outro em Bernal Díaz funciona como uma "catapulta" de seus feitos. Elevando a si mesmo ao status de herói Conquistador, tal qual os soldados que lutaram com o rei Jaime na Reconquista. Logo, todos os soldados ou aqueles que sobreviveram, deveriam ser tão honrados quanto seu capitão Hernán Cortés, alvo de críticas do próprio cronista.

Portanto, todo o texto é direcionado para os capítulos finais dessa crônica. A motivação para escrever e receber o que é devido o faz discordar de Gómara. Sua indignação o faz representar o outro e o Novo Mundo como algo tão grandioso e perigoso, que seus feitos são engrandecidos a cada parágrafo. A reescrita da Conquista é feita com o objetivo de colocar Bernal Díaz na História desse evento.

## Capítulo IV

### Quem é o verdadeiro protagonista da Conquista?

#### 4.0 O protagonismo da Conquista em questão

A questão do protagonismo da Conquista é um tema que vem sendo debatido desde o começo dessa pesquisa. A construção da biografia de Bernal Díaz, os questionamentos sobre a sua existência, os debates sobre mérito e Verdade e a representação do outro ajudam na tentativa de esclarecer as motivações de Bernal Díaz. Porém, ainda falta responder um último questionamento: Quem é o protagonista da Conquista Hispânica? A resposta comum para essa pergunta é Hernán Cortés, líder da expedição, chefe militar, estrategista, a mente por trás da dominação do território asteca. Podemos chamar essa versão da Conquista de narrativa tradicional, que usa como base principalmente as *Cartas de Relación* escritas pelo próprio conquistador.

Mas, com a Nova História da Conquista, tema que abordaremos mais à frente, uma série de novos questionamentos surgiram, principalmente através da releitura de antigas fontes e da análise de fontes indígenas. O que vem surgindo disso são novas perspectivas sobre a Conquista, problematizando antigas afirmações sobre esse evento histórico.

O objetivo desse tópico da pesquisa é usar o livro do historiador Matthew Restall, *Cuando Moctezuma conoció Cortés*, para concluirmos as perguntas que percorrem essa pesquisa. Qual era o objetivo de Bernal Díaz ao escrever a sua crônica? Como apontado desde o início da pesquisa. Consideramos que seu objetivo era alterar o protagonismo da Conquista, colocando-o como agente principal. Para isso, era necessário desmontar a narrativa tradicional, a fim de não haver mais a imagem de Hernán Cortés como líder único e inconteste. Nesse sentido, o livro de Restall ajuda a exemplificar como alguns eventos da Conquista podem ter sido inventados e repetidos até se tornarem verdade, principalmente aqueles ligados à visão de Cortés sobre os acontecimentos. A partir daí, iremos analisar como Bernal Díaz apresenta Cortés ao longo da crônica, para torná-lo “vilão” ao final da sua obra. Além disso, usaremos essa alteração de protagonismo de Bernal Díaz para pensarmos outras narrativas que, por carecerem de fontes, acabam por não ser contadas, como os Conquistadores Negros.

#### **4.1 A alteração de protagonismo feita por Bernal Díaz**

Observamos em outros capítulos como o “Eu” na crônica de Bernal Díaz tem um papel central em toda a sua narrativa. Descrever os acontecimentos na primeira pessoa conferiu ao texto um caráter literário único, o que nos ajudou a fundamentar nossa interpretação sobre a sua busca pela Verdade. Mas, apesar desse papel central do autor, outro personagem se destaca e, em algumas partes, sobrepõe a voz do personagem central: Hernán Cortés.

Conforme analisado por Restall, a narrativa tradicional utiliza a visão do Conquistador espanhol como guia nas descrições e nos diálogos importantes. Como exemplo, podemos citar o texto de Gómara analisado anteriormente. Levando esse fato em consideração, narrar a história da Conquista através de um personagem central como Hernán Cortés caberia àqueles que querem contar o que aconteceu através das *Cartas de Relación* e não buscam alterar esse fato. Diferente da proposta de Bernal Díaz, que a todo instante declara sua importância na Conquista e argumenta que suas ações são tão dignas de louvor quanto às do líder da expedição.

O ponto que iremos analisar neste item é como essas duas imagens convivem no texto de Bernal Díaz: De um lado, um Hernán Cortés digno e valoroso. De outro, um Cortés que abandonou seus antigos companheiros e que não merece mais glórias do que qualquer outro espanhol presente nas batalhas do século XVI.

Bernal Díaz apresenta Cortés de uma forma bem próxima ao que Restall definiu como narrativa tradicional. Assim que a terceira expedição começa a ser organizada, o nome de Cortés surge como o favorito para o cargo de liderança. Alguns fatores ajudam a explicar pela própria forma como Bernal Díaz o descreve. Um homem com uma relação muito próxima com Diego Velázquez, governador de Cuba, e até então principal financiador das expedições no Novo Mundo. Não apenas isso, Cortés era afilhado de Velázquez. Quando descreve quem era Hernán Cortés, Bernal Díaz não poupa elogios, já denotando sua preferência pela escolha do futuro líder:

Diego Velázquez y le dicen tan buenas y melosas palabras, loando mucho a Cortés, que es persona en quien cabe el cargo para ser capitán, porque además de ser muy esforzado, sabrá mandar y ser temido, y que le sería muy fiel en todo lo que le encomendase, así en lo de la armada como en lo demás, y además de esto era su ahijado (CASTILLO, 1984, p. 116).

Segundo Bernal Díaz, Cortés, além de esforçado, saberia mandar e ser temido. Essa descrição de Cortés como o líder ideal e exemplar, com habilidades necessárias para a função, é reiterada quando o autor afirma que suas qualidades são fundamentadas pela sua ascendência: descendente dos Cortés, Pizarros, Monroys e Altamiranos. Por isso, Bernal Díaz, naquele momento, não tinha nome mais valoroso ou esforçado para assumir tamanha responsabilidade. Segundo o cronista:

Y puesto que fue tan valeroso y esforzado y venturoso capitán, no le nombraré de aquí delante ninguno de estos sobrenombres de valeroso, ni esforzado, ni marqués del Valle, sino solamente Hernando Cortés: porque tan tenido y acatado fue en tanta estima el nombre de solamente Cortés, así en todas las Indias como en España, como fue nombrado el nombre de Alejandro en Macedonia, y entre los romanos Julio César y Pompeyo y Escipión, y entre los cartagineses Aníbal, y en nuestra Castilla a Gonzalo Hernández, el Gran capitán, y el mismo valeroso Cortés se holgaba que no le pusiesen aquellos sublimados dictados, sino solamente su nombre, y así lo nombraré de aquí adelante. Y dejaré de hablar en esto y diré las cosas que hizo y entendió para proseguir su armada (CASTILLO, 1984, p. 116).

O nome de Cortés foi tão estimado por Bernal Díaz quanto os nomes de grandes heróis considerados por ele como marcos da história da Europa. Cortés seria lembrado na História como Alexandre da Macedônia; Júlio Cesar, Pompeu e Cipião, em Roma; Aníbal de Cartago e Gonçalo Fernandez de Castela<sup>23</sup>. A estima que o cronista tinha para com Cortés o fazia comparar sua grandiosidade aos feitos desses personagens, colocando-os lado a lado na História.

Em outro momento, Bernal Díaz compara o discurso de Cortés com o discurso de Júlio César sobre o rio Rubicão, como um paralelo importante que os espanhóis estavam vivendo. A partir daquele ponto, não havia mais volta, mas não deveriam abaixar as cabeças pois não teriam outro socorro senão o de Deus. Interessante analisar que nesta passagem da crônica não é apenas Bernal Díaz que está comparando aquele momento a outro evento histórico, mas todos ali presentes (CASTILLO, 1984, p. 236).

Outro ponto importante a ser mencionado na construção da imagem de protagonista da Conquista é também um dos apontamentos feitos por Restall. Na narrativa

---

<sup>23</sup> Foi um grande cavaleiro da Ordem de Santiago. Filho da nobre família de Córdoba, participou de importantes batalhas contra Dom Henrique de Portugal, Carlos VIII da França e da Batalha de Garellano.

tradicional, os espanhóis são comumente descritos pelos astecas como deuses. Bernal Díaz não difere desses autores e relaciona os feitos e a presença dos espanhóis como deuses ou descendentes de deuses antigos.<sup>24</sup>

No entanto, nos capítulos finais da crônica, Bernal Díaz abandona essa visão otimista e heroica de Hernán Cortés. Mais especificamente, isso pode ser identificado a partir do capítulo intitulado "*De otras cosas y provechos que se han seguido de nuestras ilustres Conquistas y trabajos*". A discussão, anteriormente abordada quanto ao mérito dos espanhóis, passa a girar em torno de quem estaria a culpa por eles estarem abandonados.

O diálogo com a Fama, citado no capítulo anterior, toma um rumo direcionado não só à Coroa, mas a Hernán Cortés. Para Bernal Díaz, todos os que sobreviveram aos conflitos encontravam-se doentes, pobres, cheios de filhos e filhas para casar e com pouca renda. Ao ser informada sobre isso, a Fama se surpreendeu por essa situação, pois considerava que, pelo que fizeram, mereciam muito mais: deveriam ter recebido tanto quanto Cortés. Em seguida, Bernal Díaz cita os livros de Gómara e Illescas para argumentar que não há registros de outros Conquistadores nos livros sobre a Conquista. Segundo o cronista, apenas Cortés seria lembrado:

Y que la misma escritura trae consigo al pie de la letra lo que pasó, y no lisonjas viciosas, ni por sublimar a un solo capitán quieren deshacer a muchos capitanes y valerosos soldados, como ha hecho el Francisco López de Gómara y los demás cronistas que siguen su propia historia, sin poner ni quitar más de lo que él dice (CASTILLO, 1984, p. 1041).

Para escrever a verdadeira história da Conquista, Bernal Díaz se valeu de não dar destaque a apenas um capitão, mas aos valorosos soldados que estiveram nas batalhas. O texto acusa a história escrita pelos cronistas de dar protagonismo apenas aos feitos de Hernán Cortés, argumento esse apresentado já no capítulo anterior da pesquisa. Mas aqui, o tom do texto se torna ainda mais personalista. A indignação passa da figura da Coroa hispânica para Cortés. Foi ele que os abandonou, que não os procurou após retornar a Castela. Cortés se tornou marquês por causa dos Conquistadores, mas nada lhes foi dado

---

<sup>24</sup> “Y asimismo nos llevaron a aposentar a aquella casa por causa que, como nos llamaban teules y por tales nos tenían, que estuviésemos entre sus ídolos como teules que allí tenían” (CASTILLO, 1984, p. 344).

em troca no seu período de governança da Nova Espanha. O autor acusou Cortés de um certo egoísmo, pois, segundo ele:

Y además de lo que he propuesto a manera de diálogo, me preguntó un doctor, oidor de la audiencia real de Guatemala, que cómo Cortés, cuando escribía a su majestad y fue la primera vez a Castilla, no procuró por nosotros, pues por nuestra causa, después de Dios, fue marqués y gobernador. A esto respondí entonces, y ahora lo digo, que, como tomó para sí al principio, cuando su majestad le hizo merced de la gobernación, todo lo mejor de la Nueva-España, creyendo que siempre fuera señor absoluto y que por su mano nos diera indios o quitara, y a esta causa se presumió que no lo hizo ni quiso escribir; y también, porque en aquel tiempo su majestad le dio el marquesado que tiene, y como le importunaba que le diese luego la gobernación de la Nueva-España, como de antes la había tenido, y le respondió que ya le había dado el marquesado, no curó de demandar cosa ninguna para nosotros que bien nos hiciese, sino solamente para él (CASTILLO, 1984, p.1041).

Bernal Díaz apresenta então o segundo personagem de um suposto diálogo. Um doutor, pertencente à Real Audiência da Guatemala, pergunta a Bernal Díaz porque Cortés, ao chegar em Castela, não procurou nenhum dos antigos Conquistadores. O cronista responde que Cortés tomou para si a melhor parte da Nova Espanha, acreditando que era senho absoluto dessas terras. Ou seja, a culpa dos méritos não recebidos, anteriormente recaída sobre a imagem da Coroa hispânica, agora tem rosto e nome. Hernán Cortés deixa de ser o grande líder da Conquista para ser o principal culpado do abandono e esquecimento dos outros Conquistadores. Em outra passagem, Bernal Díaz sugere que se Cortés dividisse as terras Conquistadas em cinco partes, repartindo entre ele, o rei, a Igreja e os Conquistadores, teria sido muito mais justo. Mesmo que o rei desse terras para seus cavaleiros que serviram nas guerras na Itália, ou contra turcos e mouros, ainda assim sobraria duas partes e meia para serem distribuídas perpetuamente (CASTILLO, 1984, p.1042).

O resultado teria sido totalmente o contrário. Segundo Bernal Díaz, nenhum dos conquistadores sabia o que era fazer justiça (ir à Corte demandar mercês), logo, boa parte das terras foram solicitadas por outros homens que receberam cargos de governança e *encomiendas*. O cronista associa esse fato ao ato de "*besar los pies a su majestad*". Sua esperança foi depositada na chegada de Nuño Guzman, como chefe da primeira Real

Audiência de México. Guzmán chegaria com ordens expressas da Coroa para investigar as condutas de Cortés e outros Conquistadores, mas principalmente os repartimentos de índios que cada um havia recebido. Porém, o cronista aponta que Guzmán foi aconselhado a não realizar essa repartição de terras e índios, pois foi influenciado com base na ideia de que a repartição permanente diminuiria o controle dos Conquistadores sobre os nativos (CASTILLO, 1984, p.1043).

#### **4.2 Criação de um herói da Conquista**

Para Restall, a Conquista não foi apenas um encontro entre dois mundos. Todo o simbolismo presente no encontro de Montezuma e Cortés torna esse momento um dos maiores da história da humanidade (RESTALL, 2019, p. 26). Um evento de tamanha magnitude suscitou o questionamento por parte deste historiador: como essa narrativa dita tradicional foi tão amplamente difundida sem que houvesse questionamento sobre sua veracidade? Essa inquietação nasce da leitura e análise de uma série de livros que descrevem a Conquista centrada nos feitos dos espanhóis.

Sua análise não foca apenas nos eventos de 1519-21, mas nos impactos e nas consequências que a narrativa da Conquista teve nos séculos seguintes. Com o intuito de desmentir o que denomina como a narrativa tradicional da Conquista, Restall dividiu seu trabalho em três partes. A primeira delas buscou analisar o encontro e a guerra contra os astecas, observando como essa versão distorcida sobre o evento está embasada em interpretações produzidas por espanhóis do século XVI. Na segunda parte, Restall analisa como a imagem de Montezuma foi construída, não só durante o período da Conquista, mas nos anos e séculos seguintes. Na parte final, o autor busca questionar o protagonismo de Hernán Cortés, ao analisar outras perspectivas como as produzidas por soldados espanhóis, além de escritos em náuatle sobre os eventos. Assim, por debaixo da capa que cobre esses dois personagens, há uma gama de outros atores importantes para esse evento (RESTALL, 2019, p. 29-30).

Restall destaca a existência de um mercado ávido pelas notícias das Índias. A descoberta da majestosa cidade localizada no centro de um lago chamou a atenção dos europeus. O relato de Cortés vendeu rápido, sendo publicado em quatro idiomas até 1525, e tendo êxito até a proibição da Coroa. Para além do interesse pela cidade, o grande mote das cartas, principalmente a segunda, é a imagem do imperador Montezuma. Seu nome

aparece pela primeira vez na segunda carta, e o encontro com o imperador é quase que inevitável (RESTALL, 2019, p. 39).

Como apontado anteriormente, a narrativa tradicional foi produzida a partir das *Cartas de Relación*, dando destaque a momentos chaves, nos quais os espanhóis teriam sido os protagonistas, principalmente Hernán Cortés. Dessa forma, a valorização das narrativas feitas por espanhóis, em detrimento de outras vozes ou visões, se tornou a base do que viria a ser a História da Conquista. Como conclui Restall: “*Dicho de otra forma, las Conquistas españolas consolidaron su creación de “la primera configuración global moderna”, y como primacía pasó de una nación a otra, el destino superior de Occidente estaba confirmado*” (RESTALL, 2019, p. 48-49).

A estrutura básica da narrativa da Conquista, no caso das Cartas de Cortés, pode ser dividida em três atos: descobrimento, derrota e recuperação. O primeiro ato descreve a cena e os protagonistas; Cortés, o herói da Conquista, Velásquez como o vilão e Montezuma como o herói trágico. Uma história que começa com a chegada dos espanhóis, com o avanço valente de um pequeno exército liderado por Cortés, culminando no momento de maior suspense: o encontro com Montezuma. O ato é uma crescente e termina justamente no clímax, a rendição do imperador. O segundo ato é focado na derrota sofrida na cidade de México-Tenochtitlán, o famoso episódio da *Noche Triste*: a morte de espanhóis e a resolução do exército enviado por Velásquez para parar Cortés terminando numa nova aliança. O ato termina com os espanhóis jurando reconquistar o que perderam temporariamente. O terceiro ato é dedicado ao último ano da guerra contra os astecas. Um ano de alianças com povos que cercam a cidade, culminando na sua destruição e captura do sucessor de Montezuma, Cuauhtemoc. Assim, México-Tenochtitlán é destruída e, no local, surge o que viria a ser a capital do vice-reino da Nova Espanha (RESTALL, 2019, p. 54-56).

Então, surge a segunda pergunta: por que representar o encontro de Cortés e Montezuma? O autor passa, então, a tentar compreender como essa versão sobre os eventos se consolidou, criando o que o autor denomina como uma “mito história” repetida por séculos (RESTALL, 2019, p. 54).

Para explicar o motivo da ênfase no encontro entre Cortés e Montezuma dentro dessa lógica da narrativa tradicional, Restall analisa a construção dos dois personagens: Cortés e Montezuma. Um dos fatores que aparece nessa narrativa tradicional é a presença de um Cortés estratégista como parte fundamental para a vitória dos espanhóis. É criada

a imagem de um Conquistador que tinha controle absoluto sobre tudo o que acontecia e todas as suas decisões teriam sido certeiras. Desde o envio das riquezas diretamente para a Coroa, as alianças feitas com diferentes povos, os caminhos tomados até a cidade. Tudo isso é contado de uma forma que engrandece as habilidades de Cortés e o coloca como grande herói dessa narrativa. Esse mesmo Cortés, heroico e estrategista, é o personagem que irá não só derrubar a capital asteca, mas causar a rendição de seu imperador (RESTALL, 2019, p. 59).

O que Restall questiona é toda a narrativa de seu encontro com Montezuma e a rendição do imperador. Para o autor, existiram várias narrativas sobre esse mesmo encontro, com algumas diferenças que incorporavam mais ou menos detalhes ao evento. O autor apresenta duas versões sobre o encontro que têm poucos anos de distanciamento, mas que apresentam soluções e explicações diferentes para o motivo de Montezuma ter se entregado. Uma diz que o imperador asteca sabia de uma profecia e aceitou a chegada dos espanhóis. Já outra retrata esses invasores de forma muito menos divina. A mais difundida das duas, consolidada pela narrativa tradicional foi a que Montezuma acreditava que os espanhóis eram parte de uma profecia antiga sobre o retorno dos deuses para assumir o que um dia foi deles. As versões dessa profecia se alteram, com versões escritas pelo próprio Cortés e Bernardino de Sahagún, mas o cerne da ideia permanece a mesma: Montezuma entrega o império aos espanhóis cumprindo a profecia. Logo, sua rendição não é um sinal de covardia, mas de crença nessa profecia (RESTALL, 2019, p. 63-71).

A outra forma que ajuda a explicar a rendição do imperador é a criação de uma imagem associada a Montezuma que destaca a sua covardia. Para isso, a profecia reaparece como motivo pelo qual Montezuma entregaria tão facilmente o império após o encontro, intensificando uma oposição com o líder espanhol: Enquanto Cortés é retratado como um hábil estrategista, o líder asteca seria covarde e hesitante. Apresentar um Montezuma como covarde enaltece o heroísmo de Cortés e reforça seus feitos. (RESTALL, 2019, p. 73).

Para a construção do antagonista, foi necessário um esforço para a criação do protagonista da Conquista. Restall dedica uma parte do seu livro a entender como a imagem de Cortés foi construída. Alguns fatores contribuíram para essa construção. Um deles é o costume europeu de escrever relatos com teor hagiográfico. Isso fica ainda mais claro com a publicação do texto de Gómara. Uma descrição da Conquista que buscava

objetividade e precisão, mas que se dedicou a ser uma apologia à imagem de Cortés (RESTALL, 2019, p. 168). Outro fator importante é a forma como a vida de Cortés é descrita, dando destaque aos seus feitos e, principalmente, como toda a sua história o levou a ser o grande conquistador. Por exemplo, destacando uma das vezes em que Cortés quase morreu, como se salvou de um naufrágio ao cruzar o Atlântico, que foi salvo por uma pomba "enviada por Deus", que guiou a embarcação perdida, chegando no Caribe no Domingo de Páscoa. Além disso, Cortés é descrito como um jovem impaciente, um prodígio frustrado que só precisa de uma oportunidade para fazer seu nome. Como se estivesse predestinado a ser conquistador. Era grandioso demais para a sua terra natal, era hábil para todas as coisas (RESTALL, 2019, p. 168).

Essa construção da imagem de Cortés como Conquistador ajuda a compreender a decisão de Gómara de praticamente circunscrever sua atuação à Conquista Espanhola. Gómara dedica menos de 2% do seu livro para narrar a vida de Cortés antes da Conquista. Sua narrativa, assim como a de outros escritores, como Francisco Cervantes, salta direto para o auge de sua vida, após sair de Cuba seguindo os mesmos caminhos dos relatos do próprio Cortés em suas cartas (RESTALL, 2019, p. 170).

O que Restall deixa bem claro, segundo sua análise, é que a narrativa tradicional evidencia uma atuação muito mais ampla e generalizada de Cortés, quando, na verdade, houve atuações tão importantes quanto a dele por parte de outros personagens. Cortés não teria sido extraordinário, mas um soldado típico e ordinário em seus primeiros anos no Caribe (RESTALL, 2019, p. 172). Alguns eventos apontados pelo autor demonstram como a narrativa tradicional é falha e pouco crível. Por exemplo, a suposta capacidade de Cortés de manipular politicamente as populações locais a seu favor, como os totonacas. Segundo Restall:

Pero esta fabricación de un doble juego cortesiano estaba diseñada para enmascarar el hecho de que era imposible que los españoles comprendieran la postura política y la manera de negociar de los aztecas y los totonacas. Los capitanes españoles no sabían nada sobre la relación histórica entre los grupos mesoamericanos, y para ellos el Imperio azteca era una vaga entidad que se encontraba a una distancia desconocida, con un poder y riqueza igualmente inciertos. (RESTALL, 2019, p. 196)

Restall defende que toda a expedição estava sendo seguida e guiada propositalmente para a capital a mando de Montezuma. Ou seja, todo o argumento acerca de um Cortés estrategista não passaria de uma construção da imagem do conquistador para que os espanhóis e, principalmente ele, fossem evidenciados. Não havia como os espanhóis compreenderem em tão pouco tempo as disputas políticas entre astecas e totonacas. O que foi estabelecido entre espanhóis e totonacas era uma aliança flexível, muito distante da ideia de rendição contada por Cortés. (RESTALL, 2019, p. 195-196)

Outro ponto discutido é a suposta liderança em tomadas de decisões importantes durante a expedição. Segundo a narrativa tradicional, Cortés aparece como a grande mente por trás de cada um dos passos dos espanhóis. Restall aponta para a existência de diferentes facções dentro da expedição, com integrantes de famílias importantes da Espanha que atuavam muito mais diretamente nas tomadas de decisão. Um exemplo dessa falsa liderança de Cortés acontece logo no início da expedição. A fundação da vila que elegeu Cortés, iniciando assim uma expedição própria na qual não havia mais o cargo de Velázquez.<sup>26</sup> Restall conclui através da análise de atas que alguns capitães criaram esse plano e viram em Cortés o líder necessário para essa decisão, pois ele não se oporia. Dito isso, a fundação da vila e a colocação de Cortés como líder se tornam acessórios de um plano arquitetado por uma facção de importantes nomes dentro da expedição, e não uma eleição que via Cortés como o único capaz de liderá-los (RESTALL, 2019, p. 199).

Para criar toda a narrativa do encontro e da rendição, a narrativa tradicional da Conquista criou o herói Hernán Cortés. Um líder estrategista, que manipulou as relações e inimizades do império para favorecê-lo, e que lutava contra um débil e frágil imperador asteca. No entanto, o que uma historiografia mais recente vem apontando é que Cortés perdeu o controle da situação mais de uma vez durante a Conquista, e que suas ações dependiam das facções que compunham a expedição. Além disso, muitas decisões foram tomadas em reação às ações dos astecas e, principalmente, dos líderes tlaxcaltecas. A própria rendição de Montezuma acaba por não fazer sentido, já que é narrada de forma rápida e com uma visão unilateral dos diálogos. Quando, segundo Restall, foram meses

---

<sup>26</sup> A fundação da Vila Rica de Veracruz acontece bem no início da expedição de Cortés. O evento, apresentado na primeira Carta de Relación de Cortés, diz que os interesses do então governador Diego Velazquez não estava alinhado com o potencial da campanha. Os espanhóis perceberam que aquela terra era muito mais rica para a Coroa, e a missão dada por Velázquez era de trazer o outro encontrado até ali de volta para Cuba. Segundo Cortés, era melhor aquele outro ser levado para a Coroa Espanhola, do que ser aproveitado por governador. Logo, a fundação da vila subscreveu as ordens de Velazquez, e dali em diante, toda a expedição estava a mando de Hernán Cortés (CORTEZ, 1986, p. 23).

juntos na cidade, e que para sua narrativa fazer sentido, o único jeito seria criar um Montezuma fraco e refém dos espanhóis (RESTALL, 2019, p. 223).

Como explicar então a construção da imagem de Hernán Cortés como grande herói da Conquista?

A imagem de Cortés foi associada aos mais diversos personagens históricos, para que seus feitos fossem tão impactantes quanto. Cortés foi associado aos antigos gregos e romanos, além de comparado a Júlio Cesar; Cortés seria tão grande quanto Alexandre; era não só comparável, mas superior, pois segundo algumas narrativas, Cortés seria melhor que os antigos pois levava também a fé cristã (RESTALL, 2019, p. 245-250).

A construção do protagonista, e do antagonista da Conquista, explicada por Restall mostram como uma narrativa, iniciada pelas *Cartas de Relación*, foram repetidas e expandidas por diferentes autores. Isso criou uma ideia de “verdade” sobre os eventos, sobre a qual praticamente não houve questionamentos. O exemplo usado por Restall, o encontro com Montezuma, é uma das partes que podem ser questionadas sobre essa narrativa tradicional. Logo, para reescrever a Conquista, Bernal Díaz precisou fazer um caminho parecido. Era preciso mudar o protagonista dessa narrativa para criar um novo herói.

#### **4.3 A Nova História da Conquista**

A Nova História da Conquista acompanha uma tendência na historiografia, influenciada pelas áreas da filologia e de línguas mesoamericanas, que a partir da análise de um corpus muito mais vasto e diversificado de fontes, tem dado enfoque a múltiplas perspectivas sobre os estudos das Américas. Segundo Restall, em seu artigo *The New Conquest History*, o desenvolvimento dessa nova corrente se estabelece através de alguns trabalhos a partir da década de 1990. Os estudos mais antigos dessa corrente, principalmente sobre a narrativa da Conquista, trabalharam com fontes que usavam como base textos já conhecidos, principalmente os textos de Hernán Cortés e o próprio Bernal Díaz ou versões modernas dessas narrativas, como os trabalhos de William Prescott.

Na década de 1990, surgiram, trabalhos que tinham em comum a utilização de pontos de vistas nunca abordados, como conquistadores que não eram conhecidos, estudos que reconstituíram a história indígena antes, durante e depois da Conquista, além da utilização das análises sobre a produção cultural do período colonial. Após os anos 2000, os trabalhos se concretizaram nesta nova corrente historiográfica, com pesquisas

que analisaram os papéis das comunidades nahuas e de outros aliados nas campanhas da Conquista. A utilização e tradução de fontes em náuatle também ajudou a compreender conceitos católicos entendidos pelos nahuas, criando uma nova forma de entender o catolicismo. Além disso, foram lançados trabalhos que expandiram a Conquista para outros lugares, incluindo regiões antes vistas como marginais, como Quito, Flórida e a Colômbia, por exemplo (RESTALL, 2012, p. 154).

Restall define como a Nova História da Conquista estabeleceu uma coesão através de cinco abordagens centrais. A primeira é a revisitação, que consiste na releitura ou revisão do que já foi estabelecido. No caso da Conquista, em que a maioria das fontes já foi publicada há décadas ou séculos, o objetivo seria abordar essas mesmas fontes com novas problemáticas, quebrando antigos paradigmas sobre fontes e personagens já conhecidos pela historiografia. A segunda abordagem seria a paleografia, que usa novas fontes ou aquelas pouco estudadas. A terceira abordagem é centrar as análises em novos protagonistas e observar aqueles que estão ignorados na narrativa da Conquista. Personagens como as mulheres, a população afrodescendente e povos nativos.. Como quarta abordagem, Restall aponta para os trabalhos que analisam a Conquista com o protagonismo nos nativos, desde sua terminologia como Nahuas, Quauque e chollans, até suas contribuições que vão de sua visão sobre os eventos até suas complexidades e contradições. Por último, há a necessidade de se romper com as fronteiras do México Central, explorando locais da Georgia à Guatemala, e para além da História, incluindo disciplinas como a Antropologia, História da Arte, Geografia, Literatura, etc., ampliando o número de abordagens possíveis com novas provas e novos protagonistas (RESTALL, 2012, p. 155-156).

Essas são algumas das muitas abordagens que circunscrevem a Nova História da Conquista, mas não se encerram nela. Sua ideia de ampliar horizontes da historiografia da Conquista tem espaço para muitas outras abordagens esquecidas, apagadas, novos protagonistas, novas fontes sobre esse complexo evento.

#### **4.4 Conquistadores Negros: Uma Narrativa Esquecida**

Até o momento, a complexidade da Conquista pode ser vista, através do olhar de um único autor. Bernal Díaz se propôs a eximir a narrativa do evento a fim de solucionar as suas próprias questões e colocar o protagonismo do evento nas mãos

devidas. Dessa forma, foi necessário um empreendimento literário grandioso, visto nos capítulos anteriores dessa pesquisa.

O que pretendemos mostrar nesse ponto é como a Conquista pode ser expandida para outros olhares e perspectivas, nas quais nem Cortés ou Bernal Díaz são protagonistas, ainda que seus escritos possam trazer importantes contribuições. Para isso, usaremos os trabalhos de alguns historiadores que se dedicaram a questionar a presença de outras vozes na Conquista. Trabalhos que se debruçaram sobre a presença e a participação dos negros, indígenas e mulheres. Para além das fontes mais conhecidas, tais autores foram atrás das lacunas historiográficas para responder suas questões, tornando esse evento de algo restrito ao mundo espanhol, em um fato histórico multicultural.

A Conquista é um evento complexo. Seus contemporâneos já viam como um dos maiores acontecimentos da História da humanidade. Porém, aos olhos desses mesmos contemporâneos, a invasão e dominação do Novo Mundo foi realizada exclusivamente por espanhóis. Durante toda a narrativa de Bernal Díaz, tudo que é representado durante o texto faz parte da construção dos feitos dos espanhóis. Cabe a eles requerer aquelas terras, suas riquezas, o trabalho indígena e sua completa assimilação. O Novo Mundo deve ser uma extensão da Espanha. Para isso, como vimos, a cultura dos nativos, sua religião e seu modo de vida deveriam ser substituídos no processo da aculturação. Esses fatores por si só já demonstram a complexidade do evento. Porém, há de se pontuar que, não só Bernal Díaz, mas outros escritores que narraram a Conquista pouco ou nada disseram sobre outros participantes desse evento.

Dentre os trabalhos que se dedicaram a analisar outros participantes da Conquista, estão os historiadores Kouakou Laurent Lalekou, David Sánchez e Peter Gerhard. Todos se dedicaram a questionar a presença negra na Conquista e, principalmente, a pensar sobre os motivos desses participantes nunca aparecerem nos textos produzidos no século XVI. Lalekou coloca um importante ponto sobre a Conquista: havia três protagonistas nesse evento, os espanhóis, os indígenas e os negros. Segundo ele, vários homens negros aportaram no Novo Mundo juntamente com os espanhóis. Os primeiros a chegar eram "ladinos", que já conheciam o espanhol e a cultura da Espanha, eram cristãos e compartilhavam várias habilidades com os espanhóis. Por esse motivo, seus preços eram mais elevados, pois podiam ser usados em terreno militar. Ou seja, a presença negra é concomitante à presença espanhola(LALEKOU, 2016, p. 140 - 141).

Dentro os nomes mais “famosos”, está o do Conquistador Juan Garrido. De acordo com Peter Gerhard, houve uma boa quantidade de homens negros livres embarcando em Sevilha em direção ao Novo Mundo. Suas identificações são bem difíceis, já que a maioria das referências a esses homens não ultrapassam a barreira da cor, sendo chamados de "negros". Juan Garrido provavelmente foi um dos que não foi identificado pelo nome, mas que, segundo o próprio Conquistador, esteve presente na Conquista de México-Tenochtitlán juntamente com Cortés. Seu nome aparece num pequeno resumo dos seus serviços enviados à Coroa Hispânica. Segundo Gerhard, ele foi um homem livre, que se tornou cristão em Portugal e esteve presente na Conquista asteca e de outros locais. Foi o primeiro a semear a cultura de trigo no Novo Mundo, além de outras culturas trazidas para a Nova Espanha, chegando a ser descrito por Gómara em sua crônica:

Un negro de Cortés, que se llamaba, según pienso, Juan Garrido, sembró en un huerto tres granos de trigo que halló en un saco de arroz; nacieron los dos, y uno de ellos tuvo ciento y ochenta granos. Tornaron luego a sembrar aquellos granos, y poco a poco hay infinito trigo: da uno ciento, y trescientos, y aún más lo de regadío y puesto a mano; siembra uno, siegan otro, y otro está verde, y todo a un mismo tiempo; y así, hay muchas cogidas por año. A un negro y esclavo se debe tanto bien (GÓMARA, 1979, p. 447).

Garrido também esteve presente na derrota de Cortés no evento conhecido como *Noche Triste*. Apareceu na Conquista dos territórios de Michoacán e Zacatula em 1524. Posteriormente, se instalou fora da cidade onde trabalhou como minerador. Apareceu novamente em 1524 ao lado de Cortés, retornando ao México e indo em direção à Califórnia com alguns nativos. Há algumas dúvidas sobre os anos finais de sua vida, mas podemos datar sua morte entre 1547-1550 devido a uma das várias epidemias que assolavam periodicamente a região (GERHARD, 1978, p 453-459).

A fonte mais importante sobre a sua presença na América é a *probanza de mérito* escrita por Garrido aos 58 anos, presente na Ata do cabildo da Cidade do México em 5 de outubro de 1537. No documento, o conquistador reforça todos os seus feitos e reclama para si uma probanza por suas ações:

Yo, Juan Garrido, residente de color negro, vecino de esta ciudad (de México), me presento ante Su Merced y declaro que tengo la necesidad de hacer una probanza a perpetuidad (del) Rey, un reporte de como serví a Su Majestad en la Conquista y pacificación de ésta Nueva España, del tiempo cuando el Marqués del Valle (Cortés) la llevó a cabo; en su compañía estuve presente en todas las invasiones y Conquistas y pacificaciones que se llevaron a cabo, siempre con el Marqués, todo lo hice a mis expensas sin recibir salario o repartimiento de indios, o alguna otra cosa. Soy casado y residente en esta ciudad, donde siempre he vivido; y también como fui a descubrir y pacificar las islas de San Juan de Buriquén de Puerto Rico; y también como fui a la pacificación y Conquista de la isla de Cuba por el adelantado Diego Velázquez; en todas estas maneras por treinta y cinco años he servido y sigo sirviendo a Su Majestad, por estas razones me dirijo a Su Merced. También porque fui el primero en tener la inspiración de sembrar trigo aquí en la Nueva España y ver si crecía; esto lo hice a mis expensas (SÁNCHEZ, 2020, p. 273).

Se a participação de homens negros na Conquista é tão extensa, como ela foi abordada pelos historiadores e cronistas do período? As menções são poucas e bastante vagas. Bernal Díaz cita a presença de homens negros durante as campanhas de Cortés, porém sem nomeá-los. Em outro momento, o autor identifica os africanos que acompanharam Pánfilo de Narváez como causadores da disseminação de um vírus que matou muitos nativos. Bernal Díaz coloca no negro a culpa por trazer o vírus até o continente americano. O religioso franciscano Toribio de Benavente Motolinía também culpa a presença negra na América como razão para uma epidemia. O negro foi constantemente relacionado com o caráter religioso de ser o pecado, o mal e o demônio (NAVA, 2020, p. 1-2). Outra representação do negro aparece na descrição do religioso Jerónimo de Mendieta que, ao descrever um homem negro, o compara a um demônio, já que “*un ángel no podía ser un “negro”*” (NAVA, 2020, p. 4).

A forma como a imagem do negro é descrita, como algo mal, demoníaco e pecaminoso, vai de encontro à interpretação dos espanhóis que associaram a imagem dos deuses astecas à idolatria. Rosário Nava destaca em sua pesquisa que os nativos pré-hispânicos pintavam alguns de seus deuses na cor negra. Quetzalcoatl, Tezcatlipoca, Xólotl, Nanáhualt, entre outros, eram pintados em códices como o *Borgia* e o *Nuttall*, com a pele totalmente negra. Segundo Nava, a cor negra para os indígenas não representava o

mal, mas poder. Era usada para denotar Conquista, sacerdócio, legitimação e extensão de poder (NAVA, 2013, p. 87).

Ainda que incipiente, a ideia de pesquisar sobre conquistadores negros abre uma série de questionamentos sobre a Conquista. Graças aos recentes trabalhos sobre os mais diversos protagonistas desse evento, suas complexidades e contradições, a História sobre a Conquista Hispânica tem se tornado cada dia mais revisitada. Apesar dos problemas relacionados às fontes, ainda há muito o que se saber sobre personagens tão novos quanto Juan Garrido. Um dos exemplos é o trabalho da pesquisadora Rosário Nava, que encontrou nas suas análises dos Códices Náuatles, mais especificamente no Códice Azcatitlan a presença de um personagem negro. Ou mesmo nas representações mais modernas da Conquista Hispânica, como a série Hernán, produzida pela *Amazon Prime*, e que possui um personagem negro entre os integrantes da campanha espanhola.

Na tentativa de recontar a conquista a partir de seus próprios feitos, Bernal Díaz criou uma nova Conquista. Sem a presença tão fundamental de Hernán Cortés, dando nomes a todos os participantes, detalhando cada dia de batalha, e lembrando ao leitor de quem é o mérito da Conquista. A alteração de protagonismo feita por Bernal Díaz, mesmo que por motivos próprios e pessoais, tornou possível analisar o mesmo evento de uma ótica diferente. A História da Conquista, que já possuía uma narrativa dita como “oficial”, com a crônica de Bernal Díaz tem se uma nova forma de contar. De certa forma, há uma abertura para que novas perspectivas sobre a Conquista possam ser analisadas e estudadas. Dando ainda mais profundidade e complexidade ao acontecimento. Mesmo sendo um outro espanhol falando de suas conquistas, cria-se espaço para que outros personagens também possam ser ouvidos.

## Conclusão

A narrativa de Bernal Díaz já foi analisada dos mais diversos meios. Com métodos diferentes, de forma comparada ou isolada, através de leituras hispânicas, inserindo seu texto no campo da literatura, entre outros. Isso demonstra como, ainda nos dias de hoje, seu texto é importante e, principalmente, intrigante. Longe de exaurir as dezenas de questões possíveis sobre a crônica, a presente pesquisa se focou em uma questão, que abriu algumas outras a serem respondidas. A questão principal era pensar qual era o objetivo de Bernal Díaz ao escrever sua crônica? A hipótese, sustentada por toda a pesquisa, é a de que o cronista tinha como objetivo reescrever a Conquista, alterando o protagonismo para si próprio. Dessa forma, foram necessários analisar quatro aspectos, nos quatro capítulos da pesquisa.

Primeiro, pensar quem é Bernal Díaz, antes mesmo da escrita da crônica. Isso nos ajudou a entender como o soldado da campanha militar espanhola se tornou escritor. Observamos que o principal fator que o motivou e que marca boa parte do seu texto foi imprimir na Conquista a sua visão como espectador principal dos eventos. Ele esteve nos acontecimentos, viu e ouviu cada palavra escrita. Porém, o distanciamento e sua idade lhe concederam mais do que narrar os fatos, mas reescrever esses eventos a partir de seu ponto de vista. Por isso observamos tantos “Eu” ao longo do texto, além de um debate entre um Bernal Díaz jovem e corajoso com outro já velho e temeroso quanto aos seus dias finais. A crônica, apesar de não chegar a tempo de beneficiar o autor, foi usada por seus descendentes como amostra dos seus feitos a fim de que eles conseguissem seus direitos perante a Coroa.

No segundo capítulo, buscamos ressaltar que, em sua obra, Bernal Díaz buscou insistente desmentir e corrigir seu contemporâneo, Francisco López de Gómara. Sua busca por correção e, principalmente, pelo que considerava ser a verdade dos fatos criou divergências notáveis entre ambos os textos. Ao compararmos o mesmo evento, nas mesmas datas e situações, notamos como Bernal Díaz preferiu alterar e escrever de forma que a sua crônica minimizasse o caráter providencialista da Conquista para dar ainda mais ênfase aos feitos humanos dos Conquistadores, incluindo ele próprio.

No terceiro capítulo, analisamos como Bernal Díaz descreveu o Novo Mundo, elencando o que ele achou de mais relevante sobre o outro. Destacamos a forma como ele observou a religião nativa, caracterizando-a como demoníaca e contrária à fé cristã. Ao mesmo tempo, compreendemos que cada um desses pontos faz parte de sua estratégia de representar o outro de forma que esses elementos ajudassem a elevar seus feitos, tornando a Conquista militar também uma Conquista Espiritual da qual ele esteve no centro desses dois processos. A construção do outro na crônica obedece ainda ao seu objetivo, de torná-lo protagonista dos feitos espanhóis.

No quarto e último capítulo, entendemos como toda a narrativa tradicional que coloca Cortés como protagonista da Conquista pode ser problematizada e questionada quando revisitada por historiadores da Nova História da Conquista. Cortés, segundo Restall, não é o grande herói incansável, corajoso, estrategista, conforme descrito em suas cartas e repetido por diversos autores que as usaram como referência. O que vimos foi uma imagem construída de um herói que, repetida diversas vezes, não foi questionada. Bernal Díaz faz parte dessas repetições, até o momento em que ele necessitou de Cortés. A escrita da crônica, analisando através de seus últimos capítulos, coloca não só os espanhóis como verdadeiros heróis, como Cortés no lugar daquele que os abandonou. Bernal Díaz, através de seu monólogo, reforça nossa hipótese ao enfatizar o protagonismo de soldados comuns como ele mesmo. Assim, a injustiça cometida contra os conquistadores que sobreviveram seria revista e ajustada através da escrita da crônica.

No esforço de responder uma questão, várias outras foram sendo respondidas, mas que permeiam o mesmo fio condutor que moveu essa pesquisa. O interesse pelo personagem e pela crônica são os motores desse texto, e responder as questões foi um exercício de análise, método, leituras e mais leituras, para que a principal questão fosse viável.

## Fontes

CASTILLO, Bernal Díaz del. **Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España.** México, Fernández Editores, 1961.

CASTILLO, Bernal Díaz del. **Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España.** Madrid, Editorial Historia 16: Crónicas de America, 1984. Apresentação de Miguel León-Portilla.

CASTILLO, Bernal Díaz del. **Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España.** Barcelona: Linkgua Ediciones S.L., 2009

## Referências Bibliográficas

CARDOSO, Ciro Flamarión. Uma opinião sobre as representações sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarión *et al* (org.). **Representações:** contribuições a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000. P. 9-39

CASTILLO, Bernal Díaz del. **Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España.** Madrid, Real Academia Española, 2011. Apresentação de Guillermo Serés.

CÁZARES, María del Carmen León. "Francisco López de Gómara". In: MEDINA, Juan A. Ortega y *et al* (org.). **Historiografía mexicana:** volumen ii. la creación de una imagen propia. la tradición española tomo 1: historiografía civil. Cidade do México: Instituto de Investigaciones Históricas, 2019. p. 235-266.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações.** 2. ed. Lisboa: Difusão Editora de Lisboa, 1988.

CHARTIER, Roger. (1991). **O mundo como representação.** Estudos Avançados, 5(11), 173-191. <https://revistas.usp.br/eav/article/view/8601>.

CORTEZ, Hernan. **A Conquista do México.** Porto Alegre: L&Pm, 1986.

CORTÍNEZ, Verónica. "YO, BERNAL DIAZ DEL CASTILLO": ¿SOLDADO DE A PIE O IDIOTA SIN LETRAS? **Revista Chilena de Literatura**, Chile, v. 1, n. 41, p. 59-69, abr. 1992.

DURÁN, Manuel; DURAN, Manuel. Bernal Díaz del Castillo: crónica, historia, mito. **Hispania**, [S.L.], v. 75, n. 4, p. 795, out. 1992.

DUVERGER, Cristian. **Cortés e seu duplo: Pesquisa sobre uma mistificação.** São Paulo: Editora UNESP. 2012.

FISCHER, María Luisa. Bernal Díaz del Castillo, la memoria y la representación. **Revista Chilena de Literatura**, Chile, v. 44, p. 45-52, abr. 1994.

GERHARD, Peter. A Black Conquistador in Mexico. **The Hispanic American Historical Review**, Durham, v. 58, n. 3, p. 451, ago. 1978. JSTOR.

GIOACOMILLI, D. H. S. da S. Cortés ou Bernal Díaz? O Mistério sobre o verdadeiro autor de “Historia Verdadera de la Conquista de Nueva España. fólio - Revista de Letras, [S. l.], v. 11, n. 2, 2020.

GÓMARA, Francisco López de. **História de La Conquista de México**. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1979. Epílogo de Jorge Gurría Lacroix.

GUILLÉN, Guillermo Serés. Sobre la disputada autoría de la Historia verdadera de la conquista de la Nueva España. **Boletín de La Biblioteca de Menéndez Pelayo**, Cantabria, v. 81, p. 15-61, 2005.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ufmg, 1999.

HOLMES, Bonnie. La visión de La Malinche: lo histórico, lo mítico y una nueva interpretación. **Textos y contextos hispanoamericanos**. Profesor Julio Rodríguez, Otoño, 2005, p. 01-17.

JODELET, D.: Représentações sociais: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.) **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves- Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

JOSÉ, Maria Emilia Granduque. Instruções para a boa escrita da história na Espanha (séculos XVI – XVII). **Revista de História**, [S.L.], n. 178, p. 1-20, 3 set. 2019. Universidade de São Paulo, Agencia USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2019.143124>.

LALEKOU, Kouakou Laurent. Los negros y la construcción de la nación mexicana. **Humania del Sur**, Mérida, v. 23, n. 2016, p. 139-154, jul. 2017. Semestral.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **Fantasías de la temeridad**. 2013. Disponível em: <https://www.nexos.com.mx/?p=15254>. Acesso em: 17 nov. 2023.

MARTINEZ, Herón Pérez. LA REDACCIÓN DE LA HISTORIA VERDADERA DE BERNAL. **Estudios de Historia y Sociedad**, México, v. 23, n. 91, p. 40-73, fev. 2002.

MARTÍNEZ, María del Carmen Martínez. Bernal Díaz del Castillo: memoria, invención y olvido. **Revista de Indias**, [S. l.], v. 78, n. 273, p. 399–428, 2018. DOI: 10.3989/revindias.2018.012.

MARTÍNEZ, María del Carmen Martínez. Francisco López de Gómara y Hernán Cortés: nuevos testimonios de la relación del cronista con los marqueses del valle de oaxaca. **Anuario de Estudios Americanos**, [S.L.], v. 67, n. 1, p. 267-302, 30 jun. 2010. Editorial CSIC. <http://dx.doi.org/10.3989/aeamer.2010.v67.i1.339>.

MIGNOLO, Walter. Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. **Historia de La Literatura Hispanoamericana**, [s. l.], p. 57-116, 1982.

OBREGÓN, Luis González. **El Capitan Bernal Diaz del Castillo**. México: Biblioteca de Mexico, 1894.

OROZCO, Sebastián de Covarrubias. **Tesoro de la Lengua Castellana o Española**, 1611.

PELLICER, Rosa. La organización narrativa de la Historia verdadera de Bernal Díaz del Castillo. **Mester**, [S.L.], v. 18, n. 2, p. 83-93, 1989. California Digital Library (CDL).

RESTALL, Matthew. **Cuando Moctezuma conoció a Cortés**. Lisboa: Penguin Random House Grupo Editorial, 2019.

RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

RESTALL, Matthew. The New Conquest History. **History Compass**, Pennsylvania, p. 151-160, fev. 2012.

ROMÁN, Rosário Nava. Conquistadores Africanos. **Noticonquista**. Disponível em: <https://www.noticonquista.unam.mx/amoxtli/442/463>. Acesso em: 21 Agos. 2020.

ROMÁN, Rosario Nava. De la Adoración de los Reyes Magos al ixiptla de color negro: las capacidades de la imagen indígena frente a la imagen renacentista. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 01, n. 22, p. 82-110, 22 jul. 2013.

SANTOS, D. V. C. dos. ACERCA DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 27–53, 2014.

SEED, Patricia. **Cerimônias de posse na conquista europeia do Novo Mundo (1492-1640)**. São Paulo: Editora UNESP, 1999 (Capítulo 3, p. 101-141)

SILVA, Helenice Rodrigues da. A História como "A Representação do Passado": a nova abordagem da historiografia francesa. In: CARDOSO, Ciro Flamarion *et al* (org.). **Representações**: Contribuições a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000. p. 81-99.

SORIA, Julio César Pinto. Bernal Díaz del Castillo en Guatemala. **Iberoamericana**, Guatemala, v. 55, n. , p. 9-28, set. 2014.

SOUZA, Thiago Bastos de. **Vassalos-escritores e informações oficializadas**. A interferência política da Coroa Espanhola na escrita de Índias na segunda metade do século XVI (Novo Reino de Granada). 2021. 309 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

YAÑEZ, Agustín. Bernal Díaz, poeta épico, y otras apostillas. **Fichas Mexicanas**, [S.L.], p. 32-40, 1 jan. 1945. El Colegio de México.

ZANETTI, Susana; MANZONI, Celina. Historia verdadera de la conquista de la Nueva España de Bernal Díaz del Castillo. **500 Años de La Conquista de México**, [S.L.], p. 333-342, 1 jul. 2022. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. CLACSO.